



CRB

## Quadro programático da CRB para o triênio 2013-2016

### HORIZONTE

Como discípulos de Emaús, reconhecemos que estamos numa encruzilhada da nossa história. Aconteceram coisas que não esperávamos e nos perguntamos por nossa identidade e missão.

Creemos que Jesus Ressuscitado caminha conosco, aquece o nosso coração e nos convida, por sua Palavra, a viver a radicalidade do seguimento com alegria e esperança. Levantamo-nos com entusiasmo renovado para ir às fronteiras da missão, abraçando a causa dos pobres e dos jovens, ouvindo seus gritos e compartilhando suas dores. É humildemente imploramos: Permanece conosco! (cf. Lucas 24,13-35).

### PRIORIDADES

#### 1. Identidade e mística

Permanecer com Jesus, que caminha conosco e faz arder o coração, para reapropriar-nos do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada.

#### 2. Missão, profecia e juventudes

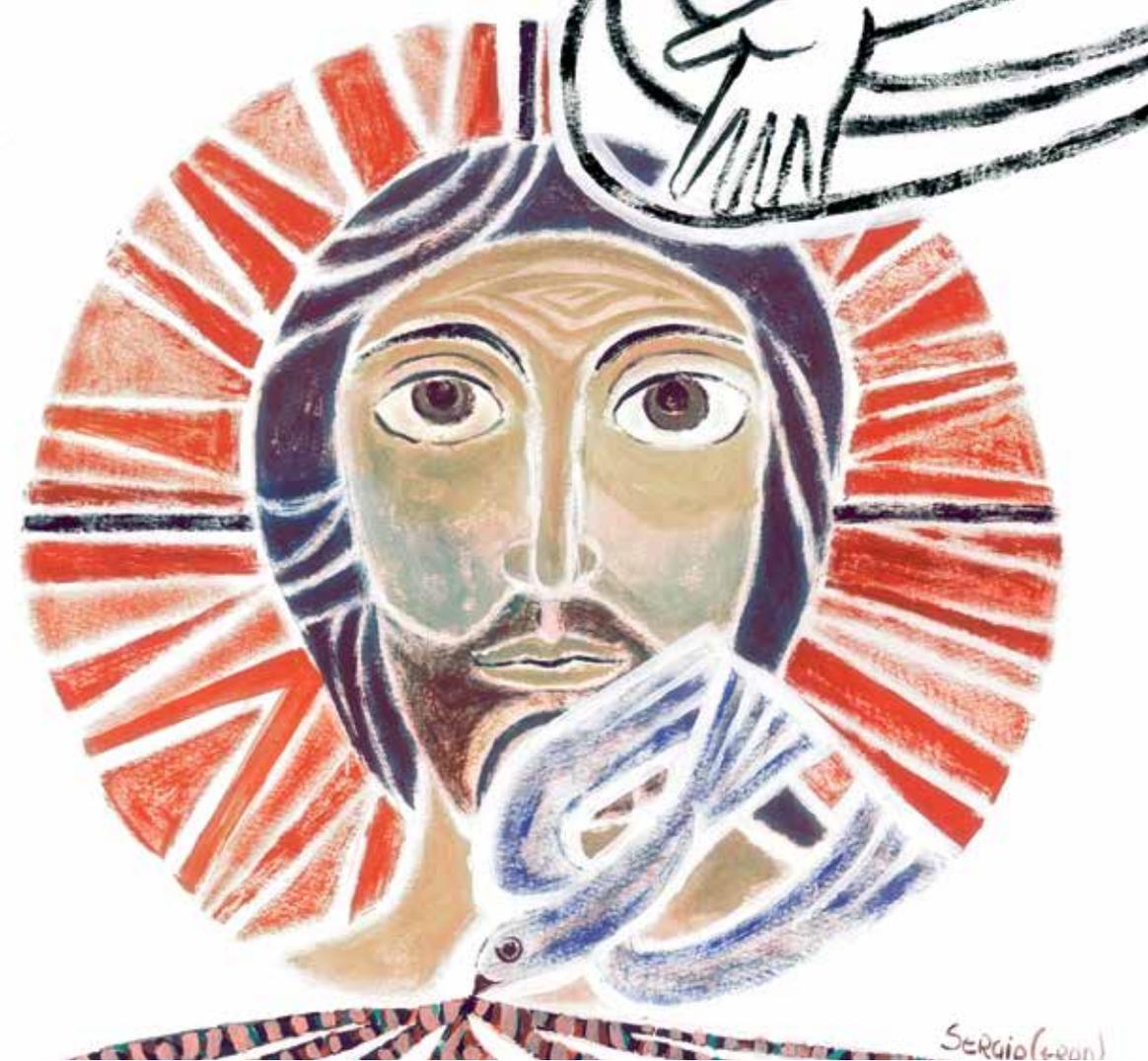
Priorizar a presença missionária e a atuação profética, nas situações de fronteira (humanas, geográficas, sociais e culturais) e periferias, com ênfase na realidade das juventudes e onde a vida é mais ameaçada.

#### 3. Intercongregacionalidade e leveza

Fortalecer a intercongregacionalidade e proporcionar a partilha de carismas e experiências, buscando maior leveza institucional, em vista da missão.

#### 4. Formação

Qualificar o processo formativo em todas as suas etapas e dimensões, com ênfase nas novas gerações, no cuidado e na hospitalidade, para humanizar as relações e viver intensamente a mística e a profecia.



# Convergência

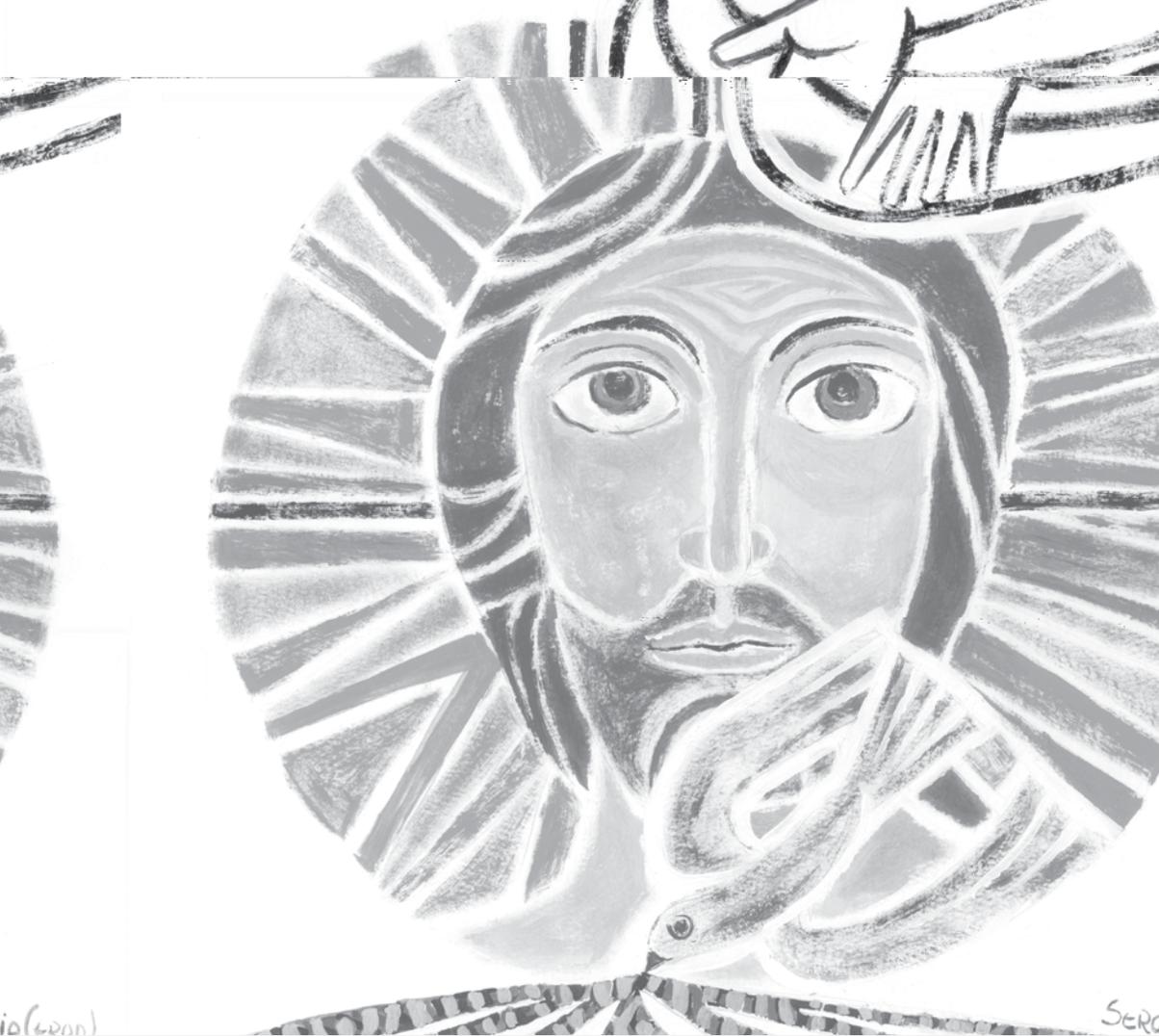
JULHO / AGOSTO 2016  
ANO LI • Nº 493

Dom Luciano,  
um religioso  
exemplar:  
lições de serviço  
aos pobres

Os LGBT e  
os desafios da  
evangelização

Por um mundo  
melhor, com  
pessoas mais  
misericordiosas

Recriar com amor  
a Vida Consagrada  
Apostólica:  
um caminho de  
discernimento e  
audácia



# Convergência

JULHO/AGOSTO 2016

ANO LI • Nº 493

Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



Convergência ISSN 0010-8162

**DIRETORA:** Irmã Maria Inês Ribeiro, mad  
**EDITOR:** Irmão Lauro Daros, fms  
**REDATORA:** Irmã Rosa Maria Martins Silva, mscs – MTb 0010693/DF

**CONSELHO EDITORIAL:** Frei Moacir Casagrande, ofmcap  
Irmã Helena Teresinha Rech, sst  
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp  
Jaldemir Vitório, sj  
João Edênio Valle, svd

**PROJETO GRÁFICO:** Manuel Rebelato Miramontes  
**COORDENAÇÃO DE REVISÃO:** Marina Mendonça  
**REVISÃO:** Mônica Elaine G. S. Costa e Ana Cecília Mari  
**IMPRESSÃO:** Gráfica de Paulinas Editora  
**ILUSTRAÇÃO DA CAPA:** Sergio Ceron

**DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**  
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 - Brasília - DF  
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409  
E-mail: crb@crbnacional.org.br  
www.crbnacional.org.br  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

## Sumário

### Editorial

A beleza da misericórdia 437

### Mensagem do Papa

Comunicação e misericórdia: um encontro fecundo 440

### Rosto misericordioso do Pai

O rosto da misericórdia: a emblemática história de Nora 445

Viver a misericórdia na acolhida às mulheres vítimas  
da violência do tráfico de pessoas 450

### Biografia dos mártires

Dom Luciano, um religioso exemplar:  
lições de serviço aos pobres 454

### Informes

*Talitha Kum*: uma Rede de Redes em movimento  
por todo o mundo, atuando no enfrentamento  
ao tráfico de pessoas! 465

Mensagem do 3º Congresso Nacional das Novas Gerações,  
realizado em Brasília-DF, de 6 a 9 de fevereiro de 2016 468

A Vida Religiosa Consagrada ao final de um  
Ano da Vida Consagrada 470

### Artigos

Os LGBT e os desafios da evangelização  
LUÍS CORRÊA LIMA 473

Por um mundo melhor, com pessoas mais misericordiosas  
JOSÉ CARLOS PEREIRA 492

Recriar com amor a Vida Consagrada Apostólica: um caminho de discernimento e audácia VINÍCIUS AUGUSTO RIBEIRO TEIXEIRA	505
Vida Consagrada e missão profética: uma perspectiva latino-americana TOMAZ HUGHES	530
Para uma espiritualidade a partir da Laudato Si' RAFAEL LOPEZ VILLASENOR	545
Vida Consagrada e Ano da Misericórdia IR. MARCELO CESAR SALAMI E IR. MARCOS ANTONIO DOS SANTOS	560

## A beleza da misericórdia

437

Na mensagem “Comunicação e misericórdia”, o papa Francisco comunica a beleza da misericórdia, pois é divina. “Aquilo que dizemos e o modo como o dizemos, cada palavra e cada gesto deveriam poder expressar a compaixão, a ternura e o perdão de Deus para todos. O amor, por sua natureza, é comunicação: leva a abrir-se, não se isolando. E, se o nosso coração e os nossos gestos forem animados pela caridade, pelo amor divino, a nossa comunicação será portadora da força de Deus.”

Dois relatos sobre ser o “Rosto misericordioso do Pai” denunciam o quanto ainda a sociedade está longe de ser o Rosto do Pai. Irmã Maria Helena Morra, com o texto “O rosto da misericórdia”, traz a emblemática história de Nora, traficada para fins de exploração sexual aos 13 anos, permanecendo no confinamento por vinte anos. Irmã Roselei Bertoldo, no texto “Viver a misericórdia na acolhida às mulheres vítimas da violência do tráfico de pessoas”, fala de três rostos concretos: Nara, Sílvia e Lia, vítimas do tráfico humano no contexto amazônico.

Pe. Francesco Sorrentino apresenta um belo texto sobre Dom Luciano, nos dez anos de seu falecimento, em que o descreve como um homem a caminho dos altares, um religioso exemplar, “pérola preciosa”. Declara o autor: “o presente artigo retoma alguns traços do testemunho de Dom Luciano Mendes de Almeida (1930-2006), jesuíta, servo dos pobres, a caminho para a beatificação e canonização”.

Irmã Eurides oferece informes sobre o II Encontro de Coordenação da Rede Internacional da Vida Consagrada contra o tráfico de seres humanos, *Talitha Kum*, que aconteceu em Roma, de 25 a 31 de janeiro de 2016. Do Encontro, saiu esta Declaração: “Nós, membros da *Talitha Kum*, a

Rede Mundial da Vida Consagrada contra o tráfico de pessoas, *denunciamos o crime do tráfico de pessoas, que consideramos uma grave ofensa contra a dignidade humana e uma séria violação dos direitos humanos*”.

Irmã Vanézia informa a Mensagem do 3º Encontro Nacional das Novas Gerações, realizado em Brasília – DF, de 6 a 9 de fevereiro de 2016. A Mensagem inicia-se nestes termos: “Queremos sair da indiferença que nos faz invisíveis às necessidades dos outros”. E termina assim: “Somos Novas Gerações que se põem a caminho e voltam às suas realidades tocadas e tocados pela energia do bem e a chama da esperança”.

Pe. Abimael escreve sobre o essencial do Ano da Vida Consagrada, com o texto “A Vida Religiosa Consagrada ao final de um Ano da Vida Consagrada”. “Quando se tem muito, eleger o que é essencial não é fácil. Requer tempo e muita atenção. A nós religiosos isso se chama discernimento à luz do Espírito de Deus. Portanto, a alegria não é uma magia, é uma opção de quem resolve eleger o essencial para guardá-lo, vivê-lo e anunciá-lo. Que o Ano da Vida Religiosa Consagrada nos tenha ajudado a isto, a eleger o essencial.”

Pe. Luís Corrêa Lima publica um texto inédito para a *Convergência*, ao desenvolver o tema “Os LGBT e os desafios da evangelização”. Ele afirma que: “A solicitude pastoral da Igreja também deve contemplar os LGBT (*Gays*, *Lésbicas*, *Bissexuais*, *Travestis* e *Transexuais*). Um dos sinais mais notáveis do mundo atual é a visibilização desta população. (...) Tal visibilização também manifesta os problemas que os afligem. Há uma forte aversão a homossexuais: a homofobia; e a travestis e transexuais: a transfobia. Esta aversão produz diversas formas de violência física, verbal e simbólica contra estas pessoas”.

Pe. José Carlos, em notável texto poético, mescla o Ano da Misericórdia e a *Laudato Si'*, o cuidado da casa comum. Expressa: “... quem não enxerga a beleza da criação de Deus, dificilmente a respeitará e tampouco agirá com misericórdia e compaixão, e, portanto, não irá cuidar dessa criação, pois se torna um ser indiferente e, portanto, insensível”.

“Recriar com amor a Vida Consagrada Apostólica: um caminho de discernimento e audácia” é o terceiro texto do Pe. Vinícius. O primeiro foi publicado em novembro de 2015, com o título “Um olhar sobre a Vida Consagrada Apostólica: nas trilhas do Vaticano II e do papa Francisco”. O segundo está na Revista de janeiro/fevereiro de 2016, com o nome “Redescobrir-se com fé: um apelo à Vida Consagrada Apostólica”. Neste terceiro texto, o autor diz que, “em meio aos avanços e retrocessos, às preocupações e tentativas que delinham o momento presente da Vida Consagrada Apostólica (VCA), é possível divisar horizontes e desafios que a convocam a criar ou a recriar condições de efetivação e aprimoramento de seu *núcleo identitário*”.

Pe. Tomaz Hughes, da Equipe Interdisciplinar da CRB, analisa o Vaticano II e as suas consequências transformadoras na Igreja e na VRC. Opina o autor que “poucos previam a enorme transformação que ocorreria com a rapidez de um *tsunami* na Vida Religiosa Consagrada (VRC)”.

Pe. Rafael Lopez, também da Equipe Interdisciplinar da CRB, aborda a espiritualidade a partir da *Laudato Si'*. Ele explica: “Este artigo tem como finalidade provocar uma reflexão de princípios, valores e atitudes integradas à espiritualidade, a partir da Encíclica *Laudato Si'* do papa Francisco. Na realidade atual, a Vida Religiosa Consagrada é chamada a desenvolver uma espiritualidade comprometida com o ecossistema, que integre a relação da humanidade com a natureza. Em outras palavras, a vida humana necessita estar norteada por uma espiritualidade que garanta o equilíbrio ecológico do universo”.

Os irmãos Marcelo Cesar e Marcos Antônio, lassalistas, discorrem sobre a “Vida Consagrada e o Ano da Misericórdia”. Para eles, “o Jubileu é tempo favorável para nos voltarmos para Deus de todo o coração, para louvar e agradecer com júbilo pelas graças recebidas; é também tempo conveniente para acolher graças especiais de Deus, através do serviço da Igreja, e para buscar mais intensamente o *encontro* com ele e com os irmãos e irmãs”.

*Ir. Lauro Daros, marista*

## Comunicação e misericórdia: um encontro fecundo

*Queridos irmãos e irmãs!*

O Ano Santo da Misericórdia convida-nos a refletir sobre a relação entre a comunicação e a misericórdia. Com efeito a Igreja unida a Cristo, encarnação viva de Deus Misericordioso, é chamada a viver a misericórdia como traço característico de todo o seu ser e agir. Aquilo que dizemos e o modo como o dizemos, cada palavra e cada gesto, deveria poder expressar a compaixão, a ternura e o perdão de Deus para todos. O amor, por sua natureza, é comunicação: leva a abrir-se, não se isolando. E, se o nosso coração e os nossos gestos forem animados pela caridade, pelo amor divino, a nossa comunicação será portadora da força de Deus.

Como filhos de Deus, somos chamados a nos comunicar com todos, sem exclusão. Particularmente próprio da linguagem e das ações da Igreja é transmitir misericórdia, para tocar o coração das pessoas e sustentá-las no caminho rumo à plenitude daquela vida que Jesus Cristo, enviado pelo Pai, veio trazer a todos. Trata-se de acolher em nós mesmos e irradiar ao nosso redor o calor materno da Igreja, para que Jesus seja conhecido e amado; aquele calor que dá substância às palavras da fé e acende, na pregação e no testemunho, a “centelha” que os vivifica.

A comunicação tem o poder de criar pontes, favorecer o encontro e a inclusão, enriquecendo assim a sociedade. Como é bom ver pessoas esforçando-se por escolher cuidadosamente palavras e gestos para superar as incompreensões, curar a memória ferida e construir paz e harmonia. As palavras podem construir pontes entre as pessoas, as famílias, os grupos sociais, os povos. E isto acontece tanto no ambiente

físico como no digital. Assim, palavras e ações hão de ser tais que nos ajudem a sair dos círculos viciosos de condenações e vinganças que mantêm prisioneiros os indivíduos e as nações, expressando-se através de mensagens de ódio. Ao contrário, a palavra do cristão visa fazer crescer a comunhão e, mesmo quando deve com firmeza condenar o mal, procura não romper jamais o relacionamento e a comunicação.

Por isso, queria convidar todas as pessoas de boa vontade a redescobrirem o poder que a misericórdia tem de curar as relações dilaceradas e restaurar a paz e a harmonia entre as famílias e nas comunidades. Todos nós sabemos como velhas feridas e prolongados ressentimentos podem aprisionar as pessoas, impedindo-as de comunicar e reconciliar-se. E isto se aplica também às relações entre os povos. Em todos estes casos, a misericórdia é capaz de implementar um novo modo de falar e dialogar, como exprimiu muito eloquentemente Shakespeare: “A misericórdia não é uma obrigação. Desce do céu como o refrigério da chuva sobre a terra. É uma dupla bênção: abençoa quem a dá e quem a recebe” (*O mercador de Veneza*, Ato IV, Cena I).

É desejável que também a linguagem da política e da diplomacia se deixe inspirar pela misericórdia, que nunca dá nada por perdido. Faço apelo sobretudo àqueles que têm responsabilidades institucionais, políticas e de formação da opinião pública, para que estejam sempre vigilantes sobre o modo como se exprimem a respeito de quem pensa ou age de forma diferente e ainda de quem possa ter errado. É fácil ceder à tentação de explorar tais situações e, assim, alimentar as chamas da desconfiança, do medo, do ódio. Pelo contrário, é preciso coragem para orientar as pessoas em direção a processos de reconciliação, mas é precisamente tal audácia positiva e criativa que oferece verdadeiras soluções para conflitos antigos e a oportunidade de realizar uma paz duradoura. “Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. (...) Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,7.9).

Como gostaria de que o nosso modo de comunicar e também o nosso serviço de pastores na Igreja nunca expressassem

o orgulho soberbo do triunfo sobre um inimigo, nem humilhassem aqueles que a mentalidade do mundo considera perdedores e descartáveis! A misericórdia pode ajudar a mitigar as adversidades da vida e dar calor a quantos têm conhecido apenas a frieza do julgamento. Seja o estilo da nossa comunicação capaz de superar a lógica que separa nitidamente os pecadores dos justos. Podemos e devemos julgar situações de pecado – violência, corrupção, exploração etc. –, mas não podemos julgar as pessoas, porque só Deus pode ler profundamente no coração delas. É nosso dever admoestar quem erra, denunciando a maldade e a injustiça de certos comportamentos, a fim de libertar as vítimas e levantar quem caiu. O Evangelho de João lembra-nos de que “a verdade [nos] tornará livres” (Jo 8,32). Em última análise, esta verdade é o próprio Cristo, cuja misericórdia repassada de mansidão constitui a medida do nosso modo de anunciar a verdade e condenar a injustiça. É nosso dever principal afirmar a verdade com amor (cf. Ef 4,15). Só palavras pronunciadas com amor e acompanhadas por mansidão e misericórdia tocam os nossos corações de pecadores. Palavras e gestos duros ou moralistas correm o risco de alienar ainda mais aqueles que queríamos levar à conversão e à liberdade, reforçando o seu sentido de negação e defesa.

Alguns pensam que uma visão da sociedade enraizada na misericórdia seja injustificadamente idealista ou excessivamente indulgente. Mas tentemos voltar com o pensamento às nossas primeiras experiências de relação no seio da família. Os pais amavam-nos e apreciavam-nos mais pelo que somos do que pelas nossas capacidades e os nossos sucessos. Naturalmente os pais querem o melhor para os seus filhos, mas o seu amor nunca esteve condicionado à obtenção dos objetivos. “A casa paterna é o lugar onde sempre és bem-vindo” (cf. Lc 15,11-32). Gostaria de encorajar a todos a pensar a sociedade humana não como um espaço onde estranhos competem e procuram prevalecer, mas antes como uma casa ou uma família onde a porta está sempre aberta e se procura aceitar uns aos outros.

Para isso é fundamental escutar. Comunicar significa partilhar, e a partilha exige a escuta, o acolhimento. Escutar é muito mais do que ouvir. Ouvir diz respeito ao âmbito da informação; escutar, ao invés, refere-se ao âmbito da comunicação e requer a proximidade. A escuta permite-nos assumir a atitude justa, saindo da tranquila condição de espectadores, usuários, consumidores. Escutar significa também ser capaz de compartilhar questões e dúvidas, caminhar lado a lado, libertar-se de qualquer presunção de onipotência e colocar, humildemente, as próprias capacidades e dons ao serviço do bem comum.

Escutar nunca é fácil. Às vezes é mais cómodo fingir-se de surdo. Escutar significa prestar atenção, ter desejo de compreender, dar valor, respeitar, guardar a palavra alheia. Na escuta, consoma-se uma espécie de martírio, um sacrifício de nós mesmos em que se renova o gesto sacro realizado por Moisés diante da sarça ardente: descalçar as sandálias na “terra santa” do encontro com o outro que me fala (cf. Ex 3,5). Saber escutar é uma graça imensa, é um dom que é preciso implorar e depois exercitar-se a praticá-lo.

Também *e-mails*, SMS, redes sociais, *chats* podem ser formas de comunicação plenamente humanas. Não é a tecnologia que determina se a comunicação é autêntica ou não, mas o coração do homem e a sua capacidade de fazer bom uso dos meios ao seu dispor. As redes sociais são capazes de favorecer as relações e promover o bem da sociedade, mas podem também levar a uma maior polarização e divisão entre as pessoas e os grupos. O ambiente digital é uma praça, um lugar de encontro, onde é possível acariciar ou ferir, realizar uma discussão proveitosa ou um linchamento moral. Rezo para que o Ano Jubilar, vivido na misericórdia, “nos torne mais abertos ao diálogo, para melhor nos conhecermos e compreendermos; elimine todas as formas de fechamento e desprezo e expulse todas as formas de violência e discriminação” (*Misericordiae Vultus*, 23). Em rede, também se constrói uma verdadeira cidadania. O acesso às redes digitais implica uma responsabilidade pelo outro, que não vemos mas é real, sendo que sua dignidade deve ser

respeitada. A rede pode ser bem utilizada para fazer crescer uma sociedade sadia e aberta à partilha.

A comunicação, os seus lugares e os seus instrumentos permitiram um alargamento de horizontes para muitas pessoas. Isto é um dom de Deus, e também uma grande responsabilidade. Gosto de definir este poder da comunicação como “proximidade”. O encontro entre a comunicação e a misericórdia será fecundo à medida que gerar uma proximidade que cuida, conforta, cura, acompanha e faz festa. Num mundo dividido, fragmentado, polarizado, comunicar com misericórdia significa contribuir para a boa, livre e solidária proximidade entre os filhos de Deus e irmãos em humanidade.

*Vaticano, 24 de janeiro de 2016.*

*Franciscus*

## A emblemática história de Nora

*No teatro da memória,  
as mulheres são sombras tênues.*  
Michelle Perrot

O fenómeno da barbárie foi construído historicamente como parte integrante do processo civilizatório. Michel Houellebecq (2013, pp. 73-74) considera que não se pode esperar que a prática da violência se acabe no género humano. Registros evidenciam este lado animal de matilha, um desejo de violentar seres humanos, despedaçá-los, construir conjuntos vazios nos espaços interiores das vítimas. Talvez fosse necessário desvendar os mecanismos que mobilizam pessoas a agir contra seus semelhantes. Como qualificar o impulso de destruir a sua dignidade, mutilá-los, e mesmo transformá-los em mercadoria? O que impede as vítimas de buscar sustentação contra as formas de opressão?

Esses e outros cenários abrem espaços para a narrativa da história de Nora, traficada para fins de exploração sexual aos 13 anos, em 1967, permanecendo no confinamento por vinte anos. Aconteceu na madrugada de 9 de novembro de 1954, na cidade do Rio de Janeiro. Uma estudante marroquina abandona na Roda dos Desvalidos da Santa Casa de Misericórdia sua filha recém-nascida. Livra-se de um pesadelo: mulher de família islâmica não pode ser mãe solteira.

A criança crescerá sem conhecer seus pais biológicos. Quando adulta, relata lembrar-se com carinho dos pais que a criaram. Sua mãe adotiva a tirou da Roda dos Desvalidos por ser funcionária da instituição. Seus pais adotivos criaram mais dez crianças. Gostavam de jogos de azar e, aos poucos, surgiram dificuldades financeiras. Através de uma

bolsa de estudos, conseguida de um juiz de Direito, Nora, aos 5 anos, foi para um colégio de religiosas, em Petrópolis, RJ. Lá ficou até os 13 anos, quando da morte do magistrado. Nas raras visitas da mãe, ouvia dela: “dignidade sempre, minha filha (...) este é um lugar onde aprenderá a sobreviver; (...) como ser humano você é Nora. Mas, dentro de sua consciência, é uma águia. Com o tempo, irá aprender a sabedoria da águia”. Isso porque a entrevistada comenta o fato de, entre os filhos adotivos, ser a única mulata.

No colégio, Nora recebe uma educação exemplar, incluindo aprendizados domésticos e cuidados com as irmãs doentes. Inteligência precoce, Nora tudo assimilava. Aprendeu ainda a ouvir. Ouvir mais do que falar. Não lhe permitiam comentários sobre a vida alheia. Deveria cuidar apenas da sua vida: “Não vejo, não escuto, não falo”. Era o lema.

Ao perder a bolsa de estudos, Nora retorna à casa dos pais adotivos. Enraizada em seu coração a fé em Deus, não a religião, ele passa a sustentá-la. Sua mãe de criação é considerada uma luz em seu caminho. Mas uma sobrinha de sua mãe, madrinha de batismo de Nora, culta e inteligente, representou trevas em sua vida. Mulher sem escrúpulos, foi responsável por levá-la para fora do país, aliciada e confinada pelo tráfico.

Em 1967, após sair do colégio, sua madrinha começa a procurá-la para trocar ideias. Nessa idade Nora já era uma mulher alta, de corpo elegante e muito bonita: mulata, com olhos cinza-claro. A madrinha vai injetando em sua mente que, se fosse para Europa, como babá de família rica, ajudaria os seus que passavam dificuldades financeiras: os pais viciados em jogos de azar, a avó, os tios... um grupo de pessoas empobrecidas, lembrando a situação de moradores de rua. A madrinha falava, falava a uma pré-adolescente assustada e amorosa. O trabalho de persuasão durou uns seis meses. Quando a afilhada pergunta quanto ganharia, a madrinha responde: “Muito dinheiro. Você vai prestar contas deste dinheiro a uma pessoa que irá conhecer. Você vai nos tirar do fundo do poço. Estamos quebrados, vivendo juntos”.

Nora, com 13 anos e alguns meses, viaja em companhia da madrinha para a Itália. Em seus documentos consta a idade de 18 anos. Nora era uma mulher feita, o organismo formado, podendo ter relações sexuais e engravidar. Em primeiro lugar foi vendida a um conde, homem rico que gostava de meninas mulatas e virgens. A madrinha lhe ensina como se comportar e as habilidades com o corpo. Nora relata: “Obedeci, obedeci... estava machucada por dentro. Tudo era novo, muito agressivo e absurdo... Fui tomando consciência da situação que deveria viver a partir daquele momento da minha vida. Nunca perdi de vista os ensinamentos que aprendi com as irmãs no colégio. Deus estava presente na minha história de dor e sofrimento. Ele foi o amparo para suportar o desafio que estava vivendo”.

A madrinha tinha como dever iniciá-la na profissão. Adestrá-la, domesticá-la para satisfações específicas, impondo normas e práticas regulamentares. Diante de qualquer prenúncio de rebeldia, Nora era espancada. A madrinha trazia a lembrança do aprendido no colégio como norma de conduta: “Não vejo, não ouço, não falo”. Assim, Nora aprendeu a ser calada. Taciturna. É como se dentro dela houvesse “um vazio, um buraco”. Passa por casas de prostituição e confinamento na Itália, Alemanha, Grécia, Dinamarca, França. Através de um casamento servil, permitido pela madrinha que se enriquecera, consegue se libertar com um divórcio pago. Durante esse casamento, Nora teve dois filhos, reconhecidos legalmente pelo marido. Mais uma vez, a madrinha encontra motivos para manter a servidão sexual de Nora. As crianças recém-nascidas são encaminhadas para a mãe adotiva de Nora, no Brasil. Esta cobrirá despesas decorrentes das necessidades dos filhos.

Não mais casada e ainda sob o jugo da madrinha, Nora continuará a se prostituir na Itália. Fica grávida e o seu terceiro filho foi legitimado e criado pelo pai italiano. Hoje, o relacionamento de Nora com seus três filhos que moram na Europa se dá através de contatos telefônicos, mantendo uma relação de amizade, “como irmãos”.

Mais ou menos aos 33 anos, Nora liberta-se de sua madrinha, retornando ao Brasil: “Vim livre porque minha madrinha já era rica. Ela queria ficar milionária. Eu vejo a casa da minha mãe que está muito bonita, a chácara muito bem-cuidada... A chácara da minha mãe ficou um sonho”.

Ao chegar ao Brasil, Nora permanece algum tempo em companhia de sua família, na cidade do Rio de Janeiro. Matricula-se num curso prático de arqueologia, sem chegar a concluí-lo. Manifesta sua paixão pela história: “O velho continente, as cruzadas, os entrelaces políticos das famílias estrangeiras, isso sempre me interessou”.

Sua madrinha faleceu no Rio de Janeiro, em 2014. Toda-via, durante anos o controle exercido pela madrinha sobre o corpo de Nora demarca sua vida. Sente dentro de si uma tristeza. Imensa tristeza. Mesmo lugares de sociabilidade não a impedem de sentir uma grande solidão. Mesmo dotada de inteligência privilegiada e do dom da comunicação. Nunca romperá definitivamente com a profissão. Talvez porque nunca cortou laços com algumas cafetinas. Diz: “Nesse momento, estão sentadas, aqui, presentes”. A lembrança de sua mãe adotiva, única pessoa amada por Nora e que lhe deu “o pouco ou muito que tinha”, gera fulgurações: “*Hoje sei por que minha mãe disse que sou uma águia: porque passei por meu caminho, mas não deixei rastros de sangue com estas mãos; rastro de desgraça por causa da minha cabeça; não deixei lágrimas por causa da minha língua. Então, assim, agradeço o universo, porque tenho certeza de que ele conspirou a meu favor; porque vim destinada a esse tempo de vida para aprender e tentar ensinar*”.

## Conclusão

“Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais (...). Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação a história não se

apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares de memória. É este vaivém que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos (...)” (NORA 1993, p. 13).

É a partir desse lugar de memória que Nora junta partes, fragmentos, delineia mosaicos da memória e dele extrai um sentido e configura um significado de sua trajetória de confinamento, que se confunde com os princípios da sua história a qual neste momento escolhe viver. É mais um processo de aperfeiçoamento cujo reino da necessidade se acopla ao da liberdade de escolhas.

*Ir. Maria Helena Morra\**

## Referências

- HOULLEBECQ, Michel. Nostalgia das estrelas. In: MACHADO, Cassiano Elec (org.). *Pensar a cultura*. Porto Alegre: Arquipelago Editorial, 2013.
- NORA, Pierra. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005. p. 520.

\* Entrevista realizada em 11.12.2015, em Belo Horizonte, MG.  
**E-mail da autora:**  
 mhmorra@gmail.com.

## Viver a misericórdia na acolhida às mulheres vítimas da violência do tráfico de pessoas

*Misericórdia é a lei fundamental  
que mora no coração de cada pessoa,  
quando vê com olhos sinceros o irmão,  
a irmã que encontra no caminho da vida.*  
Misericordiae Vultus, n. 2

Estamos vivendo um tempo especial, o Ano da Misericórdia, onde somos conclamadas/os a reconhecer, contemplar e servir o rosto concreto da misericórdia no rosto das pessoas, no chão onde pisamos.

Escrevemos este texto a partir deste chão, das experiências em ações de enfrentamento ao tráfico de pessoas no estado do Amazonas; do acolhimento e encaminhamento às mulheres que foram vítimas desse crime. Isso provoca em nós diversos sentimentos que se misturam. Detectar o tráfico de pessoas nesta região da Amazônia, acolher os depoimentos, histórias de vida e acompanhar as pessoas vítimas deste crime, por um lado, é bom, pois se confirma aquilo que sabemos: o tráfico de pessoas existe e é real; por outro lado, quando escutamos suas histórias percebemos como é cruel este crime, que destrói a vida das pessoas vítimas desta violência e suas famílias; trata-se de um desrespeito à vida, um roubo dos sonhos, daquilo que a pessoa tem de mais precioso: a sua dignidade.

Falar de misericórdia é falar destes rostos concretos: Nara, 19 anos, e Sílvia, 23 anos, moravam numa cidade do interior do Amazonas, quando foram convidadas para ir trabalhar como cozinheiras num garimpo em Paramaribo, no Suriname. Em todo o percurso até a chegada ao garimpo, foram exploradas sexualmente e, depois, impedidas de sair,

vivendo múltiplas formas de exploração; depois de muitas tentativas de fuga, conseguiram fugir.

Lia, 18 anos, iniciou um relacionamento com um senhor pela internet. Depois de um tempo, ele enviou a passagem para sua viagem à Espanha. Ao chegar lá, ficou prisioneira e era obrigada a se prostituir em uma casa noturna. Viveu lá por dois anos, até conseguir fugir, e hoje refez sua vida e trabalha como vendedora de cafezinho num terminal de ônibus, em Manaus.

Estas mulheres hoje estão refazendo suas vidas, conseguiram retornar. Mas há outras tantas histórias de mulheres que, em busca de sonhos e de uma vida melhor, tiveram suas vidas ceifadas, e outras que perderam o sentido de viver. As que conseguiram se libertar tornaram-se guerreiras e hoje, mesmo silenciosamente, contribuem na luta contra o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual, repassando suas histórias de sofrimento a outras mulheres, pois sabem da crueldade das redes de mafiosos, que as tiram do conhecido e as isolam, causando um terrível efeito mental, estresse emocional, incluindo vergonha, pesar, medo, desconfiança, abusos físicos, pensamentos suicidas, distúrbios pós-traumáticos de estresse, ansiedade aguda, depressão e insônia.

Neste encontro, com cada rosto, o próprio Jesus se fez presente. Ele nos move ao encontro nos diversos lugares socialmente rejeitados, lugares de exclusão e de marginalidade, lugares onde não queremos estar, onde os olhares são de discriminação e julgamento. O próprio Jesus nos desafia a estar nestes lugares, a viver a misericórdia. E aqui falamos dos espaços onde encontramos mulheres vítimas da violência e do crime do tráfico de pessoas, do abuso e da exploração sexual, que, por não encontrarem outros espaços, buscam a sobrevivência em boates, ruas, praças...

Nestes espaços continua a trama da vida cotidiana, lugar de trabalho, de ganha-pão, de mercado, de encontros, mas, sobretudo, de exploração, dos olhares de julgamento, do não acolhimento. Viver a misericórdia a partir deste chão exige de nós entrega gratuita da vida, escuta e acolhida sem

juízos, e ações que contribuam para alternativas de vida. Muitas vezes, a escuta se torna alívio da dor, esperança de outras possibilidades de trabalho.

Nestes espaços nos deparamos com a vida descartada, excluída, enferma e muitas vezes fracassada. Quem vai curar essas grandes feridas provocadas por uma sociedade patriarcal, machista, capitalista, excludente? Aquele que é misericórdia, amor, ternura, luz, alegria, paz. Ele espera que nós sejamos no mundo para estas mulheres os canais de um futuro cheio de esperança.

Esperança que passa pela libertação, pela não exploração, por uma vida digna, que é fruto da misericórdia irradiada na vida. O amor à irmã vítima do crime do tráfico humano deve ser traduzido em atos concretos do cotidiano, visitando-as, acolhendo-as, confortando-as e tornando-as visíveis, e assim serem assistidas cuidadosamente por nós.

O nosso grande desafio e compromisso é não desviar o olhar deste grave crime de violação de direitos e da dignidade; ao contrário, ver, escutar, acolher, sentir e renovar a vida dessas mulheres na vivência da misericórdia e na ternura de Deus que é pai e mãe, contribuindo para que possam percorrer um novo caminho, redescobrimo o sentido, a beleza da vida que nasce do encontro com Jesus e a tão sonhada libertação. Uma oportunidade para deixar que Deus toque o coração de cada uma com o seu amor misericordioso, e assim poder celebrar a libertação renovada pela misericórdia de Deus, fazendo brotar das dores a esperança que gera vida.

O convite a cada um/uma de nós a levantar-nos cotidianamente de nossos lugares, muitas vezes estreitos e seguros, para os lugares feridos, pois há milhares de pessoas que esperam nossa presença ousada que cura e restitui a vida.

Concluimos com a citação do papa Francisco em sua Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado (17.02.2016):

Ninguém pode fingir que não se sente interpelado pelas no-

## Dom Luciano, um religioso exemplar

Lições de serviço aos pobres

### Introdução

Na história de cada um de nós há figuras significativas a quem damos o título de “mestres de vida”. São pessoas que se tornaram uma referência importante para o nosso pensar e agir. Quanto bem nos faz só recordá-las!

Na Vida Religiosa Consagrada (VRC) não é diferente. É necessário, também, individuar algumas “pérolas preciosas”, isto é, irmãos e irmãs cujo exemplo de entrega sem reservas incentive as pessoas consagradas a manter acesa a chama da consagração a Deus e ao seu Reino, e a doar-se mais e mais, por amor.

Com tal intuito, o presente artigo retoma alguns traços do testemunho de Dom Luciano Mendes de Almeida (1930-2006), jesuíta, servo dos pobres, a caminho da beatificação e canonização.

Após algumas notas biográficas, indispensáveis para contextualizar melhor o testemunho do bispo jesuíta, serão apresentadas três lições extraídas da vida e dos escritos de Dom Luciano. A primeira lição abordará o tema da primazia do outro, como pressuposto necessário à experiência do amor. A segunda lição aprofundará um aspecto recorrente em Dom Luciano, isto é, a identificação com os pobres, exigida, sobretudo, pelo seguimento de Jesus na VRC. Finalmente, a terceira lição mostrará em que consiste o serviço por amor, que tem como destinatários prioritários os empobrecidos.

### Notas biográficas<sup>1</sup>

Luciano Pedro Mendes de Almeida nasceu no Rio de Janeiro, no dia 5 de outubro de 1930. Os pais, Cândido

<sup>1</sup> Cf. SORRENTINO, “*Em que posso servir?*”, p. 21-66.

Mendes de Almeida (1897-1962) e Emília de Mello Vieira Mendes de Almeida (1897-1973), deram a ele e aos outros seis irmãos uma sólida formação cristã. Mais tarde ele mesmo reconhecerá: “Meus irmãos, tive a graça de nascer numa família unida que soube enfrentar sacrifícios, mas que me deu sempre o exemplo e testemunho da fé”.<sup>2</sup>

Na infância, seu sonho era se tornar aviador, como o tio materno, falecido tragicamente na Primeira Guerra Mundial, e em memória do qual tinha recebido o nome de Luciano Pedro. No dia da Primeira Comunhão, 8 de dezembro de 1937, acrescentou mais um detalhe: queria ser “padre-aviador”. Manifestava, assim, a simplicidade criativa que carregava em seu coração de criança e que externava, também, através da música, tocando violino, da arte do desenho e do espírito aventureiro de escoteiro.

Uma decisão mais madura sobre a sua vida chegou na adolescência, quando, com 15 anos de idade, ao sair incólume de uma queda no morro da Gávea (Rio de Janeiro), sentiu o chamado a doar-se para o bem do próximo.

Em 1947, com 17 anos de idade, após um cuidadoso discernimento com o jesuíta Padre Félix de Almeida, ingressou na Companhia de Jesus, onde aprendeu a alimentar um grande amor pela Igreja, uma espiritualidade de contemplação e um forte espírito missionário.

Com esse novo perfil, moldado à luz dos ensinamentos de Santo Inácio de Loyola (1491-1556), em 5 de julho de 1958, foi ordenado presbítero, na Igreja de Santo Inácio, em Roma, onde tinha sido enviado para a formação teológica. Na Cidade Eterna, também, doutorou-se em Filosofia com uma tese sobre a “Imperfeição intelectual do espírito humano: introdução à teoria tomista do conhecimento do outro”. Pelo aprofundamento das fontes tomistas, concluiu que o intelecto humano não é suficiente para conhecer o ser humano. É necessário o amor.

Em 1965, voltou ao Brasil para viver sua missão apostólica no mundo acadêmico, como docente de Filosofia. Primeiramente em Nova Friburgo – RJ e, sucessivamente, na

<sup>2</sup> ALMEIDA, *Palavra do novo arcebispo*, p. 812.

direção da Faculdade Nossa Senhora Medianeira, no km 26 da Via Anhanguera, na periferia da Grande São Paulo. Conjugou, perfeitamente, vida acadêmica e serviço aos pobres.

Dormindo sistematicamente muito pouco (quatro a cinco horas por noite) nunca deixou de preparar exemplarmente suas aulas e conferências (...); e de atender os pobres que vinham pedir sua ajuda, exigindo dele muitas saídas para as vilas próximas para socorros mais urgentes e inadiáveis.<sup>3</sup>

Em fevereiro de 1976, o papa Paulo VI o nomeou bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo. Viveu seu ministério na região do Belenzinho, zona leste de São Paulo, entre os mais empobrecidos do território paulistano. Dedicou-se, com tenacidade, ao “povo de rua”, com especial atenção aos menores sem família ou infratores, para os quais fundou, em 1977, a Pastoral do Menor.

De 1979 até 1995, trabalhou na coordenação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), primeiramente como Secretário-Geral e, sucessivamente, como Presidente. Nestas atribuições, promoveu um diálogo profícuo entre a Igreja Católica e a sociedade brasileira, diante da qual denunciou, sem medo, as injustiças que atingiam camponeses e populações indígenas. Sua atuação profética ultrapassou as fronteiras brasileiras, chegou à Nicarágua e ao Líbano, para colaborar com o processo de paz.

Em maio de 1988, Dom Luciano foi transferido para a Arquidiocese de Mariana, entre as montanhas mineiras. A decisão romana decepcionou grande parte da opinião pública, que esperava um reconhecimento maior para o “bispo dos pobres”, figura representativa do episcopado brasileiro. Para o bispo jesuíta, despreocupado com elevações ou regressões eclesásticas, a transferência significou apenas oportunidade para servir em novo lugar, privilegiando, como sempre, os mais desfavorecidos.

Dom Luciano doou-se, incansavelmente, até a morte, ocorrida no dia 27 de agosto de 2006, após longo sofrimento,

3 SIMÕES, “Em nome de Jesus” passou fazendo o bem, p. 37.

por causa de um câncer incurável no fígado. Morreu da mesma forma como viveu, isto é, pensando nos “seus” pobres. Nos últimos momentos, de fato, suplicou ao irmão Luiz Fernando que não abandonasse os “seus” pobres.

Após dez anos, o testemunho de Dom Luciano ainda vive. A VRC encontra nele um religioso exemplar e um mestre do serviço aos pobres, que ensinou a colocar o outro, sempre, em primeiro lugar; a identificar-se com os pobres e a servir por amor.

### Primeira lição: o outro em primeiro lugar

“Para mim, o importante é o outro”<sup>4</sup> era o lema existencial de Dom Luciano Mendes de Almeida. Formulou-o, primeiramente, à luz do exemplo deixado pela mãe Dona Emília, que às escondidas saía de casa para socorrer as famílias pobres da favela, no Rio de Janeiro. Certa vez, pois, o filho a encontrou, ajoelhada, rezando pelos outros, embora estivesse gravemente doente. Estas memórias foram determinantes para perceber, desde a infância, a primazia do outro e, sobretudo, do outro sofredor.

Além da contribuição das lembranças familiares, foi decisiva a sua reflexão filosófica, conforme explicou numa entrevista.

Quando eu estudava Filosofia, me encantei muito com a perspectiva do conhecimento do outro, e foi por aí que procurei orientar minha tese. Ainda hoje sou uma pessoa em busca desse conhecimento e tenho muito dentro de mim a convicção de que a falta de amor ocasiona o desconhecimento do outro. Só conhece quem ama. A mãe conhece um filho muito mais do que qualquer outra pessoa, justamente porque ela tem uma densidade maior de amor. Então, é no confronto que mais se desenvolvem a aceitação e o amor ao outro, uma vez que ajuda a superar a deficiência de conhecimento e dá condições de oferecer, se possível, algum valor com quem se está dialogando. Não se trata, portanto, de uma tática de relacionamento, mas é muito mais a expressão de uma convicção de que o confronto

4 ALMEIDA, *Igreja Católica na América tropical*, p. 96.

nunca se resolverá se não houver uma atitude básica de amor que passa pelo conhecimento da própria deficiência, pela vontade de colaborar com o bem do outro e pela certeza de que todo esse processo faz parte da vida humana e deve ser respeitado e sadiamente enfrentado.<sup>5</sup>

Estamos diante de uma abertura à alteridade que não pode ser confundida com simples filantropia. Com efeito, para Dom Luciano, colocar o outro em primeiro lugar significou viver o Evangelho, visto que “toda a vida de Cristo é uma espécie de grande história de interiorização do outro”,<sup>6</sup> sobre a qual se alicerça o *éthos* cristão com o mandamento do amor (cf. Jo 13,15), que exige o dom da vida.

Dar a vida é considerar o próximo como mais importante do que nós mesmos. Essa sociedade será redimida, será libertada no momento em que cada pessoa humana discernir no seu irmão alguém que é mais importante, mais valioso do que ele mesmo.<sup>7</sup>

À luz destas considerações, compreendem-se melhor umas atitudes do bispo jesuíta. Por exemplo, em março de 1990, hospitalizado devido a um grave acidente automobilístico, não podendo falar, escrevia alguns bilhetes: “Se há outros graves, pensem nos outros”,<sup>8</sup> e também: “É bom sofrer para os outros”.<sup>9</sup> Agia assim porque sabia que, do ponto de vista cristão, é necessário passar da valorização da própria vida à valorização da vida do outro, apesar de que se exijam grandes sacrifícios.<sup>10</sup> Por isso, noite adentro, Dom Luciano ia ao encontro dos moradores de rua para cobri-los com cobertores, para alimentá-los com uma sopa quente ou até para levá-los à sua casa, a fim de tomarem banho e dormirem, comodamente, numa cama, enquanto ele se acomodava no chão.<sup>11</sup> Desta forma, vivenciava, intensamente, um dos aspectos fundamentais da vocação à VRC, isto é, a construção da verdadeira fraternidade numa sociedade ferida pela indiferença. Com certeza,

todo cristão deve ser irmão para seu irmão, mas o religioso deve sê-lo de modo mais intenso ainda. Ele deve ser capaz de

5 RODRIGUES, Dom Luciano, o novo presidente da CNBB, p. 14.

6 ALMEIDA, *Curso de interiorização*, p. 54.

7 Id., *Educação, sociedade e participação*, p. 10-11.

8 MENDES-AZEVEDO (org.), 1990, p. 30.

9 Ibidem, p. 36.

10 Cf. ALMEIDA, *O direito de viver*, p. 32.

11 Cf. SORRENTINO, “*Em que posso servir?*”, p. 47.

apresentar-se como a concretização de uma aspiração de Deus, como o início de um processo de indução, de transformação, de mudança, em demanda dessa fraternidade.<sup>12</sup>

Para Dom Luciano, fraternidade corresponde à solidariedade existencial. Tal solidariedade é possível na medida em que se aceita o “risco” de uma vida isenta de privilégios. Em suma, entrar em comunhão com o sofrimento dos irmãos e das irmãs exige identificar-se com eles.

## Segunda lição: identificar-se com os pobres

Desde o noviciado, a Companhia de Jesus ajudou o jovem Luciano, “descendente de uma linhagem com raízes na nobreza brasileira”,<sup>13</sup> a compreender o valor da identificação com os pobres, ou, como ele mesmo afirmou, que “era uma graça fazer a experiência de vida das pessoas simples. Não era apenas um noviciado, mas um fazer experiência da vida dos sofredores, sem a qual não pode ser consagrado a Deus”.<sup>14</sup>

Sentia-se atraído por Jesus Cristo, que escolheu para si “a vida das pessoas que não têm história, uma vida extremamente simples, não miserável, mas pobre, num território pobre da Palestina”.<sup>15</sup> Jesus, não podendo assumir a situação existencial de todos, optou por compartilhar a de quem mais sofre, isto é, dos pobres. Da mesma forma, a VRC é chamada a experimentar, como Jesus, a situação de carência dos sofredores, permanecendo ao lado dos pobres, se identificando com eles, e não apenas oferecendo-lhes mero assistencialismo.<sup>16</sup> Numa palestra sobre a “Identidade da Vida Consagrada”, Dom Luciano ressaltou:

A vivência de Cristo que se solidarizou com os mais pobres traduz uma vivência de amor, e, de dentro para fora, cria um dinamismo de solidariedade, que caracteriza a vida religiosa (...). Se você tem tudo e fala de pobreza, o povo não acredita. Mesmo que você não tenha herança, mesmo que você não tenha dinheiro, se você usufrui todas as facilidades, tendo tudo de que

12 ALMEIDA, *Jesus Cristo: luz da vida consagrada*, p. 63.

13 SIMÕES, “*Em nome de Jesus*” passou fazendo o bem, p. 23.

14 ALMEIDA, *Gesú e i soldati romani*, p. 43. Tradução nossa.

15 Id., *Dio non ci scarta*, p. 43. Tradução nossa.

16 Cf. OLIVERO, *Uniti per la pace*, p. 79; ALMEIDA, *Jesus Cristo: luz da vida consagrada*, p. 88.

precisa, o povo não acredita em você não. E vem a pergunta: “Por que não temos vocações?”. Quando nossa vida é cheia de compensações, o povo não acredita, e nem temos vocações.<sup>17</sup>

Para o bispo jesuíta, a VRC não combina com uma vida cheia de regalias. Exige despojamento, como o Filho de Deus, que “esvaziou-se a si mesmo” (Fl 2,7) até a dramática consequência da morte na cruz, cume de sua identificação com os pobres. A Paixão, de fato, está ligada ao amor, “é o sofrimento da solidariedade”.<sup>18</sup>

Dom Luciano o compreendeu melhor durante a difícil recuperação do acidente automobilístico.

Não andava mais, não dormia mais, não falava mais. Era um silêncio total. Mas fiquei compreendendo aquele momento de acidente físico, era ocasião de entender melhor a Paixão do Cristo, a solidariedade. E por isso, também, a experiência de estar ao lado de pessoas no hospital, acidentados, isolados, incommunicáveis (...). Aqueles meses no hospital, aquela incapacidade de dar um passo, de sair da cama, de passar a noite dormindo – as noites eram em claro – foram permitindo uma experiência de comunhão com o universo do sofrimento humano.<sup>19</sup>

Finalmente, à luz da perspectiva vivenciada e ensinada por nosso bispo, identificar-se com os pobres significa aceitar uma vida sem privilégios, porque é assim que vive a maior parte da humanidade: “sem saúde, sem beleza, sem história, sem nome: um número de fábrica ou de cartão do seguro social”.<sup>20</sup> Só quem se identifica com os últimos da sociedade poderá, verdadeiramente, servi-los por amor.

### Terceira lição: servir por amor

O lema inaciano que norteia a missão dos jesuítas é: “Em tudo amar e servir”. Dom Luciano o traduzia, na cotidianidade, com uma expressão que lhe era peculiar: “Em que posso servir?”.

No sentir comum, o verbo “servir” remete, simplesmente, a fazer algo para alguém. Na mística cristã, porém, há

17 Id., *Jesus Cristo: luz da vida consagrada*, p. 109.

18 Id., *Paixão pela vida*, p. 8.

19 Ibidem.

20 Id., *Servir por amor*, p. 72.

um pressuposto imprescindível, que Dom Luciano tinha bem intuído e até colocado em seu brasão episcopal: “Em nome de Jesus”. Trata-se da conformação a Jesus Cristo, de quem se aprende que a verdadeira felicidade não consiste em estar bem, mas, sim, em fazer o bem.<sup>21</sup> A espiritualidade inaciana, da qual Dom Luciano se alimentava, chama esse processo de “conhecimento interno de Jesus Cristo”, cujas escolhas e ações se refletem na vida de quem quer segui-lo. Sua meta é o amor explicitado em serviço.<sup>22</sup> Para o nosso bispo: “Quem entra em comunhão com Cristo tem que servir o seu irmão, tem que partilhar do seu pão, tem que dedicar sua vida ao seu irmão”.<sup>23</sup>

Era isso que o jovem jesuíta Luciano começara a experimentar, em Roma, ao lado dos menores infratores do Instituto Gabelli, na Rua de Porta Portese. Foi uma experiência tão significativa, que ele chegou a declarar: “Aqui encontrei a indicação para o meu ministério”,<sup>24</sup> ou seja, servir os pobres, por amor. Perto daqueles jovens marginalizados, entre outras coisas, aprendera que para servir quem sofre é necessário penetrar no sofrimento alheio e não se deter no aspecto superficial, porque “o Evangelho é muito mais do que uma esmola. É entrar na vida do outro, como a mãe que partilha o sofrimento e a vida da criança” (cf. Lc 10,33-35).<sup>25</sup>

O que possibilita o serviço por amor é a experiência do amor primeiro de Deus, revelado por Jesus Cristo. São Paulo sintetiza a gratuidade da *ágape* divina, assim: “Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores” (Rm 5,8). A percepção da bondade gratuita de Deus se transforma em serviço generoso, a começar pelos mais necessitados como garantia de um amor, realmente, universal.<sup>26</sup>

Nesta experiência está a fonte do *dom* gratuito aos outros que é dos elementos constitutivos da vida religiosa. Sendo gratuitamente possuído por Deus, experimenta o religioso, de modo forte, o amor desinteressado e primeiro de Deus – o *ágape* – e deixa-se transformar pelo Amado, até imitar seu gesto em

21 Cf. SORRENTINO, “*Em que posso servir?*”, p. 89-140.

22 Cf. BARREIRO, O “*Conhecimento interno*” de Jesus Cristo, p. 31-34.

23 SIMÕES, “*Em nome de Jesus*” passou fazendo o bem, p. 94.

24 OLIVERO, *Uniti per la pace*, 29. Tradução nossa.

25 ALMEIDA, *Humanismo e civilização do amor*, p. 23.

26 Cf. id., *Dar a vida*, p. 2; id., *Experiência de caridade fraterna*, p. 4.

relação a todos os homens. Entra em comunhão com o Amado e doa-se, como ele, aos pobres, aos desamparados, ao doente e ao aflito (...). É levado a perder-se no serviço aos irmãos, porque se sente misteriosamente amado e possuído por Deus.<sup>27</sup>

Estas palavras são mais do que um ensinamento teórico. Sintetizam, perfeitamente, a vida de Dom Luciano Mendes de Almeida, que foi gasta, totalmente, por amor, no serviço aos pobres.

## Conclusão

No discurso improvisado para o encontro com os participantes do Jubileu da Vida Consagrada, no dia 1º de fevereiro de 2016, em Roma, o papa Francisco recordou que a VRC não é *status* para se distanciar dos outros, mas condição para viver uma proximidade mais intensa com os homens e as mulheres que sofrem.

Dom Luciano Mendes de Almeida vivenciou, claramente, esta proximidade, até identificar-se com o outro. Foi, sem dúvida, um religioso exemplar, cuja consagração a Deus desabrochou no serviço aos irmãos pobres. Para Dom Luciano, a disponibilidade para servir era o modo para dar continuidade à contemplação iniciada na oração. Como bom jesuíta, contemplativo na ação, descortinava a presença do Senhor nos rostos das pessoas que encontrava e nas cruzes que elas carregavam.

As três lições, apresentadas neste artigo, não esgotam toda a riqueza do testemunho de Dom Luciano. São modestas contribuições para que a VRC, à luz do exemplo do bispo jesuíta, potencialize a dimensão profética que lhe é constitutiva e seja expressão crível da “Igreja samaritana” que carrega sobre si o ser humano sofredor, abandonado à beira do caminho (cf. Lc 10,25-37).

Francesco Sorrentino★

27 Id., *Jesus Cristo: luz da vida consagrada*, p. 22.

★ **Francesco Sorrentino**, PIME, é mestre em Teologia pela FAJE/Belo Horizonte – MG. Desde 2011, dedica-se ao estudo da vida e dos escritos de Dom Luciano Mendes de Almeida. É autor do livro: “*Em que posso servir?*”: o serviço no testemunho de Dom Luciano M. de Almeida” (Paulinas, 2015). É membro da Comissão Histórica do Processo de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Dom Luciano P. Mendes de Almeida. Atualmente, é missionário na Diocese de Macapá-AP, onde coordena a Pastoral Universitária, a Equipe a serviço da Palavra, e é vigário paroquial da Catedral. **Endereço do autor:** PIME – Av. Pe. Manoel da Nóbrega, 1046 – Jesus de Nazaré. Cx. P. 95 68908-030 – Macapá – AP. **E-mail:** sorrentino.francesco@pime.org.

## Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em grupo

1. Qual aspecto do testemunho de Dom Luciano Mendes de Almeida nos chamou mais a atenção? Por quê?
2. De que forma, pessoal ou comunitariamente, vivenciamos a identificação com os pobres?
3. Que contribuição positiva a VRC pode oferecer à sociedade atual, na qual cresce, de forma diversificada, o desrespeito do outro?

## Referências

- ALMEIDA, Luciano Mendes de. *Curso de interiorização*. Dom Luciano Mendes de Almeida: formação e magistério. Disponível em: <<http://www.famariana.edu.br>>. Acesso em: 26 dez. 2013. Curso, ago. 1971.
- \_\_\_\_\_. Dar a vida. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 06 abr. 1996. Primeiro Caderno. p. 2.
- \_\_\_\_\_. Dio non ci scarta. *Nuovo Progetto*, Fossano, v. 30, n. 7, p. 43, ago./set. 2008.
- \_\_\_\_\_. *Educação, sociedade e participação*. Mariana: Centro de Documentação Dom Luciano Mendes de Almeida – Arquidiocese de Mariana. Parte de livro, p. 7-14. Mimeografado.
- \_\_\_\_\_. *Experiência de caridade fraterna*. Dom Luciano Mendes de Almeida: formação e magistério. Disponível em: <<http://www.famariana.edu.br>>. Acesso em 26 dez. 2013. Curso, mar. 1972.
- \_\_\_\_\_. Gesù e i soldati romani. *Nuovo Progetto*, Fossano, v. 30, n. 9, p. 43, nov. 2008.
- \_\_\_\_\_. Humanismo e civilização do amor: reflexões de Dom Luciano Mendes de Almeida, sj, sobre o humanismo e a civilização do amor, em palestra proferida durante as Jornadas Humanísticas. *Mundo e Missão*, São Paulo, v. 13, n. 107, p. 21-24, nov. 2006. Especial.

- \_\_\_\_\_. *Igreja Católica na América tropical*. Mariana: Centro de documentação Dom Luciano Mendes de Almeida – Arquidiocese de Mariana. Palestra [s. d.], p. 86-125. Mimeografado.
- \_\_\_\_\_. *Jesus Cristo: luz da vida consagrada*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O direito de viver*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Paixão pela vida: resposta ao sofrimento humano*. São Paulo: Peres, s.d.
- \_\_\_\_\_. Palavra do novo arcebispo In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Comunicado Mensal. Brasília: Edições CNBB, v. 37, n. 421, p. 810-814, maio 1988.
- \_\_\_\_\_. *Servir por amor: trinta dias de Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 2001.
- BARREIRO, Álvaro. O “conhecimento interno” de Jesus Cristo. Itaiç, Indaiatuba, v. 19, n. 76, p. 31-38, jun. 2009.
- MENDES, Candido; AZEVEDO, Marcelo C. de (Org.). *Bilhetes de Dom Luciano*. São Paulo: Loyola, 1990.
- OLIVERO, Ernesto. *Uniti per la pace: dialoghi con Dom Luciano Mendes de Almeida*. Roma: Città Nuova, 1990.
- RODRIGUES, Luzia. Dom Luciano, o novo presidente da CNBB. *Família Cristã*, São Paulo, v. 53, n. 618, p. 12-14, jun. 1987. Entrevista.
- SIMÕES, Neusa Quirino. “Em nome de Jesus” passou fazendo o bem: lembranças de D. Luciano Mendes de Almeida. São Paulo: Loyola, 2009.
- SORRENTINO, Francesco. “Em que posso servir?”: o serviço no testemunho de Dom Luciano M. de Almeida. São Paulo: Paulinas, 2015.

## Talitha Kum

### Uma Rede de Redes em movimento por todo o mundo, atuando no enfrentamento ao tráfico de pessoas!

O II encontro de coordenação da Rede Internacional da Vida Consagrada contra o tráfico de seres humanos, *Talitha Kum*, aconteceu em Roma, no período de 25 a 31 de janeiro de 2016, com o objetivo de fortalecer a articulação das Redes e autoafirmar a identidade de *Talitha Kum*, entidade que catalisa e articula as Redes locais e regionais no enfrentamento ao tráfico de pessoas, a fim de redefinir estratégias, firmar prioridades e qualificar e fortalecer a missão. Da América Latina, participaram Ir. Eurides Alves de Oliveira, ICM, coordenadora da Rede Um Grito pela Vida; Ir. Carmela Gibaja Izquierdo, SAC, coordenadora da Red Ramá, e Ir. María Silvia Olivera, SSM, coordenadora da Red Kawsay. Também participaram representantes da América do Norte, Europa, África, Ásia e Oceania.

Foram dias de intensa partilha da missão das Redes e estudo/reflexão sobre a realidade do tráfico humano no mundo e em cada continente, a retomada da carta-compromisso e a definição de prioridades para o plano de ação de *Talitha Kum* para os próximos três anos.

A partilha das redes que compõem *Talitha Kum* evidenciou, no tocante à realidade do tráfico humano, um triste e desafiante cenário de dor, sofrimento e escravidão em todos os continentes. Infelizmente, não obstante o incansável trabalho preventivo, de acolhimento e atendimento às vítimas e de incidência política em parceria com inúmeras outras organizações, o fenômeno do tráfico de pessoas segue em ascendência e a cada dia se revela com novas fases e modalidades. O cenário de guerras, desigualdades econômicas, exclusão social, desastres ecológicos e fundamentalismos políticos e religiosos, causadores da massiva mobilidade

humana, impondo um fluxo enorme de migração forçada, tem-se tornado palco de diversas formas de tráfico humano.

Diante desta conjuntura, com firmeza e determinação, conscientes de que cada vez mais precisamos atuar em Rede e de forma qualificada no enfrentamento deste cenário de escravidão contemporânea, assumimos: continuar desenvolvendo um amplo processo de viabilização e sensibilização sobre a realidade do tráfico humano em nossos países e continentes; fortalecer o intercâmbio e a comunicação de forma interativa em nível local, regional, continental e mundial; seguir a posição profeticamente ante as situações que envolvem a realidade do tráfico de pessoas; investir e animar processos formativos que permitam uma visão ampla e uma práxis qualificada da missão; e continuar convocando as Congregações e toda a Vida Religiosa Consagrada a assumirem esta missão como espaço de encarnação do Evangelho e revelação da misericórdia e compaixão de Deus pelos que sofrem com a chaga do tráfico humano.

Segue a declaração/compromisso de *Talitha Kum*.

### DECLARAÇÃO

*Talitha Kum* – Levanta-te!

Roma, 27 de janeiro de 2016

Nós, membros da *Talitha Kum*, a Rede Mundial da Vida Consagrada contra o tráfico de pessoas, denunciaremos o crime do tráfico de pessoas, que consideramos uma grave ofensa contra a dignidade humana e uma séria violação dos direitos humanos.

Como mulheres e homens consagradas/os em solidariedade com nossas irmãs e nossos irmãos que sofrem as consequências deste mal, afirmamos com força e clareza:

*Condenamos* estes crimes dirigindo-nos em primeiro lugar à sociedade inteira que permite à riqueza e ao poder controlarem a vida e a dignidade de nossas irmãs e nossos irmãos vendidas/os e transformadas/os em objeto desta forma contemporânea de escravidão.

*Solicitamos* às Conferências locais e nacionais dos bispos e dos religiosos e das congregações religiosas que se posicionem com

renovada energia na defesa, na promoção e no respeito aos direitos destas irmãs e destes irmãos, na denúncia de todas as formas de tráfico de pessoas.

*Pedimos* aos governos que se responsabilizem não somente por promover leis contra o tráfico de pessoas e a favor da proteção das vítimas, mas também por implementar essas leis em todos os níveis e colocar à disposição recursos adequados, tanto humanos quanto materiais, para combater este crime e indenizar as vítimas. É sua responsabilidade promover redes em nível local, nacional e internacional capazes de enfrentar eficazmente o tráfico de pessoas.

Comprometemo-nos a:

- Trabalhar em rede entre nós e com outras organizações sociais, civis, religiosas e políticas.
- Fortalecer os esforços e as iniciativas existentes para reduzir as causas do tráfico de pessoas.
- Potenciar e atualizar os recursos para a prevenção, proteção, responsabilização, assistência, conscientização e denúncia do tráfico de pessoas.
- Continuar desenvolvendo programas educativos que despertem as consciências das pessoas e denunciem este fenômeno.
- Participar de estudos e investigações para compreender melhor as causas, os fatores de risco e a vulnerabilidade nos novos cenários do tráfico de pessoas.

*Somos conscientes* de que somente por meio da colaboração e solidariedade seremos capazes de enfrentar as causas estruturais que geram o tráfico. Esta missão nos obriga a assumir uma posição profética que nos exige conversão contínua e mudança de mentalidade.

*Renovamos nosso compromisso* para promover a dignidade de toda pessoa como resposta à Palavra de Cristo: “Eu vim para que tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10).

*Ir. Eurides Alves de Oliveira\**

\* **Ir. Eurides Alves de Oliveira** é religiosa da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição de Maria (ICM), graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí, mestrada em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e especialista em Gestão Social pela Unisinos. Coordena a Rede Um Grito pela Vida e é membro da Coordenação do GT de Enfrentamento ao Tráfico Humano da CNBB.

## Mensagem do 3º Congresso Nacional das Novas Gerações

Brasília-DF, 6 a 9 de fevereiro de 2016

Queremos sair da indiferença que nos faz invisíveis às necessidades dos outros.

Queremos sair da escuridão, sair da caverna do medo que paralisa, do egoísmo e da autorreferencialidade.

Somos religiosas e religiosos que se conectam e que participam das dores e lutas do povo sofrido.

Queremos aprender a questionar.

Queremos aprender a escutar de verdade a Palavra de Deus.

Queremos ser pequenos/as e na nossa pequenez revelar a grandeza do infinito.

Queremos ser consagradas e consagrados capazes de abraçar, de amar, de perdoar, capazes de expressar o que sentimos com liberdade.

Desejamos construir em nosso meio a civilização da ternura e do amor.

Desejamos entrar e tomar parte da missão de Jesus, que é nossa missão.

Desejamos ousar, envolver-nos e acompanhar a causa dos oprimidos e com eles colher os frutos da lida e festejar as vitórias.

Desejamos ser jovens consagradas e consagrados que buscam a essência das essências, a fonte das fontes, a alegria das alegrias.

Desejamos ser perfume generoso que derrama com gratuidade até a última gota; ser consagradas e consagrados que andam com coragem, sabem ler os sinais dos tempos e lutam contra o pessimismo.

Devemos abrir os olhos e seguir na contracorrente da globalização e do consumismo.

Devemos ser pão repartido, um pão natural, orgânico, sem conservantes, pão integral que promove a vida e pão que alimenta com profundidade.

Somos guiadas e guiados por um amor maior e nele queremos firmar nossas raízes.

Devemos ir à casa dos pobres e com eles viver a verdadeira comunidade.

Devemos ser o que somos, sem esconder nossas fragilidades, mas, por meio delas, ser sementes férteis que passam pela morte para dar mais vida.

Somos mulheres e homens de vigor, de fibra, de dinamismo, de criatividade, de sabor, que vestem a camisa da profecia.

Somos consagradas e consagrados que, mesmo nas amarguras da vida, querem transbordar a doçura de Deus.

Queremos ser! Desejamos ser! Devemos ser! *Somos* Vida Religiosa Consagrada que não tem medo de sair no escuro.

Somos Vida Religiosa Consagrada que abraça a Missionariedade e o projeto dos pequenos e injustiçados.

Queremos ser! Desejamos ser! Devemos ser! *Somos* Vida Religiosa Consagrada que acredita no novo, que compartilha a alegria, que deseja ser sinal do Reino.

Queremos ser! Desejamos ser! Devemos ser! *Somos* Novas Gerações que a partir do ontem recriam o hoje e sonham o amanhã.

Somos Novas Gerações que se põem a caminho e voltam às suas realidades tocadas e tocados pela energia do bem e a chama da esperança.

*Irmã Vanézia Silva Pereira\**

\* **Irmã Vanézia Silva Pereira** é Missionária de Santa Teresinha (MST) e assessora do Setor Juventudes da CRB Nacional.

## A Vida Religiosa Consagrada ao final de um Ano da Vida Consagrada

O Papa Francisco convocou no ano passado o Ano da Vida Religiosa Consagrada (VRC) dentro de um espírito de reencantamento, desejoso de partilhar as dificuldades, mas também de expor luzes para o futuro, a partir de Cristo. Com esse passo importante a VRC entrou nas comemorações dos cinquenta anos do Concílio Vaticano II.

O Decreto *Perfectae Caritatis* já propunha, dentro do espírito do Concílio, uma nova abordagem dos Conselhos Evangélicos e da VRC “segundo os tempos atuais” (PC 1). Contudo, a proposta-atualização passa, segundo o Concílio, por um revigoramento que encontra suas forças nas fontes carismáticas de cada família religiosa, pois lá está o primeiro encantamento, o lugar onde o Espírito suscitou um singular encantamento pelo Evangelho. Diz o Concílio: “a atualização da Vida Religiosa compreende ao mesmo tempo contínuo retorno às fontes de toda vida cristã e a inspiração primitiva e original dos institutos e adaptação dos mesmos às novas condições dos tempos”.

Tal proposição conciliar levou a VRC a uma busca de sua identidade. Segundo a tradição dos vários institutos, houve um tempo de frutuoso retorno. Muitas publicações, muitos seminários, mas ao lado disso houve no imediato do Concílio a dor da perda. Em virtude de interpretações múltiplas, muitos deixaram a VRC, mas também houve um espírito de reencantamento, em especial na América Latina, com a presença profética que se intensificou nos anos pós-conciliares. Em meio às ditaduras, a VRC foi uma verdadeira voz profética: muitos deram a vida!

Tempos novos se impuseram à VRC ao final do século XX: envelhecimento dos membros, muitas casas de

formação deixaram a inserção, diminuição de ingressos de novos membros, reestruturação de muitos institutos, aflição quanto à cultura neoliberal. São desafios que se impõem também nesta segunda década do século XXI.

Diante destes desafios o Papa Francisco propôs para este ano a *alegria*. Contudo, em meio a tantos desafios, como guardar a alegria? Vários institutos, não somente na Europa, mas também nas Américas, já experimentam o desaparecimento de províncias e a ameaça de desaparecimento do próprio instituto; outros têm que conviver com as duras consequências da infidelidade e delitos de alguns membros; alguns vendem os bens para cuidar melhor dos muitos idosos, à espera de quem ficará para apagar a luz!

O Papa Francisco quis neste ano um reencantamento a partir da cruz. É uma espécie de mudança de referencial. Se antes predominava um encantamento maravilhado com a pessoa de Jesus, em virtude de suas palavras, de seus sinais, e mesmo da cruz que é vencida pela ressurreição, agora todos estes elementos permanecem: as palavras de Jesus, os sinais, a cruz vencida pela ressurreição. Mas a dor, a solidão e a impotência da cruz acentuam o ministério da presença. Um modo de presença profético, mas sem grandes alardes, apesar de seguir sendo um serviço. Diz-nos o Papa: “Numa sociedade que ostenta o culto da eficiência, da saúde, do sucesso e que marginaliza os pobres e exclui os ‘perdedores’, podemos testemunhar, através da nossa vida, a verdade destas palavras da Escritura: ‘Quando sou fraco, então é que sou forte’ (2Cor 12,10)” (Carta Apostólica Ano da Vida Consagrada).

Neste início do século XXI, atender ao Concílio passa pela alegria de assemelhar-se a Jesus, ou melhor, saber que Jesus viveu coisas semelhantes ao cenário atual para a VRC,

que entre nós não se vejam rostos tristes, pessoas desgostosas e insatisfeitas, porque “um seguimento triste é um triste seguimento”. Também nós, como todos os outros homens e mulheres, sentimos dificuldades, noites do espírito, desilusões, doenças, declínio das forças devido à velhice. Mas, nisto mesmo,

deveremos encontrar a “perfeita alegria”, aprender a reconhecer o rosto de Cristo, que em tudo se fez semelhante a nós, e, conseqüentemente, sentir a alegria de saber que somos semelhantes a ele que, por nosso amor, não se recusou a sofrer a cruz” (Carta Apostólica Ano da Vida Consagrada).

Três elementos enfatizados no *Documento de Aparecida* parecem levar ao coração dessa alegria: dedicar-se a Cristo com um coração indiviso, ser especialista em comunhão e testemunho da primazia de Deus (DAP 216-219). Aquilo que o Papa propôs na Carta Apostólica como objetivos passa por estes elementos identificadores da VRC. O papa Francisco propôs: 1. Olhar com gratidão o passado; 2. Viver com paixão o presente e 3. Abraçar com esperança o futuro.

A VRC é chamada a perscrutar o passado, vendo essa primazia de Deus. Do mesmo modo, um presente apaixonado passa por este amor a Cristo, por um coração indiviso, que não se deixa iludir pelos ares de secularização e disputas, pois o olhar está fixo no Senhor; também para um tempo de diminuição de membros e envelhecimento, a comunhão exige mais concretude, voltar ao espírito dos primeiros cristãos; ao que a intuição original sonhou para a vida comunitária do instituto, estabelecer ponte com o laicato e fortalecer mais os laços de colaborações com as Igrejas locais. Estes elementos estavam seguramente presentes na inspiração original dos institutos, mas atualizar é voltar àquela alegria primeira e eleger, novamente, o que é essencial.

Quando se tem muito, eleger o que é essencial não é fácil. Requer tempo e muita atenção. A nós religiosos isso se chama discernimento à luz do Espírito de Deus. Portanto, a alegria não é uma magia, é uma opção de quem resolve eleger o essencial para guardá-lo, vivê-lo e anunciá-lo. Que o Ano da Vida Religiosa Consagrada nos tenha ajudado a isto, a eleger o essencial.

*Pe. Abimael Francisco do Nascimento\**

\* **Pe. Abimael Francisco do Nascimento** é membro da Congregação dos Missionários do Sagrado Coração (MSC). Mestre em Teologia, especialista em Psicopedagogia e Filosofia e mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Pároco na Paróquia Nossa Senhora do Sagrado Coração em Fortaleza-CE. **Blog:** [www.teos14.facilblog.com](http://www.teos14.facilblog.com).

## Os LGBT e os desafios da evangelização

LUÍS CORRÊA LIMA\*

### Um novo contexto na sociedade e na Igreja

Quando o papa Francisco retornou do Brasil a Roma, em 2013, disse algo que teve muita repercussão: “Se uma pessoa é *gay*, procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar? [...] Não se deve marginalizar estas pessoas por isso”.<sup>1</sup> Nesse mesmo ano, ele convocou o Sínodo dos Bispos para tratar da família e de seus desafios atuais. No questionário preparatório, enviado a todas as dioceses do mundo, perguntou-se que atenção pastoral se pode dar às pessoas que escolheram viver em uniões do mesmo sexo e, caso adotem crianças, o que fazer para lhes transmitir a fé.<sup>2</sup>

A Igreja Católica vive um tempo de renovação pastoral impulsionada pelo papa. Ele convoca a Igreja a ir às “periferias existenciais”, ao encontro dos pobres e dos que sofrem com as diversas formas de injustiças, conflitos e carências. É preciso abrir-se à novidade que Deus traz a nossa vida, que nos realiza e nos dá a verdadeira alegria e serenidade, porque Deus nos ama e quer apenas o nosso bem. Francisco critica uma Igreja ensimesmada, entrincheirada em estruturas caducas incapazes de acolhimento e fechada aos novos caminhos que Deus lhe apresenta. A ação do Espírito Santo ergue o olhar dos fiéis para o horizonte, impelindo-os a essas periferias.<sup>3</sup>

Os consagrados são especialmente convocados pelo papa a esta missão:

\* **Luís Corrêa**

**Lima** é padre jesuíta e professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Trabalha com pesquisa sobre diversidade sexual e no acompanhamento espiritual de pessoas LGBT. **E-mail:** [lclima@puc-rio.br](mailto:lclima@puc-rio.br).

1 *Encontro do santo padre com os jornalistas durante o voo de regresso*. 28/07/2013. Disponível em: <[w2.vatican.va](http://w2.vatican.va)>.

2 SÍNODO DOS BISPOS. *Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização*: documento de preparação. 2013. Disponível em: <[www.vatican.va](http://www.vatican.va)>.

3 Homília, 19/05/2013. Disponível em: <[w2.vatican.va](http://w2.vatican.va)>.

Espero ainda de vós o mesmo que peço a todos os membros da Igreja: sair de si mesmos para ir às periferias existenciais. [...] A humanidade inteira aguarda: pessoas que perderam toda a esperança, famílias em dificuldade, crianças abandonadas, jovens a quem está vedado qualquer futuro, doentes e idosos abandonados, ricos saciados de bens mas com o vazio no coração, homens e mulheres à procura do sentido da vida, sedentos do divino...<sup>4</sup>

A solicitude pastoral da Igreja também deve contemplar os LGBT (*Gays*, *Lésbicas*, *Bissexuais*, *Travestis* e *Transexuais*).<sup>5</sup> Um dos sinais mais notáveis do mundo atual é a visibilização desta população. No passado, muitos deles viviam no anonimato ou à margem da sociedade. Vários *gays* e *lésbicas* se escondiam no casamento tradicional, constituído pela união heterossexual. Alguns formavam guetos em espaços de convivência bastante reservados, como forma de se protegerem. Mas hoje os LGBT fazem grandes paradas, estão presentes em filmes e telenovelas, buscam reconhecimento, exigem ser respeitados e reivindicam os mesmos direitos e deveres dos demais cidadãos. Esta população está em toda parte. Quem não faz parte dela tem parentes próximos ou distantes que o fazem, velada ou manifestamente, bem como vizinhos ou colegas de trabalho.

Tal visibilização também manifesta os problemas que os afligem. Há uma forte aversão a homossexuais: a homofobia; e a travestis e transexuais: a transfobia. Esta aversão produz diversas formas de violência física, verbal e simbólica contra estas pessoas. Há pais de família que já disseram: “Prefiro um filho morto a um filho *gay*”. Entre os palavrões mais ofensivos que existem, consta a referência à condição homossexual e à relação sexual entre pessoas do mesmo sexo. No Brasil e em muitos países são frequentes os homicídios, sobretudo de travestis. Há também suicídio de muitos adolescentes que se descobrem *gays* ou *lésbicas*, e mesmo de adultos. Eles chegam a esta atitude extrema por pressentirem a rejeição hostil da própria família e da sociedade. Tal hostilidade gera inúmeras formas de discriminação e, mesmo que não leve à morte, traz frequentemente tristeza profunda ou depressão.

4 Carta apostólica do papa Francisco às pessoas consagradas. 2014, n. 4. Disponível em: <w2.vatican.va>.

5 Travestis são pessoas que vivenciam papéis femininos, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres. Transexuais são pessoas que não se identificam com o sexo que lhes é atribuído ao nascerem, e sim com o outro sexo. Pode haver homem transexual, que reivindica o reconhecimento social e legal como homem, e mulher transexual, que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher.

O padre Júlio Lancellotti trabalha em São Paulo, SP, com a população de rua. Ele relata a situação dramática que encontra:

Na missão pastoral tenho conversado com vários LGBT que estão pelas ruas da cidade, alguns doentes, feridos, abandonados. Muitos relatam histórias de violência, abuso, assédio, torturas e crueldades. Alguns contam como foram expulsos das igrejas e comunidades cristãs, rejeitados pelas famílias em nome da moral. Testemunhei lágrimas, feridas, sangue e fome. Impossível não reconhecer neles a presença do Senhor Crucificado!<sup>6</sup>

Há também muitos LGBT na Igreja Católica. São pessoas que nasceram e foram criadas neste ambiente, têm fé, e em certo momento descobriram esta condição. Vários deles participam ativamente de suas comunidades, mas não poucos se afastaram e se afastam por se depararem com incompreensão e hostilidade. É preciso que eles encontrem fiéis, pessoas consagradas e ministros religiosos sensíveis às suas feridas e dificuldades, e também aos seus talentos e potencialidades. Não há dúvida de que os LGBT se situam nas periferias existências apontadas pelo papa. Com a devida compreensão da sua realidade, eles podem ser ajudados na busca de Deus e de sentido para a vida, no cultivo da vida espiritual e da autoestima, na cura de feridas exteriores e interiores, no fomento da vida eclesial, do apostolado e da ação no mundo. Para melhor ajudá-los neste caminho, convém refletir sobre sua realidade com alguns subsídios teológico-pastorais.

## A Sagrada Escritura e a evolução histórica

A Igreja ensina que a lei de toda a evangelização é pregar a Palavra de Deus de maneira adaptada à realidade dos povos, como diz o Concílio Vaticano II (1962-1965). Deve haver um intercâmbio permanente entre a Igreja e as diversas culturas. Para isto, ela necessita da ajuda dos que conhecem bem as várias instituições e disciplinas, sejam eles crentes ou

6 Postagem, 09/06/2015. Disponível em: <www.facebook.com/AmigoseTribos>.

não. Os fiéis precisam saber ouvir e interpretar as várias linguagens ou sinais do nosso tempo, para avaliá-los adequadamente à luz da Palavra de Deus, de modo que a verdade revelada seja mais bem percebida, compreendida e apresentada de modo conveniente.<sup>7</sup> A correta evangelização, portanto, é uma estrada de duas mãos, de intercâmbio entre a Igreja e as culturas contemporâneas. A fé cristã necessita dialogar com os diversos saberes legítimos. Só se pode saber o que a Palavra de Deus significa hoje, e que implicações ela tem, com um suficiente conhecimento da realidade atual, que inclui a visibilização da população LGBT e o reconhecimento dos seus direitos humanos e de sua cidadania.

Não se pode negligenciar o que o livro sagrado dos cristãos diz sobre a homossexualidade, nem os desdobramentos históricos que daí se seguiram. Mas, para tratar corretamente deste assunto na Bíblia, é necessário ir além da leitura ao pé da letra. A Revelação divina testemunhada neste livro é expressa de diversos modos. Segundo o Concílio, o leitor deve buscar o sentido que os autores sagrados em determinadas circunstâncias, segundo as condições do seu tempo e da sua cultura, pretenderam exprimir servindo-se dos gêneros literários então usados. Deve-se levar em conta as maneiras próprias de sentir, dizer ou narrar em uso no tempo deles, como também os modos que se empregavam frequentemente nas relações entre os homens daquela época.<sup>8</sup>

No judaísmo antigo, acreditava-se que o homem e a mulher tinham sido criados um para o outro, para se unirem e procriarem. Supõe-se uma heterossexualidade universal, expressa no imperativo “crescei e multiplicai-vos” (Gn 1,28). Isto foi escrito no tempo do exílio judaico na Babilônia. Para o povo expulso de sua terra e submetido a uma potência estrangeira, crescer era fundamental para a sobrevivência da nação e da religião. Não se nega o desígnio divino de que a humanidade se espalhe pela terra, mas a necessidade de sobrevivência do povo judeu naquele tempo era urgente.

O sêmen do homem supostamente continha o ser humano inteiro e devia ser colocado no ventre da mulher, assim

<sup>7</sup> *Gaudium et spes*, 44.

<sup>8</sup> *Dei Verbum*, 12.

como a semente é depositada na terra. Não se conhecia o óvulo. O próprio nome sêmen está ligado a semente. Ele jamais deveria ser desperdiçado, como mostra a história de Onã. Este praticou coito interrompido e ejaculou fora da vagina de sua esposa. Por isso, Onã foi fulminado por Deus por causa desta transgressão (Gn 38,1-10).

É neste contexto que a relação sexual entre dois homens era considerada uma abominação. Israel devia se distinguir das outras nações de várias maneiras, com o seu culto, sua lei e seus costumes, segundo o código de santidade do livro do Levítico. Aí se inclui a proibição do homoerotismo, considerado abominação (Lv 18,22). Proíbe-se também, e com rigor: trabalhar no sábado, comer carne de porco ou frutos do mar, aparar o cabelo e a barba, tocar em mulher menstruada durante sete dias, usar roupa tecida com duas espécies de fio, plantar espécies diferentes de semente em um mesmo campo e acasalar animais de espécies distintas. Quando o cristianismo, nascido em Israel, expandiu-se entre os povos não judeus, a santidade do Levítico não se tornou norma para estes povos, mas a proibição do homoerotismo sim.

A esta proibição se somou a história de Sodoma e Górra, cujo pecado clamou aos céus e resultou no castigo divino destruidor (Gn 19). Seu pecado foi o de recusar hospitalidade aos que visitavam o patriarca Ló, a ponto de tentarem violentá-los sexualmente. Com frequência, a violência sexual era uma forma de humilhação imposta por exércitos vencedores aos vencidos. Inicialmente, o delito de Sodoma era visto como “orgulho, alimentação excessiva, tranquilidade ociosa e desamparo do pobre e do indigente”. Através do profeta, o Senhor diz: “Tornaram-se arrogantes e cometeram abominações em minha presença” (Ez 16,49-50). Vários séculos depois, tal pecado foi identificado com o homoerotismo, mas na origem ele nada tem a ver com o amor entre pessoas do mesmo sexo, ou mesmo com relações sexuais livremente consentidas entre pessoas adultas do mesmo sexo.

Há um relato semelhante ao pecado de Sodoma no livro dos Juízes (Jz 19 e 20). Um levita e sua concubina se hospedaram na cidade de Gabaá, da tribo de Benjamin. Os habitantes da cidade hostilizaram os visitantes e estupraram a concubina do levita até a morte. O Senhor suscitou os israelitas contra aquela cidade, e ela foi completamente destruída. A partir deste relato, não se deve condenar a heterossexualidade. O que se condena, tanto em Sodoma quanto em Gabaá, é a falta de hospitalidade e a hostilidade violenta com a pessoa que vem de fora.

No Novo Testamento, a Carta aos Romanos afirma que quem ama o próximo cumpriu a lei, pois os mandamentos se resumem em amar ao próximo como a si mesmo (Rm 13,8-10). Este é o espírito dos mandamentos e o critério de sua interpretação. Mas, ao refutar o politeísmo, o apóstolo Paulo o associa ao homoerotismo (Rm 1,18-32). Os pagãos não adoravam o Deus único, mas as criaturas. E ainda permitiam esta prática sexual vista como abominação pelos judeus. Este comportamento é considerado castigo divino por causa de uma prática religiosa errada: “Por tudo isso, Deus os entregou a paixões vergonhosas”. Outros escritos paulinos têm a mesma posição, em que prováveis referências ao homoerotismo estão ligadas à idolatria e à irreligião (1Cor 6,9-11; 1Tm 1,8-11). No contexto judaico-cristão da Antiguidade, este argumento era compreensível. Não havia o conceito de orientação sexual, uma estrutura profundamente enraizada na pessoa, com relativa estabilidade, levando-o à atração pelo sexo oposto ou pelo mesmo sexo. Esta orientação nada tem a ver com a crença em um ou em vários deuses, ou com qualquer prática religiosa. Mas, no contexto da Antiguidade, a Igreja herdou a visão antropológica judaica da heterossexualidade universal com suas interdições. Hoje, tudo isto deve ser levado em conta.

A religião cristã se expandiu e se tornou hegemônica em muitos países, chegando a ser a religião do Estado. O homoerotismo foi classificado como sodomia e criminalizado por muitos séculos. Para a Igreja, a sodomia era um crime horrendo: provocava tanto a ira de Deus que causava

tempestades, terremotos, pestes e fomes que destruíam cidades inteiras. Era algo indigno de ser nomeado, um “pecado nefando” do qual nem se deve falar, e muito menos se cometer.<sup>9</sup> Tribunais civis e mesmo eclesiásticos, como a Inquisição, julgavam os acusados deste delito. Os culpados eram entregues ao poder civil para serem punidos, até mesmo com a morte.

Com o advento do Iluminismo, e da razão autônoma independente da Revelação, a prática sexual exercida sem violência ou indecência pública não devia cair sob o domínio da lei. Teve início uma crescente descriminalização da sodomia. A modernidade, impulsionada pelo Iluminismo, trouxe a separação entre Igreja e Estado, a autonomia das ciências e os direitos humanos, que restringem o poder do soberano sobre o súdito e ampliam a liberdade da pessoa em relação à coletividade. No século XIX, o termo sodomia foi substituído por homossexualidade. A questão é trazida do âmbito religioso e moral para o âmbito médico. O que até então era visto como abominação passa a ser considerado doença. Por muitas décadas, pessoas homossexuais eram internadas em sanatórios. Chegou-se até mesmo ao uso de choque elétrico no tratamento médico destas pessoas.

A partir dos anos 1970, houve uma progressiva despatologização da homossexualidade, impulsionada pelo crescimento do movimento *gay*. Nos anos 1990, a Organização Mundial de Saúde a retirou da lista de doenças. Organizações de médicos e de psicólogos declararam que a homossexualidade não é doença, nem distúrbio, nem perversão; e proibiram seus profissionais de colaborarem em serviços que propõem o seu tratamento e cura. Assim, algumas pessoas são *gays* ou *lésbicas* e o serão por toda a vida. Não se trata de opção, mas de condição ou orientação. Com relação a travestis e a transexuais, permitem-se hoje tratamentos de transexualização, inclusive na rede pública de saúde, e em muitos casos se obtém até mesmo a mudança de nome.

<sup>9</sup> *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia (1707)*. Brasília: Senado Federal, 2007, p. 331-332.

## A evangelização e o ensinamento moral da Igreja

Alguns princípios da modernidade foram assimilados pela Igreja Católica no Concílio Vaticano II. Além do novo enfoque da evangelização e da leitura da Bíblia, o Concílio legitimou a separação entre Igreja e Estado, a autonomia da ciência, e reconheceu a liberdade de consciência, que é o direito de a pessoa agir segundo a norma reta da sua consciência, e o dever de não agir contra ela. Nela está o “sacrário da pessoa”, onde Deus está presente e se manifesta. Pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos outros homens no dever de buscar a verdade, e de nela resolver os problemas morais que surgem na vida individual e social.<sup>10</sup> Nenhuma palavra externa substitui a reflexão e o juízo da própria consciência. O *Catecismo da Igreja Católica* aprofunda este ensinamento e cita o cardeal Newman: “a consciência é o primeiro de todos os vigários de Cristo” (n. 1778). É ela quem primeiro representa Cristo para o fiel. A vida espiritual e a reflexão ajudam muito o fiel a ouvir a sua voz e a discernir os seus sinais.

Certa vez o papa Bento XVI afirmou que o cristianismo não é um conjunto de proibições, mas uma opção positiva. E acrescentou que é muito importante evidenciar isso novamente, porque essa consciência hoje quase desapareceu completamente.<sup>11</sup> É muito bom que um papa tenha reconhecido isto, pois há no cristianismo uma história multissecular de insistência na proibição, no pecado, na culpa, na ameaça de condenação e no medo. Pode-se falar de uma “pastoral do medo”, que com veemência culpabiliza as pessoas e as ameaça de condenação eterna para obter a sua conversão. Isto não se restringe ao passado. Ainda hoje, em diversas igrejas e ambientes cristãos, muitos interpretam a doutrina de maneira extremamente restritiva e condenatória, com obsessão pelo pecado, sobretudo a respeito de sexo. As proibições ligadas à mensagem cristã frequentemente repercutem mais do que o seu conteúdo positivo. Isto se observa tanto dentro da Igreja, entre os fiéis, quanto fora,

10 *Gaudium et spes*, 16.

11 “Entrevista de Bento XVI em previsão de sua viagem à Baviera (I)”. 16/08/2006. Disponível em: <www.zenit.org>.

entre os que a criticam. Há um foco excessivo na proibição. É fundamental buscar na mensagem cristã o seu componente positivo, para que ela seja Boa-Nova, Evangelho.<sup>12</sup>

O papa Francisco segue esta linha com determinação. Ele diz que “o anúncio do amor salvífico de Deus precede a obrigação moral e religiosa. Hoje, por vezes, parece que prevalece a ordem inversa”. O anúncio deve concentrar-se no essencial, que é também o que mais apaixonava e atrai, procurando curar todo tipo de ferida e fazer arder o coração, como o dos discípulos de Emaús que se encontraram com Cristo ressuscitado. A proposta evangélica deve ser mais simples, profunda, irradiante. É desta proposta que vêm depois as consequências morais. Nesta perspectiva, o confessionário não é uma sala de tortura, mas um lugar de misericórdia, no qual o Senhor nos estimula a fazer o melhor que pudermos.<sup>13</sup>

Evangelizar, diz Francisco, é tornar o Reino Deus presente neste mundo. O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e nos salva, reconhecendo-o nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos. Os que se deixam salvar por Cristo são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior e do isolamento. A pregação moral cristã não é uma ética estoica, do cumprimento impassível do dever, nem um catálogo de pecados e erros. Ela é mais do que uma ascese ou conduta disciplinada, e mais do que uma filosofia prática. Há uma desproporção a ser evitada quando se fala mais da lei que da graça, mais da Igreja que de Jesus Cristo, mais do papa que da Palavra de Deus.<sup>14</sup>

Francisco também defende as mães solteiras que querem batizar seus filhos, e enfrentam a “alfândega” criada por religiosos rigoristas. A Igreja deve ser a casa paterna onde há lugar para todos que enfrentam fadigas em suas vidas. Todos podem participar da vida eclesial e fazer parte da comunidade. As portas dos sacramentos não se devem fechar por qualquer razão, a começar pelo primeiro: o Batismo. A Eucaristia, plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento

12 LIMA, L. C. *O cristão adulto e a sexualidade*. 2013, p. 61-62. Disponível em: <www.diversidadese-sexual.com.br>.

13 *Entrevista ao papa Francisco*: Pe. Antonio Spadaro. 19/08/2013. Disponível em: <w2.vatican.va>.

14 *Evangelii gaudium* (EG) 1, 39 e 38.

para os que necessitam de forças. Isto tem consequências pastorais a serem consideradas com prudência e audácia. Muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega, é a casa paterna (EG 47).

O conhecimento da verdade é progressivo, observa o papa. A compreensão do homem muda com o tempo, e sua consciência se aprofunda. Recorde-se o tempo em que a escravidão era aceita e a pena de morte admitida sem nenhum problema. Os exegetas e os teólogos, como também as outras ciências e a sua evolução, ajudam a Igreja a amadurecer o próprio juízo. Como consequência, há normas e preceitos eclesiais secundários que em outros tempos foram eficazes, mas que hoje perderam valor ou significado. Uma visão da doutrina da Igreja como um bloco monolítico a ser defendido sem matizes é errada.<sup>15</sup> Portanto, o fiel cristão deve procurar ser adulto na fé, atento às contribuições das ciências que ajudam a Igreja a amadurecer seu juízo. Ele não deve se encapsular em posturas intransigentes avessas à reflexão crítica e ao diálogo.

O Concílio Vaticano II afirma que há uma ordem ou hierarquia de verdades no ensinamento da Igreja, segundo o seu nexos com o fundamento da fé cristã. Alguns conteúdos são mais importantes porque estão estreitamente ligados a este fundamento. Outros, por sua vez, são menos importantes porque estão menos ligados a ele.<sup>16</sup> Esta ordem é válida, diz Francisco, tanto para os dogmas de fé como para os demais ensinamentos da Igreja, incluindo a sua mensagem moral. Nesta, há uma hierarquia nas virtudes e ações. A misericórdia é a maior das virtudes. As obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito. Os preceitos dados por Cristo e pelos Apóstolos ao povo de Deus são pouquíssimos. E os preceitos adicionados posteriormente pela Igreja devem ser exigidos com moderação, para não tornar pesada a vida aos fiéis nem transformar a religião numa escravidão.<sup>17</sup>

Nesta moral matizada que o papa expõe tem grande importância o bem possível. Sem diminuir o valor do ideal

15 *Entrevista...*, 19/08/2013.

16 *Unitatis redintegratio*, 11.

17 EG 36-37 e 43.

evangélico, é preciso acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia a dia. Um pequeno passo no meio de grandes limitações humanas pode ser mais agradável a Deus do que uma vida externamente correta, de quem não enfrenta maiores dificuldades. A consolação e a força do amor salvador de Deus devem chegar a todos. Deus opera misteriosamente em cada pessoa, para além dos seus defeitos e das suas quedas. Um coração missionário não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada (EG 44-45).

Um exemplo da relação entre o ideal evangélico e o bem possível é a família formada pela união exclusiva e indissolúvel entre um homem e uma mulher. Todos os papas defendem esta instituição. Mas certa vez Francisco fez um interessante e inesperado elogio à mulher paraguaia, que ele considera “a mais gloriosa da América Latina”. Isto porque após a Guerra do Paraguai – contra o Brasil, a Argentina e o Uruguai, entre 1864 e 1870 – sobraram no Paraguai oito mulheres para cada homem. E as mulheres paraguaias fizeram uma escolha difícil e arriscada: ter filhos para salvar a pátria, a cultura, a fé e a língua.<sup>18</sup> O papa elogia uma prática extramatrimonial de procriação, feita em escala nacional em circunstâncias extremas. Estas mulheres são mais gloriosas do que todas as outras, incluindo as que vivem no modelo tradicional de família. Com isto, Francisco não contraria a moral católica nem diminui o apreço pelo matrimônio, mas mostra corajosamente o amplo alcance da busca do bem possível no campo da moral.

Uma das principais referências do ensinamento moral da Igreja é o conceito de lei natural. Segundo a Escritura, o mundo é criação divina, feito segundo a razão do Criador (o *Lógos* ou Verbo), de modo a manifestar a sua sabedoria (Jo 1,1-3). Há na criação uma racionalidade que pode ser conhecida pelo ser humano e orientar a sua ação. Todo homem com consciência e responsabilidade experimenta um chamado interior para fazer o bem e evitar o mal. É uma lei inscrita no seu coração que orienta os juízos éticos (Rm

18 *Encontro do santo padre com os jornalistas...*, 28 jul. 2013.

2,12-16). Entre os dons preciosos recebidos do Criador, como o próprio corpo, a razão, a liberdade e a consciência, encontra-se também tudo o que a tradição filosófica chama de lei natural. Sobre o chamado interior para fazer o bem e evitar o mal fundam-se os outros preceitos desta lei. A escuta da Palavra de Deus leva em primeiro lugar a prezar a exigência de viver segundo a lei inscrita no coração. E Jesus Cristo, o Verbo encarnado, dá aos homens a nova lei, do Evangelho, que assume e realiza de modo sublime a lei natural. A nova lei confere aos homens a participação na vida divina, por meio da graça, e a capacidade de superar o egoísmo.<sup>19</sup>

A Igreja reconhece, porém, que a expressão lei natural é fonte de numerosos mal-entendidos hoje. Por vezes, ela evoca simplesmente uma submissão resignada às leis físicas e biológicas da natureza, quando o ser humano busca, e com razão, dominar e orientar estes determinismos para o seu bem. Por vezes, ela é apresentada como um dado objetivo que se impõe de fora da consciência pessoal, independentemente do que elabora a própria razão e a subjetividade. Ela é suspeita de introduzir uma forma de heteronomia insuportável à dignidade da pessoa humana livre. Outras vezes também, ao longo de sua história, a teologia cristã justificou muito facilmente com a lei natural posições antropológicas que, em seguida, se mostraram condicionadas pelo contexto histórico e cultural. Hoje, convém propor a doutrina da lei natural em termos que manifestem melhor a dimensão pessoal e existencial da vida moral.<sup>20</sup>

Na moral sexual, uma das principais referências é o mandamento do Decálogo “não pecar contra a castidade”. Originalmente o mandamento é “não cometerás adultério” (Ex 20,14), mas a catequese cristã nele incorporou outros ensinamentos bíblicos e tradicionais relativos à sexualidade. A castidade, hoje, é definida primeiramente como a integração da sexualidade na pessoa, na sua unidade de corpo e alma.<sup>21</sup> Esta integração é um caminho gradual, um crescimento pessoal em etapas, que passa por fases marcadas pela imperfeição e até pelo pecado.<sup>22</sup>

19 BENTO XVI.  
*Verbum domini*, 7-9.

20 COMISSÃO  
TEOLÓGICA IN-  
TERNACIONAL.  
*Em busca de uma ética  
universal: novo olhar  
sobre a lei natural*.  
2009, n. 10. Dispo-  
nível em: <www.  
vatican.va>.

21 *Catecismo da Igreja  
Católica*, 2337.

22 *Ibidem*, 2343.

A gradualidade na aplicação da lei moral é quase desconhecida em muitos ambientes católicos, e por isso deveria ser amplamente ensinada. Muitas vezes há um triunfo do tudo ou nada, fruto de um radicalismo estéril, e não a busca do bem possível. E só pode haver uma integração bem-sucedida se a pessoa viver em paz com a sua própria sexualidade, amando o seu semelhante e a si mesma. Os caminhos e as condutas neste campo não podem prescindir jamais desta integração.

### A homossexualidade

Uma carta pastoral da Cúria Romana afirma que nenhum ser humano é um mero homo ou heterossexual. Ele é acima de tudo criatura de Deus e destinatário de sua graça, que o torna filho seu e herdeiro da vida eterna.<sup>23</sup> Por isso, seja qual for a orientação sexual da pessoa ou a percepção de si em relação à própria sexualidade, ela é criatura divina, destinada a participar da vida em Cristo e da sua salvação.

A mesma carta diz que a moral católica se baseia na razão humana iluminada pela fé, e encontra apoio também nos resultados seguros das ciências humanas. Toda violência física ou verbal contra pessoas homossexuais é deplorável, merecendo a condenação dos pastores da Igreja onde quer que se verifique. Os atos homossexuais, por sua vez, são considerados intrinsecamente desordenados e, como tais, não podem ser aprovados em nenhum caso. Sobre a culpabilidade da pessoa, porém, deve haver prudência no julgamento. São reconhecidos certos casos em que a tendência homossexual não é fruto de opção deliberada da pessoa, e que esta pessoa não tem alternativa e é compelida a se comportar de modo homossexual. Por conseguinte, em tal situação ela age sem culpa. Alerta-se para o risco de generalizações, mas podem existir circunstâncias que reduzem ou até mesmo eliminam a culpa da pessoa.<sup>24</sup> Nesta situação, portanto, não se pode dizer jamais que a pessoa está em pecado mortal e que deve se afastar dos sacramentos.

23 CONGRE-  
GAÇÃO PARA A  
DOCTRINA DA FÉ.  
*Homosexualitatis proble-  
ma*. 1986, n. 16. Dis-  
ponível em: <www.  
vatican.va>.

24 *Ibidem*, 2, 10, 3  
e 11.

Esta questão é bem delicada, pois não é simples propor aos LGBT viverem a castidade no celibato. Como a castidade é a integração da sexualidade na pessoa, na sua unidade de corpo e alma, não se deve anular a pessoa afetiva e humanamente. Na formação para o sacerdócio, por exemplo, ensina-se que o caminho formativo deve ser interrompido no caso de um candidato ter excessiva dificuldade com o celibato, “vivido como uma obrigação tão penosa a ponto de comprometer o equilíbrio afetivo e relacional”.<sup>25</sup> Esta norma é sabia. É algo que convém também aos religiosos de congregações e aos fiéis leigos, incluindo os LGBT. Não se deve viver o celibato a qualquer preço.

As conferências episcopais também trazem contribuições importantes à pastoral, que são fruto de reflexões e práticas contextualizadas em diferentes realidades com suas necessidades e urgências. O papa Francisco menciona um documento dos bispos franceses sobre o reconhecimento civil da união homossexual.<sup>26</sup> Eles se opuseram à lei que equipara totalmente esta união à união heterossexual. Mas não só. Os bispos repudiam a homofobia e felicitam a evolução do direito que hoje condena toda discriminação e incitação ao ódio em razão da orientação sexual. Reconhecem que muitas vezes não é fácil para a pessoa homossexual assumir a sua condição, pois os preconceitos são duradouros e as mentalidades só mudam lentamente, inclusive nas comunidades e nas famílias católicas. Estas famílias são chamadas a acolher toda pessoa como filha de Deus, qualquer que seja a sua situação. E numa união durável entre pessoas do mesmo sexo, para além do aspecto meramente sexual, a Igreja estima o valor da solidariedade, da ligação sincera, da atenção e do cuidado com o outro.<sup>27</sup>

Estes passos são muito importantes. Se não há um ambiente livre de hostilidade que possibilite às pessoas homossexuais assumirem a sua condição, se não há nenhum reconhecimento social ou estima pelas uniões entre pessoas do mesmo sexo, a homofobia presente na sociedade as leva a contraírem uniões heterossexuais para fugirem do preconceito. Isto acontece há séculos e traz muito sofrimento

25 CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATECÓLICA. *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*. 2007, n. 10. Disponível em: <www.vatican.va>.

26 EG 66, nota 60.

27 *Elargir le mariage aux personnes de même sexe? Ouvrons le débat!* 2012. Disponível em: <www.eglise.catholique.fr>.

às pessoas envolvidas. É necessário pôr fim a esta situação opressiva. O sacramento do Matrimônio nestas circunstâncias é inválido.<sup>28</sup> É preciso que os fiéis saibam disto. A união heterossexual não é solução para a pessoa homossexual.

Os bispos brasileiros têm um documento sobre a renovação pastoral das paróquias, em que se contemplam as novas situações familiares com realismo e abertura, incluindo as uniões do mesmo sexo. Os bispos reconhecem que nas paróquias participam pessoas unidas sem o vínculo sacramental e outras em segunda união. Há também as que vivem sozinhas sustentando os filhos, avós que criam netos e tios que sustentam sobrinhos. Há crianças adotadas por pessoas solteiras ou do mesmo sexo, que vivem em união estável. Os bispos exortam a Igreja, família de Cristo, a acolher com amor todos os seus filhos. Conservando o ensinamento cristão sobre a família, é necessário usar de misericórdia. Constatou-se que muitos se afastaram e continuam se afastando das comunidades porque se sentiram rejeitados, porque a primeira orientação que receberam consistia em proibições e não em viver a fé em meio à dificuldade. Na renovação paroquial, deve haver conversão pastoral para não se esvaziar a Boa-Nova anunciada pela Igreja e, ao mesmo tempo, não deixar de se atender às novas situações da vida familiar. “Acolher, orientar e incluir” nas comunidades os que vivem em outras configurações familiares são desafios inadiáveis.<sup>29</sup>

Nos Estados Unidos, os bispos publicaram documentos importantes sobre a pastoral com homossexuais. Os que trabalham neste campo são convidados a ouvir as experiências, as necessidades e as esperanças das pessoas homossexuais. Assim se manifesta o respeito à dignidade inata e à consciência do outro. *Gays* e *lésbicas* podem revelar a sua condição a familiares e amigos, e crescerem na vida cristã. Os bispos não aprovam a adoção de crianças por casais do mesmo sexo. No entanto, aceitam o Batismo de crianças sob a responsabilidade destes casais, se houver o propósito de que elas sejam educadas na fé da Igreja Católica.<sup>30</sup> Desta forma, a orientação sexual e o ponto de vista dos fiéis cristãos *gays* e *lésbicas* não são desconsiderados ou demonizados, e suas

28 *Código de Direito Canônico*. 1983, Cân. 1095, n. 3. Disponível em: <www.vatican.va>.

29 CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. 2014, n. 217-218.

30 *Ministry to persons with a homosexual inclination*. 2006. Disponível em: <www.usccb.org>.

configurações familiares com os respectivos filhos não são excluídas da comunidade eclesial.

Há também uma bela carta pastoral dos bispos norte-americanos aos pais dos homossexuais, de 1997, com um título oportuno e profético: “Sempre Nossos Filhos”. Os bispos afirmam que Deus não ama menos uma pessoa por ela ser *gay* ou lésbica. A Aids pode não ser castigo divino. Deus é muito mais poderoso, mais compassivo e, se for preciso, com mais capacidade de perdoar do que qualquer pessoa neste mundo. Os pais são exortados a amar a si mesmos e a não se culpar pela orientação sexual de seus filhos, nem por suas escolhas. Os pais não são obrigados a encaminhar seus filhos a terapias de reversão para torná-los heterossexuais. Os pais são encorajados, sim, a lhes demonstrar amor incondicional. E dependendo da situação dos filhos, o apoio da família é ainda mais necessário.<sup>31</sup> Há muitas famílias que têm filhos homossexuais e sofrem imensamente com isto. Os pais frequentemente culpam a si mesmos e não sabem o que fazer. Esta mensagem é muito necessária também em nossa realidade eclesial e familiar.

### Gestos significativos

No início de 2015, o papa fez um gesto surpreendente recebendo em sua casa a visita do transexual espanhol Diego Neria e de sua companheira. A história de Diego é emblemática da condição transexual, do preconceito atroz e do seu enfrentamento. Ele nasceu com corpo de mulher, mas desde criança sentia-se homem. No Natal, escrevia aos reis magos pedindo como presente tornar-se menino. Ao crescer, resignou-se à sua condição. “Minha prisão era meu próprio corpo, porque não correspondia absolutamente ao que minha alma sentia”, confessa. Diego escondia esta realidade o quanto podia. Sua mãe pediu-lhe que não mudasse o seu corpo enquanto ela vivesse. E ele acatou este desejo até a morte dela. Quando ela morreu, Diego tinha 39 anos. Um ano depois, ele começou o tratamento transexualizador. Na igreja que frequentava, despertou a indignação das pessoas:

31 *Always our children*. Disponível em: <www.usccb.org>.

“Como se atreve a entrar aqui na sua condição? Você não é digno”. Certa vez, chegou a ouvir de um padre: “Você é filha do diabo!”. Mas felizmente ele teve o apoio do bispo de sua diocese, que lhe deu ânimo e consolo. Isto encorajou Diego a escrever ao papa Francisco e a pedir um encontro com ele. O papa o recebeu e o abraçou no Vaticano, na presença da sua companheira. Hoje, Diego Neria é um homem em paz.<sup>32</sup>

Ocorreram outros encontros do papa com LGBT, como a visita a um presídio na Itália em que ele teve uma refeição à mesa na companhia de presos transexuais. Nos Estados Unidos, Francisco se encontrou na nunciatura apostólica com seu antigo aluno e amigo *gay* Yayo Grassi, e com o companheiro dele. Grassi já tinha apresentado o seu companheiro ao papa dois anos antes. Este relacionamento homoafetivo nunca foi problema na amizade entre Grassi e o papa.<sup>33</sup> Gestos como estes valem mais que mil palavras. Se todas as famílias que têm filhos ou parentes LGBT fizessem o mesmo, recebendo-os em casa com seus companheiros, muitos problemas e dramas humanos seriam resolvidos.

### Reflexões finais

A realidade dos LGBT é complexa e delicada, traz apelos urgentes e constitui um desafio à evangelização. A leitura crítica da Sagrada Escritura, a devida atenção aos resultados das ciências, os diversos matizes da moral e a fidelidade à própria consciência são elementos que tornam o ensinamento da Igreja um conteúdo rico e dinâmico na vida dos fiéis. Estes elementos podem ajudar muito a ação evangelizadora junto àquela população. Não se deve buscar no ensinamento da Igreja, nem mesmo na Bíblia, um manual de instruções de um eletrodoméstico ou um código moral completo, universal e imutável. Muitas vezes se fazem citações descontextualizadas da Bíblia e simplificações indevidas da doutrina, com extrema rigidez e um terrível ímpeto condenatório dirigido aos LGBT. A pregação, em vez de curar feridas e aquecer o coração, traz mais devastação, e a

32 HERNÁNDEZ, A. B. *El bendito encuentro entre Francisco y Diego*. 26/01/2015. Disponível em: <www.hoy.es>.

33 “Em Francisco, não há espaço para a homofobia”. Entrevista com Yayo Grassi, o ex-aluno *gay* do papa. 06/10/2015. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br>.

Palavra do Deus da vida se torna palavra de morte. Não se deve jamais tratar estes indivíduos como endemoninhados a serem exorcizados, ou submetê-los à oração de “cura e libertação” para mudarem a sua condição ou identidade.

Não faltam divergências e conflitos a respeito da diversidade sexual. Mas também não é necessário esperar a sua resolução. Há posições e práticas já legitimadas que podem ser adotadas e difundidas. A descriminalização da homossexualidade e da transexualidade em todo o mundo deve ser defendida com vigor, bem como o enfrentamento da violência física, verbal e simbólica feita aos LGBT. O exemplo do papa Francisco, recebendo-os em sua casa com seus companheiros, deve ser seguido. É através deste acolhimento que o verdadeiro encontro se torna possível, que as pessoas podem conhecer umas às outras e interagir positivamente, sem escamotear realidades vitais e sem deixar que o medo e o preconceito criem fantasmas.

Acolher, orientar e incluir, como diz a CNBB sobre as novas configurações familiares, é uma ponte que conduz às periferias existenciais. Não faltam à Igreja recursos teóricos e testemunhos marcantes para pregar a Palavra de Deus de maneira adaptada à realidade dos povos, a fim de que a vida em Cristo seja comunicada, as feridas curadas e os corações aquecidos.

Certa vez uma senhora devota me procurou desconsolada por descobrir que seu filho era *gay*. Tivemos uma boa conversa, e eu lhe recomendei o filme *Orações para Bobby*.<sup>34</sup> Tempos depois ela me disse exultante: “Jesus tirou o preconceito do meu coração!”. De fato, Jesus age na vida das pessoas e liberta do preconceito. O seu Espírito impele a Igreja a transpor as estruturas caducas, externas e internas, incapazes de acolhimento. Ela deve acolher com amor os LGBT para manifestar ao mundo o rosto do Senhor, e alegrar-se com suas bênçãos. Se muitos deles sentem que precisam da Igreja, cabe reconhecer que ela também precisa deles.

34 Disponível em: <[www.youtube.com](http://www.youtube.com)>.

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em grupo

1. Conheço pessoas LGBT, suas capacidades, dificuldades e esperanças? De que maneira me relaciono com elas?
2. É possível reuni-las em grupo para oração, reflexão, partilha e apoio mútuo?
3. Conheço famílias em conflito por terem filhos LGBT? Como auxiliá-las?

## Por um mundo melhor, com pessoas mais misericordiosas

\* **José Carlos**

**Pereira** é padre passionista, teólogo pastoralista, com doutorado em Sociologia e pós-doutorado em Antropologia Social. É autor de mais de 60 livros em diversas áreas. É membro do Núcleo de Estudos Religião e Sociedade (NURES), do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC/SP; é articulista da *Revista Paróquias & Casas Religiosas*, da qual também faz parte do Conselho de conteúdo, e participou das pesquisas do CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais), fazendo a análise sociológica das suas últimas pesquisas sobre a realidade do clero brasileiro. É assessor do CCM (Centro Cultural Missionário), de Brasília/DF, organismo da CNBB, e presta assessoria e consultoria para Congregações Religiosas, dioceses e paróquias do Brasil. **Endereço:** Av. Dr. Carlos Botelho, 2371 – CEP 13560-251 – São Carlos/SP. Tel. (16)3371-2226. Cel. (16)98818-0638. **E-mail:** cpzeca@uol.com.br.

JOSÉ CARLOS PEREIRA\*

### Introdução

A misericórdia é um tema medular da fé cristã e ela passa toda relação humana e a relação com Deus. Não é possível viver a fé cristã se a nossa prática prescindir a misericórdia. É isso que aprendemos com Jesus, cujas ações são pautadas nas Leis e nos profetas, isto é, encontramos as raízes da misericórdia no Antigo Testamento.

Assim, o ano da misericórdia é também um ano da Graça do Senhor (Lc 4,19). Um ano em que o Papa Francisco nos possibilita viver uma das experiências mais belas do amor de Deus, vislumbrando seu rosto misericordioso nos atos de misericórdia de cada um de nós, seus filhos e filhas, criados a sua imagem e semelhança. Portanto, é a misericórdia que nos faz assemelhar a Deus. A misericórdia de Deus nos faz entrever ainda neste mundo o Reino dos Céus, e do Planeta em que vivemos uma “casa comum”, uma casa de irmãos, que partilha e cuida de cada obra da criação. Uma casa onde cada pessoa humana, ciente de suas limitações, torna-se compassiva e misericordiosa com os limites do seu próximo. Desse modo, misericórdia e perdão são binômios de um mesmo procedimento, o amor. O amor que faz deste mundo a casa comum, uma comunidade planetária onde, na interdependência das espécies criadas, harmonia e equilíbrio reinam de modo perfeito, e a vida floresce em todas as suas espécies e dimensões, cada uma a sua maneira, numa sintonia e sinfonia que não deixam margens para a dúvida sobre a existência de Deus e do seu Reino. É a imagem do

paraíso, encontrada no livro do Gênesis (2, 8), que confere a este mundo a semelhança de um jardim, o “Jardim do Éden”, onde os atos humanos são determinantes para a existência, ou não, desse “Jardim”. Atos de misericórdia que revelam os atos de amor. Somente quem ama é misericordioso. Por isso Jesus pediu insistentemente: “Sejam misericordiosos, como também o Pai de vocês é misericordioso” (Lc 6,36).

### O mundo como jardim desta casa comum

Para falar de um mundo bom de viver, semelhante ao Reino dos Céus, o Paraíso, Deus usou a imagem de um jardim, o Jardim do Éden. Jardins são lugares belos, que expressam, além da beleza, a paz e um quê de Deus! Quem não se encanta com um jardim deve urgentemente buscar ajuda, porque tal insensibilidade pode ser perigosa para o convívio social e a preservação desse jardim. Quem não enxerga a beleza de um jardim dificilmente enxergará a beleza dos que nele vivem, sejam os próprios seres humanos, seus semelhantes, ou qualquer outra obra da criação de Deus. E quem não enxerga a beleza da criação de Deus dificilmente a respeitará e tampouco agirá com misericórdia e compaixão; assim, não irá cuidar dessa criação, pois se torna um ser indiferente e, portanto, insensível. Daí nascem os atos de desrespeito com a vida do Planeta que se revelam no descaso com o meio ambiente e com as pessoas.

O poeta gaúcho Mário Quintana disse: “O que mata um jardim não é o abandono. O que mata um jardim é esse olhar de quem por ele passa indiferente”.<sup>1</sup> Podemos dizer que a indiferença é o mal do nosso século. Ser indiferente à dor do outro é ser no mínimo desumano; ser indiferente à destruição do meio em que se vive é no mínimo ignorância; ser indiferente às belezas da vida é não viver em plenitude; ser indiferente é ser insensível, e quem é insensível jamais agirá de modo complacente e misericordioso, pois o primeiro requisito para a misericórdia é a sensibilidade. Sensibilidade não é fraqueza, é olhar atento que enxerga além

1 QUINTANA, Mário. *Diário Poético* 87. Porto Alegre: O Globo, 1986.

das aparências, olhar que vê por trás das realidades, que vislumbra nas partes o todo, e no todo a harmonia das partes. Quem é sensível sabe que, quando uma parte é agredida, o conjunto da obra sofre tal agressão. É assim com o corpo, é assim com o Planeta. Quando um membro do corpo é ferido, todo o corpo sente a dor daquele membro. Quando um ser humano é agredido, deveríamos sentir a dor dele, como ensinou Jesus com o sentimento de compaixão que demonstrou em diversos momentos em que participou da dor de outros. Compaixão significa sofrer com os que sofrem; sentir a dor do outro. Só quem sente a dor do outro faz algo para diminuir ou dirimir a dor que o outro está sentindo.

Adélia Prado, poeta mineira, que diz ver jardim por toda parte, disse em um de seus poemas:

Nasceu no meu jardim um pé de mato  
que dá flor amarela.  
Toda manhã vou lá pra escutar a zoeira  
da insetaria na festa.  
Tem zoadá de todo jeito:  
tem do grosso, do fino, de aprendiz e de mestre.  
É pata, é asa, é boca, é bico, é grão de  
poeira e pólen na fogueira do sol.  
Parece que a arvorinha conversa.<sup>2</sup>

Adélia enxerga a plenitude da vida num minúsculo e insignificante “pé de mato”. Precisamos ter olhos de poeta para enxergar melhor a vida contida nas pequenas coisas. Deus tem olhos de poeta. Se assim não fosse, não usaria a imagem do jardim para construir este mundo. Se ele quis este mundo igual a um jardim, ele quis que cada um fosse uma espécie de “jardineiro”.

Jardineiros têm um quê de divino porque conseguem, com sua delicadeza e tato, transformar lugares dantes invisíveis e sem encanto em paisagens que revelam um pedaço do paraíso. Todos deveriam deixar despertar o “jardineiro” que existe dentro de si e buscar tornar mais belos os lugares

<sup>2</sup> PRADO, Adélia. Poema “Anímico”. In: *Poesia Reunida*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

onde vivem, ou por onde passam. Isso é tão simples, cabendo apenas um pouco de sensibilidade e cuidado. Cuidado de si, do próximo e do espaço onde se habita. Assim nós nos tornamos pessoas importantes porque damos importância às coisas e às pessoas.

Vemos, porém, que o mundo está carente de “jardineiros”, de pessoas que se preocupem em construir e preservar jardins, e não em destruí-los. Tragédias como a que ocorreu em Mariana/MG (05/01/2015) são inconcebíveis, pois revelam a insensibilidade com o meio ambiente e o ávido desejo pelo lucro de algumas empresas que destroem e matam sem escrúpulos ou piedade. Nesse caso, em vez de transformar desertos em jardins (Is 35,1), jardins foram transformados em desertos. Essa agressão ao meio ambiente e às pessoas clamam os céus que geme em dores de parto (Rm 8,22).

Ainda temos jardins, mas até quando? No ritmo que segue a destruição esse jardim pode durar menos do que imaginamos. Os campos a serem cultivados, os jardins, são imensos, mas os jardineiros são poucos (Lc 10,2). Precisamos urgentemente fazer algo para que apareçam mais jardineiros para cuidar desse jardim, que é o Planeta, e das pessoas que nele habitam.

### A importância de sermos jardineiros nos jardins desta casa comum

Você, eu, todos nós, religiosos e religiosas, pessoas leigas e consagradas, somos muito importantes neste trabalho vocacional de despertar a consciência para o cuidado da nossa casa comum. Somos vocacionados, isto é, chamados, convocados a trabalhar nesta messe, neste mundo, para que ele se transforme num jardim. Não importa o dia e a hora, o que importa é a necessidade e a disponibilidade em fazer algo para preservar este mundo, de modo que nossas ações sejam sustentáveis (Mt 20,1-16) e não predatórias. Esse é um apelo bíblico que encontra eco na Carta Encíclica *Laudato Si'*, do papa Francisco, que também nos faz um apelo: “O

urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar”.<sup>3</sup> É preciso acreditar em mudança, pois nem tudo está perdido. É preciso acreditar no ser humano, apesar da sua degradação. Isso também é ser misericordioso, porque, embora existam pessoas que não se converteram para as mudanças que o mundo clama, há muitos que estão dando a vida para que outros tenham vida.

Nesse jardim, cada ser é único e foi criado por Deus com exclusividade, portanto, merece todo cuidado, todo amor, todo respeito. Entre esses seres estamos nós, humanos, feitos a sua imagem e semelhança. Ele nos conferiu características únicas, mesmo que encontremos pelos caminhos da vida pessoas com fisionomia e procedimentos semelhantes, mas ninguém é igual a ninguém, embora sejamos todos da mesma espécie. Nisso consiste a beleza e a grandeza da criação de Deus. Esse dado, por si, já revela a grandeza e a beleza do Criador que nos criou e nos colocou nesse jardim (leia-se planeta Terra) para que cuidássemos dele. Assim, a grandeza de Deus se revela na unicidade de cada indivíduo, de cada pessoa gerada sem igual. Privilégio assim merece todo cuidado, como qualquer obra rara e única.

### O amor como chave da misericórdia

Portanto, cuide de você como quem cuida de uma frágil planta de um jardim; ame a si mesmo, porque somente quem ama a si próprio saberá amar os da mesma espécie, e também os de outras espécies. Somente quem se ama investe em si para poder ser melhor para os outros. Por isso Jesus disse: “Ame ao seu próximo como a si mesmo” (Mt 22, 39), porque, se você não se ama, dificilmente amará o seu próximo. Quem não ama a si mesmo é passível de sentimentos nocivos em relação ao seu próximo, como, por exemplo, a inveja, o rancor, o ódio e a intolerância. E quem não ama seu irmão ou sua irmã a quem vê, não pode amar a Deus a quem não vê (1Jo 4,20). E quem não ama a Deus não irá

3 Cf. PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'* [Louvado Seja!]: sobre o cuidado da casa comum. *Documentos do Magistério*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015, p. 16, n. 13.

amar as obras de sua criação. Aqui está a raiz do desrespeito à vida e às demais criaturas de Deus.

Ter amor-próprio não é ser egoísta, é reconhecer-se filho ou filha de Deus, únicos, apesar de sermos milhões como as estrelas do céu, ou iguais aos grãos de areia das praias. Como as estrelas, que a princípio se parecem, cada um de nós tem brilho próprio e é capaz de emitir luz sem ofuscar a luz dos que nos rodeiam, embora devamos saber que não duramos como as estrelas, ou seja, nossa vida neste mundo é um sopro comparada à eternidade. Saber disso é muito importante para sermos mais humildes e respeitar as diferenças, fazendo a nossa parte, dando ao mundo a nossa contribuição que, somada à contribuição de outros milhões, faz esse jardim florescer.

Assim, o amor-próprio revela e reflete o amor ao próximo. Quem não ama seu semelhante, não ama a si mesmo e, portanto, não pode amar a Deus (1Jo 4,20). Por essa razão o maior mandamento de Deus se resume no amor a Deus e ao próximo como a nós mesmos (Mt 22,36-40). Amar a Deus sobre todas as coisas é colocá-lo em primeiro lugar na nossa vida. Deste modo, o mandamento do amor vem em primeiro lugar na lista dos dez mandamentos. Esse primeiro mandamento se completa no amor àquele que é a sua imagem e semelhança: o ser humano. Assim, no amor, o humano e o divino se encontram e se tocam, amalgamando-se numa espécie de síntese dos dez mandamentos da Lei de Deus.

Quem ama a Deus e ao próximo como a si mesmo não fere o outro, não rouba, não mata, respeita os pais, respeita seu cônjuge e não o trai, não toma o nome de Deus em vão, respeita e guarda os dias dedicados ao Senhor, não faz calúnias de seu próximo, não inveja os bens dos outros; enfim, quem ama a Deus e ao próximo já vive todos os demais mandamentos porque todos estão condensados no amor a Deus e ao próximo. Em suma, quem ama a Deus é misericordioso para com o seu próximo, e quem é misericordioso revela Deus nos seus atos.

Porém, há quem possa questionar: mas quem é meu próximo? O meu próximo não é apenas aqueles que estão

geograficamente perto de mim. Esses também, mas o meu próximo é, sobretudo, aquele que necessita de mim. Veja a parábola do bom samaritano (Lc 10,30-37); nela vemos que várias pessoas passaram perto do homem ferido caído à beira do caminho, porém, somente o samaritano é que foi o próximo dele, porque o enxergou como seu próximo e o socorreu, pois sentiu a dor do seu semelhante, mesmo sendo ele de um povo distinto do seu. Ele conseguiu amar aquele desconhecido como a si mesmo, por isso fez o que fez por ele. Os demais viram aquele homem agonizante como outro diferente de si, portanto, não merecedor da sua atenção e da sua ajuda. Eles tinham “outras preocupações” e compromissos. A vida do ferido não lhes foi prioridade. E entre os que passaram por ele estava um sacerdote, um homem supostamente de Deus, mas que se mostrou muito distante de Deus porque não amou a Deus no seu próximo. Com isso vemos quão distante estava de cumprir os mandamentos de Deus. Ele, e os demais que passaram ao lado do marginalizado, mas não o socorreram, não tiveram compaixão. Assim, a parábola mostra que há muito descaso com o próximo, com o semelhante, com o próprio divino que habita no humano, e que é preciso conversão para mudar essa situação, porque significa desrespeito, e o desrespeito fere profundamente a Deus.

Vemos ainda no mundo tantas atitudes de desrespeito. Desrespeito com os que sofrem; desrespeito com o diferente ou com quem pensa diferente; desrespeito com os que se vestem ou se portam de modo diferente; desrespeito com quem professa uma religião diferente, ou com quem tem uma opção política diferente, ou com quem torce por um time diferente; desrespeito com os idosos, com negros, com indígenas, com os que são de outra região do país, com mulheres, com homossexuais, com pobres, com portadores de deficiências. Enfim, sobram poucos os que supostamente se respeitam, porém, mesmo entre esses poucos não significa que haja respeito. O que se tem, às vezes, é certa tolerância, mas basta que alguém se diferencie, ou pense diferente, para que desencadeie contra ele atos de hostilidade. Esse

comportamento animalesco não deveria existir entre humanos civilizados, mas o que vemos é uma profunda carência de civilidade.

Que triste é ver um ser humano destruindo o seu semelhante, seja por atos ou palavras, só porque não se sente igual a ele! Se amássemos os outros como a nós mesmos, e fôssemos mais misericordiosos, nada disso aconteceria, porque antes de qualquer ação perguntaríamos: eu gostaria que alguém dissesse isso de mim, ou fizesse isso para mim? Pode ter certeza que boa parte de nossas palavras e ações não seriam ditas ou praticadas. Esse é o filtro para viver os mandamentos e sermos misericordiosos. Esse é o caminho para a civilização do amor.

É fácil dizer que se ama a Deus, a quem não se vê. Difícil é viver o amor ao próximo, a quem se vê ou se convive. Praticar uma religião sem compromisso real com o semelhante é fácil, quero ver ser uma pessoa religiosa e viver os mandamentos do amor a Deus e ao próximo! Pense nisso e sua vida será melhor, porque você se tornou uma pessoa melhor, mais tolerante, mais inteligente, mais humana e, conseqüentemente, mais misericordiosa, e por isso mais próxima de Deus.

Em suma, o amor é a base que sustenta a misericórdia, o amor tudo sustenta. Por isso repito a sentença de São João: “Se alguém disser: amo a Deus, entretanto, odeia o seu irmão, é um mentiroso; pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,20). Sem amor tudo se esvazia, fica apenas técnico ou mecânico, e, portanto, perde o sentido, como diz Paulo, na primeira Carta aos Coríntios, “Se eu não tivesse amor, eu não seria nada [...], nada disso me adiantaria” (1Cor 13,2-3).

Por exemplo, quem trabalha somente pelo salário, ou pensando naquilo que vai ganhar ou lucrar, mas não ama o que faz, está perdendo tempo, está perdendo a sua vida, porque ações sem amor no mundo profissional esvaziam tanto a profissão quanto a própria vida de quem faz a ação sem amor. Empobrece a empresa onde trabalha e empobrece a si mesmo. A pessoa pensa que está ganhando com isso, mas

está perdendo, porque gasta tempo executando uma função sem amor, gastando literalmente a própria vida.

Quem se une a uma pessoa sem amor, apenas pela atração física, ou por outro motivo, faz dessa relação um sofrimento para ambos. O amor é a base de qualquer relação, sobretudo a relação conjugal. O amor é a grande rocha que alicerça a vida matrimonial. Mas não é qualquer amor, é aquele amor capaz de dar a vida um pelo outro. Amar na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da vida.

Com a prática religiosa não é diferente. Quem vive uma prática religiosa sem amor, tem atos que depõem contra Deus e contra a sua religião, pois pode cair no fanatismo religioso, que é uma das mais graves formas de ignorância, porque pessoas que se dizem religiosas, mas não respeitam seus semelhantes, e até matam em nome da religião, ou em nome de Deus, mostram que lhe faltou o essencial, que é o amor. Assim, a base de toda religião deve ser o amor ao próximo. Se esse fundamento não existir, ela pode ser qualquer coisa, menos religião, porque religião é para nos ligar e religar a Deus, e Deus é amor. Assim, o vínculo da perfeição, o vínculo com Deus que toda religião propõe, é o amor. Quem não vive o amor na sua religião, ou não entendeu a religião que vive, ou não vive a religião que supõe viver.

Enfim, toda missão, todo empreendimento, ou qualquer coisa que se faça na vida, sem amor, está fadado ao fracasso. O amor é o ingrediente que não pode faltar em nenhuma opção, ação ou reação. Quem age com amor, revela Deus, e Deus nele se manifesta, porque “Deus é amor”, diz São João.

Podemos ser a pessoa mais intelectual da face da terra, um poliglota, um gênio na ciência, em qualquer área, mas, se não tivermos amor, seremos vazios, como um sino ruidoso, estridente, que só faz barulho, e barulho que irrita os ouvidos (1Cor 13,1). Como é pedante uma pessoa supostamente intelectual que, em nome do seu saber, não respeita e humilha a outros! O verdadeiro sábio é aquele que conhece os limites de sua sabedoria e respeita os saberes distintos do seu. A sabedoria sem amor se torna ignorância.

E mais ainda, quem não tem amor pode ter qualquer outra coisa, dinheiro, dons, saúde, conhecimento, e até fé, porém não terá nada, porque no fundo tudo isso sem amor é, simplesmente, um nada. O que dá sentido a nossa vida é o amor que temos em nós. Até mesmo a caridade sem amor é um nada. Quem pratica caridade, mas não ama, faz simplesmente uma ação social, mas não transforma a vida de ninguém, porque somente o amor transforma. A caridade que resultada do amor é edificante, tanto para quem pratica quanto para quem a recebe.

Assim é também no campo da educação. Uma educação sem amor é simplesmente uma reprodução da violência, invertendo valores e a ordem das coisas, tornando o oprimido de hoje o opressor de amanhã. Quando a educação é aplicada com amor, ela é libertadora, e os que são oprimidos não querem vingança, mas querem apenas se libertar da opressão, e uma vez libertos, nunca mais querem ver um ser humano sendo humilhado ou oprimido, porque sentiu a dor da humilhação e da opressão. Porém, quando não há amor, aquele que foi um dia oprimido, se sair da opressão e tiver poder, ele será tão opressor quanto aqueles que o oprimiram, podendo ser ainda pior.

Faça tudo com amor, ou nem faça, pois não vale a pena agir sem amor. Quem tem amor tem paciência, é prestativo, não é invejoso, não se ostenta com nada nem se incha de orgulho ou vaidade, diz o apóstolo Paulo. Vivamos com amor e assim viveremos de fato. Vivamos com amor e seremos misericordiosos.

### Considerações finais

Enfim, se você quer um mundo melhor, mais misericordioso, “seja a diferença que você quer no mundo”, pois muitas vezes desejamos que o mundo seja melhor, e que as pessoas sejam mais misericordiosas, mas nem sempre nos esforçamos para sermos melhores e mais misericordiosos. Como ter um mundo melhor, e com pessoas mais misericordiosas, sem que o mundo tenha indivíduos melhores

e mais misericordiosos? Impossível! O mundo será melhor quando cada um fizer a sua parte.

Como querer um mundo melhor, e com pessoas mais misericordiosas e cordiais, quando nem o porteiro de nosso prédio cumprimentamos?

Como ter um mundo melhor quando achamos que aquele lixo que jogamos na rua é inofensivo e não vai prejudicar o Planeta?

Como querer um mundo melhor se nem sempre respeitamos as leis, por mais irrelevantes que elas possam parecer, como, por exemplo, ceder o lugar nos transportes públicos; dar prioridade aos que a lei dá prioridade (idosos, deficientes, mulheres grávidas, pessoas com criança no colo etc.); devolver o que encontramos e que não nos pertence; dar prioridade aos pedestres quando estamos dirigindo e não burlar outras regras do trânsito; enfim, uma série de leis que, se todos cumprissem, o mundo já seria bem melhor.

Tudo isso sem falar das coisas ainda mais sérias, como, por exemplo, as sonegações, os desvios, os favorecimentos por interesses pessoais, enfim, as ações que prejudicam os outros e com as quais muitas vezes somos coniventes, ou compactuamos com nosso silêncio ou ignorância.

Junto com as leis, as quais deveríamos cumprir por obrigação, vem a educação, a polidez, a elegância, que fazem o mundo ficar mais bonito, além de gestos e comportamentos tão simples: dizer um bom-dia sincero e com um sorriso; ajudar alguém que precisa, mesmo que seja atravessar a rua; abrir portas, no sentido literal e figurado, deixando que aqueles que estão atrás de nós passem à frente; falar baixo e olhando nos olhos; ouvir mais do que falar; elogiar mais do que criticar; destacar mais as qualidades do que os defeitos; enfim, ser educado, ser gentil, ser simplesmente mais humano. Nada mais que isso: ser humano. Isso basta para o mundo ser melhor.

De quem podemos esperar tais procedimentos?

De nós mesmos. Se cada um fizer a sua parte, o mundo será melhor. Então, veja se você está fazendo a sua parte. Se

estiver, está contribuindo para o mundo ser melhor. Se ainda não está, procure fazer o mais depressa possível.

Como? É simples: não querendo levar vantagem em tudo nem ser o melhor apenas por vaidade. Queira ser o melhor para tornar o mundo melhor, ou tornar as pessoas melhores. Isso é o que conta. O resto é vaidade e em nada contribui para a melhoria do mundo. Vaidade serve apenas para alimentar arrogâncias e deixar o mundo mais feio, porque um mundo de pessoas arrogantes, em que umas se acham melhores do que as outras, apenas para diminuí-las, é um mundo feio e sem sentido.

A razão de estarmos aqui se justifica pelo convívio humano e pelo cuidado da casa comum. Portanto, se justifica pela solidariedade, pela ajuda mútua, pelos atos de compaixão e misericórdia, pelo amor recíproco. Se não ajudarmos uns aos outros, se não formos mais generosos e misericordiosos, se não formos pessoas mais amáveis umas com as outras, perdemos o sentido e a razão da vida, e esse jardim que deveria ser o paraíso se transformará num inferno. Quem ainda não entendeu isso, não entendeu a razão da própria vida nem a proposta central do Evangelho.

## Referências bibliográficas

- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. *Documentos do Magistério*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.
- PEREIRA, José Carlos. *Novos ventos nos conventos: desvelando os meandros da Vida Religiosa Consagrada em vista da sua renovação*. São Paulo: Paulus, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Resiliência: para lidar com pressões e situações adversas*. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.
- PRADO, Adélia. Poema “Anímico”. In: *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- QUINTANA, Mário. *Diário Poético 87*. Porto Alegre: O Globo, 1986.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em grupo

1. À luz do texto anterior, e da parábola do bom samaritano (Lc 10,30-37), que outras atitudes revelam atos de misericórdia? Como e quando você as identifica em você mesmo e nas outras pessoas? Que diferença essas atitudes fazem no mundo?
2. O papa Francisco, na Carta Encíclica *Laudato Si'*, trata o Planeta como “casa comum” e faz contundentes apelos para a preservação ambiental e o respeito a todas as formas de vida. Como você ouviu os ecos destes apelos, ou eles são silenciados? Que iniciativa a Igreja no Brasil tem tido em relação a esses apelos? Seu Instituto, Congregação ou Ordem tem tido iniciativas relacionadas à preservação do meio ambiente? Quais? Como e onde?
3. Você enxerga relação entre amor, misericórdia e cuidados com a “casa comum”? Como?

## Recriar com amor a Vida Consagrada Apostólica

### Um caminho de discernimento e audácia

VINÍCIUS AUGUSTO RIBEIRO TEIXEIRA\*

Em meio aos avanços e retrocessos, às preocupações e tentativas que delineiam o momento presente da Vida Consagrada Apostólica (VCA),<sup>1</sup> é possível divisar horizontes e desafios que a convocam a criar ou a recriar condições de efetivação e aprimoramento de seu *núcleo identitário*. A tarefa que nos incumbe a todos é a de buscar uma nova maneira de compreender e viver nossa identidade original, com discernimento orante e audácia evangélica, a partir de convicções, valores e práticas bem definidos. Desta nova compreensão e vivência, deve resultar um novo modo de organizar-nos internamente e de situar-nos na Igreja e na sociedade, em fidelidade criativa à nossa vocação específica, favorecendo a unidade e a harmonia entre o espírito, as estruturas e a práxis. Falamos, então, de interpretações atualizadas, mas não menos exigentes, de uma mesma paixão por Cristo e do consequente desejo de amar e servir a Deus e aos irmãos, vivendo e testemunhando a radicalidade do Evangelho, nos diferentes contextos culturais em que a VCA está inserida. Esta empreitada de “renovação eficaz e conveniente adaptação” requer o envolvimento corresponsável e a participação ativa de todos, cada um dentro de seu próprio âmbito de atuação (cf. PC 4),<sup>2</sup> valendo-se sobretudo dos espaços privilegiados, que são as Assembleias e Capítulos. O sentido de pertença só pode ser vivido por consagrados(as) que se reconhecem e são reconhecidos como sujeitos e protagonistas, não como passivos espectadores ou meros destinatários de decisões e solicitações. A *liberdade de reflexão, expressão e iniciativa* é algo a ser exercitado e estimulado, tendo sempre

\* **Vinícius Augusto Ribeiro Teixeira** é presbítero da Congregação da Missão (Vicentinos ou Lazaristas). Este artigo está na linha de continuidade com outros dois também publicados em *Convergência*: “Um olhar sobre a Vida Consagrada Apostólica: nas trilhas do Vaticano II e do Papa Francisco” (novembro de 2015) e “Redescobrir-se com fé: um apelo à Vida Consagrada Apostólica” (janeiro-fevereiro de 2016). **E-mail:** [viniciusaugustocm@yahoo.com.br](mailto:viniciusaugustocm@yahoo.com.br).

<sup>1</sup> Termo que reúne os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, distinguindo-os da Vida Consagrada Monástica e Contemplativa.

<sup>2</sup> Decreto *Perfectae caritatis*: sobre a conveniente renovação da Vida Religiosa. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 277-295.

como esteios a reta intenção, a mútua estima, o discernimento compartilhado, o amor à comunidade e o desejo de vê-la progredir na correspondência ao próprio carisma.<sup>3</sup>

Por outro lado, para envidar esforços de revitalização da identidade da VCA, faz-se necessário evitar estratégias e reações que não correspondam ao fim desejado (o fim jamais poderá justificar meios que lhe sejam estranhos ou até contrários!). Alguns desses posicionamentos contraproducentes podem ser resumidos da seguinte maneira:

- a) saudosismo: apego e submissão a práticas obsoletas, normas autoritárias e costumes irrelevantes, com o risco de envolver, fechando-se na postura defensiva de quem só vê a glória do passado, a calamidade do presente e a obscuridade do futuro;
- b) funcionalismo: pseudomodernização e mera adaptação a tendências, modas e modos da sociedade contemporânea, em vista de resultados imediatos ou até da sobrevivência institucional;
- c) pessimismo: atitude derrotista de passividade diante da crise e desinteresse ante desafios mais instigantes e apelos mais exigentes;
- d) superficialismo: otimismo ingênuo ou estratégico, que nega a crise, não reflete em profundidade e preocupa-se apenas em apagar incêndios, tapar buracos institucionais e, o que é pior, encobrir incoerências e deslealdades.<sup>4</sup>

Posturas altamente perigosas porque nos expõem a ideologias mesquinhas, subordinadas a interesses e nitidamente desvinculadas do horizonte da fé, fora do qual a VCA terminaria destituída de memória e profecia. Com efeito, só pessoas novas, íntegras e verazes, imbuídas de fé, tocadas pela graça de Deus e convictas de sua vocação poderão construir uma VCA verdadeiramente renovada, ainda que isso exija deixar para trás caminhos já frequentados e aventurar-se por caminhos até então desconhecidos. A seguir, apoiados no *núcleo identitário da VCA*, apresentamos alguns desafios, intimamente relacionados entre si, aqui respaldados pelas palavras do papa Francisco, cujo pontificado tem feito desabrochar uma nova e promissora primavera eclesial.<sup>5</sup>

3 Para a composição deste artigo, servimo-nos também dos textos contidos em: VV.AA. *Paixão por Cristo, paixão pela humanidade*. Congresso Internacional da Vida Consagrada. São Paulo: Paulinas, 2005.

4 Devo estas noções a uma reflexão de meu coirmão, Pe. Eli Chaves dos Santos, CM.

5 Cuidadosa síntese e clarividente olhar sobre o pontificado do papa Francisco, desde seus antecedentes imediatos até a convocação do Ano Santo da Misericórdia, podem ser encontrados em: BESEN, José Artulino. *Com Francisco, viver a Misericórdia*. Florianópolis: Arquidiocese de Florianópolis, 2015. Habilmente preparado para um curso de formação permanente do clero, o texto teve uma edição limitada. Por sua relevância, esperamos vê-lo mais amplamente difundido.

A ninguém escapa a pertinência da constatação:

Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração (EG 262).<sup>6</sup>

*Consagrados(as) com espírito* é o que a Igreja e o mundo esperam. Como responder a tão justa expectativa? Ou melhor: como satisfazer a tão grande necessidade, sentida, em primeiro lugar, por cada um de nós em particular? A resposta não pode ser outra: cultivando uma espiritualidade mais profunda, que compreenda, estimule e integre contemplação e ação.

Uma vida espiritual centrada na Palavra de Deus, enraizada na herança dos fundadores(as), atenta aos sinais dos tempos, aos apelos dos mais pobres e às necessidades da Igreja. Uma espiritualidade que nutra e se nutra da experiência do Deus Uno e Trino, no seguimento de Jesus Cristo. A experiência de Deus é o esteio de toda espiritualidade autêntica. Tal experiência consiste em “perceber”, “saborear” e “apalpar” o mistério da amorosa presença do Senhor, atuando na própria interioridade, no cotidiano da vida comunitária, nas rotinas e surpresas da missão, nos fatos da história. É uma exigência da natureza humana frequentar o mistério para nele encontrar o sentido de tudo o que lhe ocorre e, assim, aprofundar convicções, aprender dos acontecimentos, reelaborar frustrações e recuperar o dinamismo necessário à existência de cada dia. Hoje, quando as vivências religiosas tendem a ser mais fluidas e disformes (“religiosidade líquida”, parafraseando Z. Bauman), inclusive no interno da VCA, faz-se mister sublinhar o valor e a necessidade de uma autêntica experiência de Deus, que não resvale para teorias e práticas alheias à doutrina cristã, assegure consistência interior e possibilite acompanhar e orientar pessoas sedentas

6 FRANCISCO. *Evangelii gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013. Neste texto, indicada pela sigla EG.

e inquietas, com a profundidade requerida por uma sólida iniciação à fé.

Falamos de uma mística capaz de iluminar e impulsionar a conversão pessoal e comunitária, as relações humanas, o compromisso missionário e o testemunho de vida. Assim, o conviver e o servir não se restringirão a tolerar pessoas e a executar tarefas, porque serão prolongamentos do ser, irradiação da caridade de Cristo na comunidade e na missão. Quanto mais exigentes se apresentam a vida comunitária e a vida apostólica, mais intensa deve ser a vida espiritual, a fim de que se possa estreitar a união com o Senhor, fazendo tudo por seu amor, revestindo-se de seu espírito (cf. Rm 13,14). Mesmo na VCA pode-se descambar para uma certa mediocridade espiritual, legitimadora daquilo que o Papa tem chamado “mundanidade do coração”, ou seja, uma existência sem referência a Deus, nivelada pelo próprio eu, desprovida de valores humanos e cristãos básicos (retidão, coerência, autossuperação, respeito pelo outro, bondade, compaixão etc.), geradora de pessoas rasas, indiferentes e inconstantes, mais preocupadas com si mesmas do que com a causa do Reino, o serviço aos outros e o bem da comunidade. A isso, sem dúvida, relacionam-se a fragmentação da identidade e a perda da atratividade de nossa opção de vida.

E o papa Francisco continua nos provocando:

É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor se apaga. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração (...). Ao mesmo tempo, “há que rejeitar a tentação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação” (EG 262).

O cultivo da *dimensão contemplativa de nossa vocação apostólica* é o caminho para a (re)composição do perfil do *consagrado(a)*

*com espírito*. A contemplação pavimenta a missão, suscitando firmeza e perseverança, sobretudo em meio a provações, fadigas e desafios. A missão, por sua vez, comunica nova intensidade e ardor à vida espiritual, dando-lhe substrato existencial, prevenindo-a do intimismo estéril que não “coaduna com as exigências da caridade”. De fato, o que se diz do cristão do século XXI, em geral, pode ser dito dos consagrados(as): ou serão místicos ou nada mais poderão ser! O presente e o futuro da VCA dependem da intensidade de sua mística, daquela experiência de Deus que modela o coração e a vida segundo as exigências da vocação específica.

Se, por um lado, a espiritualidade não se restringe à prática da oração, por outro, de modo algum poderia dispensá-la. O cultivo da espiritualidade requer a oração como seu mais substancial alimento, sem o qual corre o risco de empalidecer. O grande homem apostólico e social que foi São Vicente de Paulo (+1660) afirmava reiteradamente que, a uma pessoa que se entrega a Deus para o serviço dos pobres, “é impossível viver sem oração” (SV X, 583).<sup>7</sup> Oração entendida naquilo que possui de mais genuíno: encontro vital com o Senhor, feito de escuta, louvor, ação de graças, discernimento, súplica, entrega. E tudo isso porque o dom da fé “deve ser nutrido e revigorado sem cessar para continuar a orientar o caminho” (LF 6).<sup>8</sup> Sem o “pulmão da oração”, a fonte da espiritualidade seca. Com efeito, nada jamais poderá justificar negligências na vida espiritual. Quando o cotidiano de um consagrado(a) se consome em um suceder frenético de atividades e trabalhos, sem faixas de silêncio e momentos de contemplação, a pessoa termina exposta ao risco de perder o equilíbrio, particularmente quando seus planos fracassam e suas expectativas se frustram. Salta aos olhos o realismo com que o mesmo São Vicente trata a questão da oração, falando às Filhas da Caridade:

Uma Irmã não pode subsistir se não faz oração. É impossível que persevere. Durará algum tempo, mas o mundo a vencerá. Achará seu emprego demasiado rude, porque não toma este santo refrigério. Tornar-se-á lânguida, aborrecida e, por fim, deixará

<sup>7</sup> *Saint Vincent de Paul: correspondance, entretiens, documents*. Paris: Lecoffre/Gabalda, 1920-1925. 14 tomos [neste artigo, citamos o número do tomo em algarismos romanos, seguido do número da página correspondente à citação].

<sup>8</sup> FRANCISCO. *Lumen fidei*: Carta Encíclica sobre a Fé. São Paulo: Paulinas, 2013.

tudo. E qual a razão, minhas filhas, de tantas terem perdido sua vocação? Porque negligenciaram a oração (SV IX, 416).

*Perder a vocação* no sentido de não mais encontrar em si as disposições necessárias para corresponder retamente ao chamado do Senhor. Tal é o resultado de uma vida desprovida de consistência mística e vitalidade espiritual.

O Concílio convocou os consagrados(as) a “cultivar, com contínuo esforço, o espírito de oração e a mesma oração, haurindo-a das genuínas fontes da espiritualidade cristã” (PC 6). A tradição legou à VCA um riquíssimo arcabouço espiritual, no qual podem ser encontrados métodos e formas de oração que, em seu substrato mais profundo, nada perderam de seu valor e eficácia. Convém, pois, revisitá-los com atenção e atualizá-los com criatividade, pessoal e comunitariamente, para desentranhar a riqueza perene desses exercícios: meditação, revisão de vida, partilha de oração, leitura espiritual, retiros mensal e anual, atos de devoção mariana etc. A tudo isso, acrescenta-se a participação consciente, ativa e frutuosa nos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação. Outro recurso eficaz, sobretudo no que diz respeito ao discernimento, é uma regular orientação espiritual, com a ajuda de pessoa criteriosamente escolhida. Rezar só se aprende rezando! A revitalização dessas práticas será apenas o primeiro passo na direção de uma mais sólida experiência de Deus e de uma vida espiritual mais frutuosa, como apelo a “centrar a existência em Cristo e em seu Evangelho para colocar-se num caminho exodal de adoração ao Senhor e serviço aos outros, nada conservando para si”, conforme o desafio lançado pelo papa Francisco na Assembleia da União Internacional das Superiores-Gerais (8 de maio de 2013).<sup>9</sup>

*Consagrados(as) com espírito* se notabilizam por sua disponibilidade discreta e por sua laboriosa dedicação aos outros. Sabem que não podem resolver todos os problemas, mas, porque cultivam uma “mística de olhos abertos” (J. B. Metz), não deixam de fazer o que está ao alcance de suas mãos. Esta mística, respondendo às suas inquietações mais profundas, permite-lhes encontrar o equilíbrio dinâmico

<sup>9</sup> CNBB. *Ensinamentos do Papa Francisco sobre a Vida Consagrada*. Brasília: CNBB, 2015, p. 8.

entre contemplação e ação e, conformando suas vidas a Cristo, une num mesmo amor a paixão por Deus e a paixão pela humanidade.

Por uma fraternidade mística:  
comunidade para a missão

O papa Francisco alude à força terapêutica da fraternidade assumida sob o prisma da fé:

O modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, nos cura é uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura seu bom Pai.

E prossegue, ressaltando o potencial profético e evangelizador da comunidade:

Precisamente nesta época, inclusive onde são um “pequenino rebanho” (Lc 12,32), os discípulos do Senhor são chamados a viver como comunidade que seja sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5,13-16). São chamados a testemunhar, de forma sempre nova, uma pertença evangelizadora. Não deixemos que nos roubem a comunidade! (EG 92).

A vida fraterna em comunidade mantém os consagrados(as) unidos em torno de um mesmo carisma missionário. Necessário se faz, portanto, cultivar relações saudáveis e equilibradas, sem dependências e rejeições, pautadas no acolhimento, na estima e no respeito mútuos, abertas e dispostas ao perdão, livres de sentimentalismos e susceptibilidades, mágoas e saudosismos, bem como de severidades e padronizações. O primeiro passo consiste em assumir a comunidade tal como ela é, não para deixá-la como está, mas para ajudá-la a caminhar na direção do que deve ser, tendo

diante dos olhos o ideal teológico que orienta a mística da fraternidade: a unidade na diversidade, conforme o modelo trinitário proposto por tantos fundadores(as). Tal é o exemplo de Santa Luísa de Marillac (+1660), que soube colher da contemplação do mistério da Trindade ardoroso incentivo à comunhão e à cordialidade: “Pareceu-me que para sermos fiéis a Deus deveríamos viver em grande união umas com as outras e, assim como o Espírito Santo é a união do Pai e do Filho, assim também a vida que livremente empreendemos deve transcorrer nesta adesão dos corações” (SL E. 53).<sup>10</sup>

Sabemos que a vida comunitária não é um fim em si mesmo. A comunidade se forma não porque um grupo de pessoas vive sob o mesmo teto, mas porque nela todas receberam o mesmo chamado, aderiram à mesma missão e desejam corresponder ao mesmo Amor. Não se entra na VCA para viver em comunidade, mas para servir ao Reino, seguindo Jesus Cristo, na permanente busca da santidade. Em tudo e por tudo, a mística, a comunidade e a missão se reforçam e unificam, gerando a forma própria de viver e atuar dos consagrados(as). Enquanto expressão da comunhão trinitária, a vida em comunidade se apresenta como um valor irrenunciável, sempre ordenado ao fim apostólico da consagração, emoldurado pela profecia evangélica da fraternidade e pelo humilde reconhecimento de que precisamos uns dos outros para crescer em fidelidade. Nada mais óbvio: a comunidade apostólica se alimenta do apostolado comunitário e vice-versa. Por isso, a dinâmica comunitária não pode absorver excessivamente as energias vitais de seus membros, a ponto de tirar-lhes o dinamismo necessário à missão.

Um olhar realista sobre a comunidade não pode deixar de “ver a grandeza sagrada do próximo” e estimular valores, aptidões e esforços pessoais, integrando-os em favor da missão comum. Por outro lado, não se pode abrir mão do tratamento franco e objetivo das limitações, incongruências e mazelas encontradas nos procedimentos individuais e coletivos. Para isso, o diálogo, a correção fraterna e a revisão de vida se apresentam como três apoios importantes, desde que assumidos com pureza de intenção, caridade

<sup>10</sup> *Sainte Louise de Marillac: écrits spirituels.* Paris, 1983.

sincera e desejo de incentivar o crescimento de todos e de cada um. Tenha-se presente ainda a recomendação evangélica de começar sempre pela própria pessoa (cf. Mt 18,15), escutando-a com solicitude e iluminando sua consciência com os princípios da vida cristã e da vocação específica. Da mesma forma, importa levar muito a sério a discrição e o sigilo exigidos pelas questões de ordem interna e os assuntos relativos aos membros da comunidade local, resistindo tenazmente à tentação dos juízos precipitados, das rotulações reducionistas e da maledicência corrosiva, que tanta cizânia costumam espalhar nas Casas e Províncias. Todos esses ingentes esforços são acolitados por uma atmosfera de calor humano e atenções recíprocas, valores tão ausentes na sociedade impaciente e agressiva em que vivemos. A tudo isso, soma-se o perdão, como exigência irrenunciável da “fraternidade mística e contemplativa”, a ser exercitado com profundo espírito de fé, em virtude da caridade cristã e do testemunho evangélico. Poderoso estímulo do perdão será sempre a consciência de que, na fraqueza humana, todos somos solidários. E também devemos sê-lo no empenho da reconciliação.

No mundo contemporâneo, espreitam-nos a todo instante os riscos do isolamento e da autossuficiência, da indiferença e da frieza, da competição e das disputas de poder. Hoje como ontem, a vida fraterna em comunidade pode refulgir como reação lúcida ao individualismo, desde que a comunidade tenha, de fato, qualidade de vida fraterna. Só assim, “a unidade dos irmãos manifesta o advento de Cristo, e dela dimana uma grande virtude apostólica” (PC 15). Não nos podemos contentar com a cáustica apreciação que Voltaire fazia dos que vivem em comunidade: “Unem-se sem se conhecer, vivem sem se amar e morrem sem se prantear”. Uma comunidade verdadeiramente fraterna torna-se uma crítica silenciosa à sociedade intolerante, ambiciosa e excludente, dentro da qual vigoram as relações de custo-benefício, a massificação dos pobres e a lei do economicamente mais forte. Por outro lado, a comunidade se torna também uma inestimável contribuição à evangelização, porquanto

explicita o efeito humanizador do Evangelho na vida e nas relações interpessoais.

Outra convicção teológica que pode inspirar a permanente tarefa de recriar a vida comunitária é a de que, embora não tenhamos escolhido as Irmãs ou Irmãos que temos, via de regra, convivemos com pessoas igualmente escolhidas por Deus e colocadas por ele ao nosso lado para uma mesma finalidade missionária. Só à luz desta convicção estaremos prontos a “tolerar as moléstias da convivência, agarrando-se ao amor de Deus (...) para procurar a felicidade dos outros como a procura seu bom Pai”. A comunidade não é um grupo de trabalho, nem uma ONG, muito menos um partido político. Antes de sermos “companheiros(as)”, somos “irmãos e irmãs”, chamados e reunidos pelo Senhor, vinculados por um carisma próprio, agindo num só espírito, em busca da mesma meta, porque ninguém se aperfeiçoa ou santifica sozinho. As palavras que a mesma Santa Luísa dirigiu às suas Irmãs falam por si mesmas: “Renovai-vos, pois, em vosso primeiro fervor e começai pelo desejo sincero de agradar a Deus, recordando-vos de que ele vos conduziu por sua Providência ao lugar onde vos encontrais e vos colocou juntas para vos ajudardes, mutuamente, a adquirir a perfeição” (SL C. 115). Vejamos, pois, três desdobramentos da fraternidade mística:

a) A vida fraterna em comunidade compreende o *serviço da autoridade*. Encarado como “serviço de amor”, este se constitui num sinal expressivo da lógica do Reino em uma Igreja ferida pelo carreirismo e pelas ambições pessoais. Ressoa forte a exortação do Santo Padre na já mencionada Assembleia das Superiores-Gerais: “Sabei exercer sempre a autoridade acompanhando, compreendendo, ajudando e amando; abraçando a todos e todas, especialmente as pessoas que se sentem sozinhas, excluídas, áridas, as periferias existenciais do coração humano”.<sup>11</sup> De fato, particularmente em nossos dias, o serviço da autoridade, exercido “em favor dos irmãos como expressão da caridade com que Deus os ama” (PC 14), está exigindo a capacidade e a disposição de infundir paixão e vigor ali

11 CNBB. *Ensinamentos do Papa Francisco sobre a Vida Consagrada*, p. 10.

onde há sinais de esmorecimento e letargia, encorajando a romper com falsas seguranças e comodidades para seguir as surpresas do Espírito. Uma consideração atenta às exigências do Evangelho e às intuições de muitos fundadores(as) de modo algum permite justificar (nem mesmo no passado!) a concessão de privilégios, distinções e precedentes àqueles que, embora tradicionalmente chamados superiores(as), devem se apresentar como os primeiros servidores de seus Irmãos e Irmãs. Na esteira do Evangelho, a pessoa consagrada compreende que autoridade nada mais é do que serviço de fraternal amor!

- b) As novas relações requeridas pela “fraternidade mística” só podem ser balizadas por um *projeto comunitário* bem delineado, construído, aplicado e revisto em conjunto, com ampla participação de todas as pessoas implicadas nos discernimentos, decisões e ordenamentos da vida e do apostolado. Precisamos de relações que assegurem e estimulem a unidade nos valores essenciais, a liberdade nas formas de concretização da missão e, em tudo e acima de tudo, a aragem da caridade fraterna. Relações que ultrapassem o âmbito interno da comunidade local, irradiem a força dinâmica do carisma, contagiem as pessoas que atuam nas obras e participam de suas iniciativas, estimulem o ardor missionário e promovam o sentido de pertença. Relações que enxerguem para além dos muros institucionais e se estendam aos leigos, a outras Comunidades e grupos, em vista sobretudo de oportunas parcerias e alianças estratégicas na missão e na gestão inteligente de recursos e obras. Insere-se aqui a importância de envolver-se nos projetos da CRB, como canais de interação, troca de experiências e enriquecimento mútuo.
- c) Outra tarefa diz respeito ao *cuidado dos consagrados(as) idosos e enfermos*, valorizados pelo que são, acolhidos em suas debilidades e estimulados a manter sempre acesa a paixão pelo Reino, de modo a se sentirem integrados à missão comum. Vocação de modo algum se confunde com profissão. Enquanto esta se rege pelos critérios da eficiência e da produtividade, aquela se define pela gratuidade,

marcando, de modo amplo e profundo, toda a existência da pessoa e conservando seu significado e beleza mesmo quando as forças declinam. Não só os jovens, também os idosos têm muito a oferecer às suas respectivas Congregações, confortando e encorajando seus Irmãos ou Irmãs, por meio do testemunho de realização vocacional, espírito de oração, identificação com o carisma, serenidade em meio ao sofrimento, sabedoria e santidade de vida. Assim, serão abertos caminhos de diálogo e colaboração entre as gerações, promovendo a interação entre a tradição viva e as legítimas aspirações do tempo presente, na linha sugerida pelo papa Francisco: “Todas as vezes que intentamos ler os sinais dos tempos na realidade atual, é conveniente ouvir os jovens e os idosos (...). Os idosos fornecem a memória e a sabedoria da experiência, que convida a não repetir tontamente os mesmos erros do passado. Os jovens chamam-nos a despertar e a aumentar a esperança, porque trazem consigo as novas tendências da humanidade e abrem-nos ao futuro, de modo que não fiquemos enclausurados na nostalgia de estruturas e costumes que já não são fonte de vida no mundo atual” (EG 108). Com efeito, o entusiasmo dos jovens não pode prescindir da experiência dos idosos, muito menos desdenhá-la, assim como a prudência destes não pode engastalar as iniciativas daqueles.

### Como mananciais que transbordam: missão como serviço e evangelização

Dentre as *motivações para um renovado ardor missionário*, o papa Francisco quis incluir o *prazer espiritual de ser povo*: Quanto mais amamos, encontramos e servimos o próximo, mais ampliamos o coração para conhecer o Senhor, viver em sua presença e acolher seus dons:

Quando vivemos a mística de aproximar-nos dos outros com a intenção de procurar seu bem, ampliamos nosso interior para receber os mais belos dons do Senhor. Cada vez que nos

encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo novo sobre Deus. Cada vez que nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais nossa fé para reconhecer a Deus.

Na perspectiva cristã, o outro não é um limite imposto à nossa liberdade, mas um apelo ao amor que a dilata, fazendo transbordar de nosso coração e de nossa vida aquilo que temos de melhor para oferecer:

Um missionário plenamente devotado ao seu trabalho experimenta o prazer de ser um manancial que transborda e refresca os outros. Só pode ser missionário quem se sente bem procurando o bem do próximo, desejando a felicidade dos outros. Esta abertura do coração é fonte de felicidade, porque “a felicidade está mais em dar do que em receber” (At 20,35) (EG 272).

Toda pessoa consagrada é chamada a fazer de sua existência um manancial de bondade e esperança para os outros. As estradas do amor-serviço delimitam o caminho através do qual os consagrados(as) se põem no seguimento de Jesus Cristo. Aqui refulge, em toda sua grandeza, a opção pelos pobres. De fato, o Evangelho nos ensina que, amando e servindo aos “menores dos irmãos”, amamos e servimos ao próprio Senhor (Mt 25,40). E, neste caso, não podemos falar de pobreza em sentido figurativo, como se falássemos tão somente de carências psicológicas, afetivas, religiosas, éticas etc. Estas são, sem dúvida, carências legítimas. E o empenho em superá-las ou amenizá-las toca de perto a solicitude pastoral da Igreja em sua preocupação com o ser humano integral e com todos os seres humanos. Porém, nossa predileção, para ser verdadeiramente evangélica, deve se voltar para os pobres reais e concretos, aqueles que, além das carências acima mencionadas, enfrentam a carência do elementar a uma vida digna e se veem privados do indispensável a uma condição verdadeiramente humana. É sobretudo junto a estes que devemos descobrir continuamente o “prazer espiritual de ser povo”. Na história da VCA, as ênfases e serviços apostólicos são múltiplos, mas os destinatários são

quase sempre os mesmos: os pobres, desprezados pela sociedade e, não raro, esquecidos pela Igreja. A caridade de Cristo impeliu muitos fundadores(as) ao encontro dos enfermos, das crianças abandonadas, dos encarcerados, dos anciãos, dos deficientes mentais, das vítimas das guerras e das pestes, das crianças sem instrução etc. Hoje, a mesma caridade de Cristo continua a impelir-nos na direção das novas formas de pobreza, com seus mais distintos rostos e clamores. E não pode haver miséria ou sofrimento que não encontre eco em nossos corações dilatados pelo amor do Senhor.

A evangelização e o serviço têm seu ponto de partida numa presença direta, qualificada e constante junto às pessoas, de modo que a missão não resulte intermitente e esporádica. Especialmente em se tratando dos pobres, quando se começa pela presença compassiva, a palavra que orienta e o gesto que ajuda não humilham, porque são recebidos como uma partilha fraterna e um sinal de amizade. Presença caracterizada por uma proximidade simples e gratuita, por uma escuta atenta e respeitosa, por uma palavra catalisadora de esperança, conforto e encorajamento, por uma ação refletida e audaciosa, por uma transmissão segura e criativa da fé cristã, por uma caridade organizada e duradoura, por uma pedagogia que possibilite aprender e ensinar, por um engajamento verdadeiramente profético em face das estruturas que legitimam e ampliam a exclusão social. Tudo isso sem jamais ceder à tentação de transpor para a ação apostólica os critérios da eficácia e dos resultados mensuráveis. Vejamos três desafios à nossa missão de *mananciais que transbordam*:

a) O estímulo às *comunidades inseridas* e a elaboração de *projetos sociais* contextualizados podem desencadear um vigoroso processo de redefinição da presença e atuação dos consagrados(as), por meio da formação da consciência crítica, da capacitação de lideranças eclesiais e políticas, da constituição de comunidades vivas e participativas, da organização social, da superação de mentalidades e práticas assistencialistas, do envolvimento em causas ambientais, do monitoramento de políticas públicas etc. Emerge, então, o valor imprescindível de suficiente iniciação teológica, consistente formação acadêmica e adequada

qualificação profissional, todas ordenadas ao fim de cada Congregação. A VCA nasceu para servir a quantos vivem nas “periferias existenciais da vida”, tocando “a carne de Cristo pobre nos humildes, pobres, doentes e crianças”.<sup>12</sup> Portanto, aos novos rostos da pobreza (sem-terra, sem-casa, sem-pátria etc.), devem corresponder novos modelos de inserção missionária, novas formas de caridade, novas atitudes de profetismo. Urge ainda fomentar uma nova antropologia do pobre, que o reconheça e valorize como pessoa, protagonista de sua própria história, sujeito na construção de um “outro mundo possível”, cidadão compenetrado de seus direitos e deveres, membro ativo da comunidade eclesial. Por outro lado, nada mais coerente do que nos deixar evangelizar pelos pobres, aprendendo dos valores de sua maneira própria de ser, conviver e agir: abertura para Deus, simplicidade, entreatajuda, solidariedade, gratuidade, hospitalidade etc.

b) Com o passar do tempo, algumas instituições podem ter perdido sua relevância carismática, tanto por terem se distanciado dos que estão às margens da sociedade e da Igreja quanto por não conseguirem responder satisfatoriamente aos apelos da realidade circundante. Daí a importância e a urgência de uma clarividente *revisão de obras*, empreendida com entranhado sentido de fé, capaz de reorientar para as periferias não apenas os bens de cada Congregação (como exige a filantropia!), mas, sobretudo, sua maior riqueza, seus próprios membros (como exigem o Evangelho e os fundadores!). Uma revisão de obras que procure otimizar os serviços prestados, facilitar a mobilidade e impedir o congelamento em casas e instituições que já não conseguem traduzir a vitalidade do espírito fundante. Tudo isso com o escopo de adaptar os diferentes serviços às condições dos tempos e lugares. A sugestão é do Vaticano II: “Mantenham e realizem fielmente os Institutos as obras que lhes são próprias e acomodem-nas, tendo em conta a utilidade da Igreja universal e das dioceses, às necessidades dos lugares, provendo-as de meios oportunos e até novos, e abandonando as obras que hoje estão menos conformes com o genuíno espírito e a natureza do Instituto” (PC 20). Conservar o que temos,

12 CNBB. *Ensinamentos do Papa Francisco sobre a Vida Consagrada*, p. 9.

sem rupturas e novas adesões apostólicas, nem sempre é a melhor resposta, ainda que não disponhamos de recursos humanos e enfrentemos problemas institucionais. Da mesma forma, é preciso que as estruturas sejam de tal modo flexíveis e ágeis que não sufiquem a criatividade, estejam ao dispor da missão e, assim, “a pregação do Evangelho se torne cada vez mais eficaz” (PC 20).

- c) *Conhecimento e técnica*, embora úteis e necessários, não bastam. O primordial vem da vocação, que orienta, corrige e motiva um possível desempenho profissional, direcionando-o para o serviço do Reino. A compenetração no carisma dilata os horizontes apostólicos e oxigena a correspondência ao chamado do Senhor, a partir de atitudes, gestos e posturas de bondade, compaixão, solidariedade e profecia. Necessário se faz proporcionar uma formação correspondente ao serviço confiado, saber conciliar vocação e capacitação, de modo que ninguém se torne apenas bom profissional, mas sobretudo ardoroso missionário. Quanto bem pode fazer um professor(a) ou diretor(a) de escola que se reconhece, antes de mais nada, pessoa consagrada ao Senhor e, por isso, torna-se próximo(a) dos alunos, escuta-os e orienta-os, preocupando-se em promover os mais desprovidos de recursos, de modo que tenham acesso a tudo o que a instituição pode oferecer. Que consolo a presença de um consagrado(a) que, atuando em instituições de saúde, sabe se colocar junto aos leitos dos pacientes, a fim de confortá-los em suas dores, animá-los na luta pela vida ou até prepará-los para o encontro definitivo com o Senhor, “humanizando a técnica e fazendo dela veículo da ternura de Cristo”.<sup>13</sup>

13 A expressão é de Irmã Suzanne Guillemain (+1968), superiora-geral das Filhas da Caridade de 1962 a 1968. Para conhecer suas atualíssimas intuições sobre a VCA, tão profundamente alinhadas com o Concílio Vaticano II, do qual participou como auditora, vale a pena ler: Mère Suzanne Guillemain: *Conférences et témoignages*. Paris: Fleurus, 1968.

### Voltar às fontes e recuperar o frescor: o sentido de pertença

A qualidade do sentido de pertença está diretamente ligada ao que se convencionou chamar fidelidade criativa ou criatividade fiel. Tudo começa por uma acurada volta às fontes. Com efeito, “sempre que procuramos voltar às

fontes e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual” (EG 11). Para toda pessoa consagrada, voltar às fontes e recuperar o frescor significam reencontrar a originalidade dos fundadores, reencantar-se com a vocação recebida, aprimorar sua vivência, apropriar-se do espírito de sua Congregação, partilhar o carisma com os leigos(as), explorar suas potencialidades em resposta aos clamores da realidade, rever obras e serviços, após sério e lúcido discernimento, tendo em conta a razão de ser do Instituto ou Sociedade, a itinerância requerida pela missão e a liberdade para ir aonde o Senhor chama pelos gritos que ecoam mais fortemente. Trata-se, então, de haurir das fontes o frescor permanente do carisma e sua força de agregação e estímulo. Consideremos, pois, algumas exigências:

- a) Fruto maduro do sentido de pertença é um *amor lícido à Comunidade*, um amor que sabe distinguir entre o essencial que deve permanecer e o periférico que deve se adaptar, passando de uma *observância formal*, que absolutiza normas e justifica costumes, a uma *fidelidade substancial* ao espírito dos fundadores(as) e ao estilo de vida que eles sonharam, sempre aberto a necessárias e oportunas recriações. Para isso, é indispensável que o amor e a criatividade caminhem juntos, de mãos dadas. Os anacronismos podem assemelhar-nos a peças de museu, dignas de admiração, mas destituídas de força vivificadora. Sentido de pertença não se confunde com imobilismo ou submissão. É preciso, portanto, resistir à tentação de descartar ideias e práticas inovadoras, simplesmente porque ameaçam os esquemas e comodidades que nos dão segurança. Muitas vezes, o sentido de pertença desperta atitudes corajosas e inconformadas de profetismo *ad intra*, sem amargura e isolamento, com o único escopo de ajudar a Comunidade a crescer na correspondência à sua vocação, em diálogo com o mundo contemporâneo. E, se alguém não se vê habilitado para posturas mais audaciosas, que não impeça outros de assumi-las, pisando no

freio quando se deveria acelerar, tendo como combustível *um amor lúcido à Comunidade*.

- b) *A transmissão do carisma às novas gerações* supõe um acompanhamento vocacional criterioso, apto a orientar, paciente e responsabilmente, pessoas traumatizadas por rupturas familiares, carências elementares e desequilíbrios afetivos. Orientar tanto para dentro quanto para fora, conforme as disposições alimentadas e demonstradas. Supõe ainda uma formação consistente, capaz de estimular o amadurecimento humano, a integração afetivo-sexual, a capacidade de conviver e interagir, o crescimento espiritual, o desenvolvimento intelectual, o zelo missionário e o entusiasmo pelo carisma. Tudo isso sem rígido controle das consciências e fixações em firulas e práticas secundárias. Como recorda o Concílio, “a conveniente renovação dos Institutos depende sobretudo da formação de seus membros” (PC 18), uma formação de tal modo conduzida que favoreça a assimilação dos elementos constitutivos da consagração e proporcione unidade vital entre mística, comunidade e missão. Trata-se, pois, de recuperar a mistagogia da formação, ou seja, compreendê-la como processo mistagógico, apelo à vivência apaixonada e comprometida do mistério da vocação, respeitando as diferentes etapas. Os valores e exigências do carisma lançam suas raízes no terreno fértil de uma vida cristã bem sedimentada, exercitada na oração e no compromisso eclesial. Os valores cristãos, por sua vez, reclamam a base dos valores humanos, que se verificam na retidão, honradez, bondade, justiça, lealdade etc. Aqui, desponta a necessidade e a importância da formação permanente, entendida como disposição ativa e inteligente para aprender durante toda a vida. Também no interno da VCA, nunca será demais investir na cultura e na qualificação acadêmica daqueles que demonstram maior pendor para os estudos. Consagrados(as) bem formados podem olhar e interpretar as vicissitudes da história com a mente e o coração iluminados pela fé e voltados para as margens sociais e religiosas, intuindo e indicando novos percursos de fidelidade criativa.

- c) *O testemunho vocacional* e a transmissão do carisma não se reduzem a estratégias de *marketing*. Não podem ser concebidos como realidades extrínsecas à vida e à missão ou restritas a encontros ocasionais, com o intuito de “passar uma boa imagem”. Se, até pouco tempo, falava-se do deslocamento do ser para o ter, hoje se enfatiza o aparecer, ainda que, por trás, não haja suficiente consistência e maturidade. Um exterior bem-composto pode indicar nada mais do que busca de reconhecimento social, segurança pessoal e autovalorização, como resposta ao vazio existencial e à superficialidade que caracterizam nossa época. O testemunho não ecoa se não for transbordamento de uma busca coerente. A transmissão não se efetua se não for transparência de uma vivência convicta. Sem o respaldo da convicção e da coerência, os discursos se diluem e as estratégias cedo ou tarde fracassam. Como assevera o Vaticano II: “O exemplo da própria vida é a melhor recomendação do Instituto” (PC 24). A pessoa que vive com autenticidade é aquela que, sem a pretensão de sobressair, desperta nos outros o desejo de conhecer as convicções que a motivam, a razão de sua esperança, a fonte da qual provém seu dinamismo, os prados onde seu coração repousa e se refaz. E não é este o motivo pelo qual, em seus humildes primórdios, tantas Congregações ou Comunidades floresceram abundantemente ao redor de seus fundadores(as)? As verdadeiras testemunhas são, primeiro, pessoas que vivem com transparência o projeto de vida que abraçaram. E, precisamente porque se esforçam em viver assim, tornam-se testemunhas, tais como lâmparinas que iluminam simplesmente porque ardem. O que são fala mais forte do que o que dizem. Perguntemo-nos: o que temos para mostrar aos jovens que nos procuram? Somente uma casa arrumada e um ritmo de vida regular? Aparelhos eletrônicos de última geração, para dizer que acompanhamos o passo da sociedade tecnológica? Ou conseguimos irradiar o zelo que empregamos na missão, a fé que fecunda nossa oração, a fraternidade que cultivamos em nosso dia a dia? O problema

das vocações toca diretamente o problema da identidade, a maneira como se vive a vocação livremente abraçada. Por isso, não basta insistir no discernimento para os que pleiteiam ingressar em nossas fileiras. O discernimento diz respeito também aos que já estão, de tal modo que, encurtando a distância entre o ideal e a realidade, se possa dizer aos jovens que se acercam: *venham conviver conosco e vejam qual o segredo de nossa vida, onde, como, para que e para quem vivemos*. Também aqui as palavras de São Vicente podem inspirar sobejamente, entendendo como testemunho de vida o que ele chamava *fervor*: “O fervor é como um fogo que abrasa todos os que dele se aproximam. O fervor é um fogo que ferve e inflama, como o fogo faz ferver a água. Não é suficiente ter fervor e senti-lo no coração. É preciso, além disso, dá-lo aos outros” (SV X, 559).

- d) O sentido de pertença tem a ver também com o princípio da *eclesialidade*: *sentir com a Igreja e na Igreja*, amando-a verdadeiramente, colaborando em sua missão de sacramento do Reino e servidora da humanidade, recordando a prioridade que deve ser dada aos pobres, promovendo o protagonismo dos leigos(as), incentivando a conversão pastoral e a nova evangelização, a partir dos lugares em vivemos e atuamos (cf. PC 2c). Situada na rede vital do corpo de Cristo, a VCA torna-se partícipe da santidade e da missão do povo de Deus. Exercitamos, assim, “o amor à Igreja e o espírito eclesial”, como pede o papa Francisco a toda a VCA, destinada a ser memória e profecia dos valores do Reino dentro e fora das estruturas institucionais.<sup>14</sup> O desafio que se nos afigura é o de dar um sentido mais largamente eclesial à nossa vida e às nossas obras, colocando a serviço do povo de Deus a riqueza dos carismas e reforçando nossa identidade na atenção ao magistério e na relação com os Irmãos e Irmãs na fé, posto que “um sinal claro da autenticidade de um carisma é a sua eclesialidade, a sua capacidade de se integrar harmoniosamente na vida do povo santo de Deus para o bem de todos” (EG 130).
- e) Vale ter presente ainda uma realidade que, não raro, causa desconforto e consternação a muitas pessoas: a *saída de*

14 CNBB. *Ensinamentos do Papa Francisco sobre a Vida Consagrada*, p. 10.

*Irmãos e Irmãs* que solicitam seu desligamento de nossas Comunidades. Embora, ao ser admitida a um Instituto ou Sociedade, a intenção da maioria das pessoas seja a de nela permanecer até o fim, *usque ad mortem*, não se pode excluir a possibilidade de que, passados os anos, uma ou outra intua a necessidade de deixar o que começou. Hoje como ontem, há, certamente, aqueles que o fazem premidos por conflitos, desilusões ou contrariedades. Estes, em geral, não se dão o tempo necessário para amadurecer com a crise e aprender com as circunstâncias, precipitando-se em suas decisões e entrando com passos velozes onde deveriam pisar com cautela e prudência. Há também quem se deixe arrebatado por impulsos afetivos superficiais, paixões avassaladoras ou até mesmo por outros atrativos e tendências que se inclinam na direção contrária ao projeto de vida abraçado. Tudo indica, porém, que boa parte dos que saem – não sem sofrimento e hesitação – procura discernir com maior clareza o que se deve fazer ante percepções, sentimentos e apelos que apontam para outras veredas, distintas daquela até o momento percorrida, mas igualmente válidas e retas. E o fazem honestamente, em atitude de fé, espírito de oração, acompanhados por orientadores espirituais, às vezes em diálogo com os superiores, apesar de todas as apreensões que agitam seu interior. Semelhante experiência foi admiravelmente descrita por Thomas Merton nesta sua prece: “Senhor meu Deus, não tenho ideia para onde estou indo. Não vejo o caminho diante de mim e não tenho certeza aonde me levará. Na verdade, nem sequer me conheço. E o fato de pensar que estou seguindo tua vontade não significa que realmente o esteja. Mas acredito que o desejo de fazer tua vontade te agrada. Espero ter esse desejo em tudo o que estiver fazendo. Espero jamais fazer alguma coisa distante desse desejo. E sei que, agindo assim, tu me levarás pelo caminho certo, embora eu possa nada saber sobre o mesmo. Portanto, sempre confiarei em ti, embora pareça estar perdido e sob a sombra da morte. Não hei de temer, pois tu estás

sempre comigo, e nunca deixarás que eu enfrente os perigos sozinho”. Em circunstâncias tais, o procedimento costuma ser exigente e doloroso, sobretudo porque não é fácil obter clareza e, em seguida, deixar para trás a segurança do já conhecido, ainda mais quando as estruturas são cômodas e favoráveis. Trata-se, no entanto, do que há de mais determinante: a busca da vontade de Deus como polo norteador de todo itinerário vocacional. Por isso, da parte dos que ficam, especialmente dos superiores, faz-se necessário lançar mão do dom da *paternidade ou maternidade espiritual* (que nada tem a ver com paternalismo/maternalismo ou protecionismo, ambos infantilizantes): acolher e escutar com respeito, estimular a liberdade, oferecer condições para o discernimento,

o  
 or2se, e f -3F027 (i)]T2F-0.p-30 (i)-23,rdn21 (.s i260 Tc 0.22.9

perdeu de seu significado, beleza e atualidade. Quanto mais uma pessoa consagrada se entende e aprofunda em seu carisma, mais se estende e se apaixona em sua missão.

O cenário atual pede respostas novas, profundas e amplas. Não é suficiente colocar remendos institucionais em um tecido já esgarçado. Toda a VCA se vê convocada a uma revitalização radical, a fim de compenetrar-se de sua identidade e torná-la mais dinâmica e atraente, com tudo o que ela contém em termos de valores e exigências. Para isso, é preciso colocar-se a caminho, percorrendo um itinerário de fé, esperança e amor. Em termos mais práticos, o primeiro passo será *assumir a crise* para, a partir de dentro, identificar as próprias debilidades e potencialidades, escutando o que o Espírito tem a dizer e abrindo-se com docilidade às suas surpresas e interpelações. O segundo passo supõe a capacidade de *discernir os apelos do Espírito*, iluminando, com a Palavra de Deus e a herança dos fundadores, os avanços e recuos institucionais, os acontecimentos e revezes da história, dispondo-se a uma sincera conversão pessoal e comunitária, bem como a convictas e corajosas readaptações estruturais. O terceiro passo corresponde a *dar início a uma nova práxis*, refletindo e rezando juntos, atribuindo sentido espiritual às diferentes situações, estabelecendo consensos em torno do essencial e envidando esforços coerentes e perseverantes na direção da meta: uma VCA fiel, fecunda e feliz, verdadeiramente mística, fraterna e missionária, memória viva do *Evangelho, profecia* do Reino que vem, sinal expressivo daquela *esperança* que não ilude, sem a qual a fé se torna frágil e a caridade logo se cansa e desanima.<sup>16</sup>

16 Alusão à célebre e extensa poesia de Charles Péguy (+1914), intelectual francês, militante socialista convertido em místico cristão. Segundo Péguy, no caminho da vida, “caminho íngreme, pedregoso e difícil”, somos acompanhados pelas três irmãs: a fé, a esperança e a caridade, sendo a segunda uma criança irrequieta e as outras duas senhoras experientes. As três caminham sempre juntas, tendo no meio a esperança. Quem as vê, tem a impressão de que as duas adultas conduzem pela mão a criança, quando, na verdade, é a “pequena esperança” que arrasta consigo as duas, fazendo-as avançar, rejuvenescendo-as e tornando-as sempre mais generosas, pois, movidas pela esperança, “a fé vê o que é e o que será, assim como a caridade ama o que é e o que será, no tempo e na eternidade”. E conclui o poeta: “As irmãs mais

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quais os principais desafios para a VCA propostos pelo autor, com respaldo nas palavras do papa Francisco?
2. Retome o conceito de relações saudáveis e equilibradas na VCA. Em que aspectos as relações na sua comunidade são saudáveis e equilibradas?
3. Como religioso/religiosa, você se sente comprometido com o Reino de Deus ou com a estrutura da VCA?

velhas só caminham por causa da pequena (...), porque a pequena esperança é aquela que sempre recomeça” (PÉGUY, Charles. Le porche du mystère de la deuxième vertu. In: *Œuvres poétiques complètes*. Paris: Gallimard, 1975, p. 567s).

## Vida Consagrada e missão profética

### Uma perspectiva latino-americana\*

TOMAZ HUGHES, SVD\*\*

#### Vaticano II e as suas consequências: uma Igreja transformada

Quando o Decreto *Perfectae Caritatis*, sobre a Adaptação e Renovação da Vida Religiosa, foi promulgado pelo papa Paulo VI em 28 de outubro 1965, poucos previam a enorme transformação que ocorreria, com a rapidez de um *tsunami*, na Vida Religiosa Consagrada (VRC), não tanto como resultado do documento em si, mas do “evento” que foi o Vaticano II para a Igreja Católica, aliado às rápidas mudanças que aconteciam na sociedade, especialmente ocidental, como um todo. Até o Concílio, os/as religiosos/as<sup>1</sup> pareciam seguros na sua identidade e missão. A história encarregar-se-ia de demonstrar rapidamente a fragilidade dessa segurança. Embora parecesse clara a nossa identidade, baseada na nossa vocação à santidade, nas nossas obras caritativas e no nosso ideal missionário, o Concílio demonstrou que a vocação à santidade é universal, que todos os batizados são missionários por definição e que não é necessário ser religioso para se engajar nos nossos apostolados. Cada vez mais se proponha uma pergunta fundamental: “Por que ser religioso/a, se não é necessário para agir como agimos?”. A incapacidade de responder a essa indagação adequadamente levou milhares a deixarem as suas Congregações e continua a perturbar muitos até hoje.

Seria impossível explicar ou compreender a experiência da VRC no último meio século sem o Vaticano II como ponto de referência. O próprio Concílio deve ser compreendido

\* Palestra proferida no Simpósio “Além de *Ad Gentes*” (University of Divinity, Yarra, Melbourne, 02.10.2015).

\*\* **Pe. Tomaz Hughes** é religioso-missionário da Sociedade do Verbo Divino (SVD). Irlandês radicado no Brasil há 43 anos, atua especialmente na formação bíblica nas bases e é assessor bíblico da CRB e do CEBI. Dedicou-se a cursos e retiros bíblicos em todo o país. Tem publicado diversos artigos em *Convergência*, Estudos Bíblicos e publicações da VRC, e é autor do livro *Paulo de Tarso: discípulo-missionário de Jesus* (Ed. Pão e Vinho, 2015).

<sup>1</sup> Por motivos de fluência, usamos este termo para significar a VRC masculina e feminina.

como o cume, mas de forma alguma a conclusão, de um processo longo de reflexão teológica, renovação bíblica e experiência pastoral, especialmente no bojo da experiência trágica e traumática da Segunda Guerra Mundial. Era a ponta do *iceberg* de um esforço enorme de renovação em muitos setores da Igreja, apesar da luta contrária de elementos reacionários no nível local e universal. Uma Igreja em processo de mudança, de *aggiornamento*, sinal de “Alegria e Esperança” (*Gaudium et Spes*) para o mundo moderno, exigia uma VRC que demonstrasse essas mesmas qualidades. Nem a Igreja em si nem as várias formas de VRC poderiam mais se proteger atrás dos baluartes de uma fortaleza fortemente defendida, mas teriam que sair dos bastidores e enfrentar os desafios de dialogar com a sociedade mudada e em mudança, prontas a dar e receber, ensinar e aprender, a ser “luz para o mundo”, “fermento na massa”, presença profética. Um setor profundamente afetado por este processo e as suas consequências imprevistas seria a VRC, especialmente na sua forma “apostólica”.

Um ícone desse processo, especialmente para a Igreja da América Latina, foi o “Pacto das Catacumbas” – um compromisso assinado por 39 bispos, Padres Conciliares, no dia 16 de novembro de 1965, durante uma celebração eucarística nas Catacumbas da Domatilla, em Roma. Eles se comprometeram a viver concretamente a pobreza evangélica que deveria marcar a Igreja, sem títulos honoríficos, privilégios e ostentação mundana. Insistiram nos princípios de colegialidade e corresponsabilidade na Igreja, Povo de Deus, e na abertura ao mundo. Esse evento foi sintomático do espírito de compromisso com os pobres e oprimidos que marcou muitos Padres Conciliares, e que se mostraria decisivo quando voltaram às suas dioceses. A América Latina deu um importante passo à frente com a Segunda Assembleia do CELAM, em Medellín, Colômbia, em outubro de 1968. O seu tema era “A Igreja na Transformação Atual da América Latina à Luz do Concílio”, e ela buscou aplicar os avanços conciliares ao contexto latino-americano e caribenho. Não foram somente os documentos da Assembleia,

mas mais a sua visão subjacente, que transformariam os esforços evangelizadores e pastorais da Igreja na América Latina e Caribe, incluindo a realidade da VRC. Esta inspiração seria continuada e desenvolvida, não sem forte oposição de setores poderosos da Cúria Romana e de alguns episcopados latino-americanos, pelas Assembleias de Puebla (1979) e Santo Domingo (1989), e com renovado vigor na Quinta Assembleia Geral em Aparecida, Brasil, em 2008.

Não se pode compreender o desenvolvimento da VRC e a sua missão sem levar em conta a influência de um grande número de lideranças proféticas, especialmente bispos, religiosos e teólogos, e as organizações que os congregaram. No nível hierárquico temos a CNBB e o CELAM, e, referente à VRC, a CRB e a CLAR. Uma geração de bispos proféticos, muitos deles religiosos, marcaram indelevelmente as Igrejas de América Latina. Recordemos Dom Helder Camara, Dom Paulo Evaristo Arns, OFM, Dom Pedro Casaldáliga, CMF, Dom Luciano Mendes de Almeida, SJ, e Dom Tomás Balduino, OP, no Brasil; Dom Angelleli e Dom Jorge Novak, SVD, na Argentina; Dom Leonidas Proaño, no Equador; Dom Samuel Ruiz, no México, e Dom Oscar Romero, em El Salvador, para mencionar somente alguns. Grandes teólogos eram frequentemente a força motora dessa nova visão da Igreja e da VRC – pensemos em João Batista Libanio, SJ, Leonardo Boff (então OFM), Carlos Mesters, OC, Lina Boff e Carmelita de Freitas, no Brasil; Gustavo Gutierrez, OP, no Peru; Jon Sobrino, em El Salvador; Juan Luis Segundo; no Uruguai, entre muitos outros.

Esse novo Pentecostes da Igreja latino-americana e da sua VRC custou muitas vezes o sangue de quem aderiu a ele. Muitos religiosos, juntos com leigos, bispos e padres, formam uma martirologia impressionante. Milhares, especialmente leigos e leigas, deram as suas vidas pela fé em Jesus Cristo e a sua dedicação ao Reino. Nas mãos de ditaduras militares brutais, a serviço do capital internacional e da ganância, de latifundiários, grileiros e traficantes, o sangue de mártires inundou o continente desde o México até o Chile.

Eles pagaram com as suas vidas o preço da sua fé, massacrados em aldeias, torturados em prisões, chacinados por paramilitares e pela polícia secreta de quase todos os países, porque, sendo cristãos, se opuseram ao Império moderno e seus lacaios. Muitos são conhecidos, lembrados e reverenciados, a maioria é anônima, mas todos deram testemunho profético do Evangelho e do Reino, nas pegadas de Jesus.

Parafraseando o autor inglês Charles Dickens,<sup>2</sup> “Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos”! O pior, devido às ditaduras selvagens, quando algumas das pessoas mais desumanas e corruptas da história dirigiam atrocidades diárias. O melhor, porque a fidelidade ao Evangelho criou uma Igreja profética, frequentemente a única voz em favor dos oprimidos. Conscientes das causas econômicas, políticas e sociais do terrível sofrimento de milhões e das consequências para aqueles que professavam fé em Jesus, muitos membros da hierarquia romperam com uma tradição secular – a de se alinhar com os ricos e poderosos – e fizeram uma opção clara pelos pobres e excluídos, aqueles que viviam em condições degradantes. A VRC teve um papel primordial nesta Igreja pós-Vaticano II, renovada, perseguida e profética, não somente através de personalidades bem conhecidas, mas especialmente através de milhares de homens, especialmente mulheres, que se deslocaram das obras tradicionais de educação e saúde, importantes sem dúvida, para mergulharem nas vidas cotidianas das massas empobrecidas, marginalizadas pelos “milagres econômicos”, deslocadas da sua maneira tradicional de vida pela migração interna em massa às metrópoles enormes como São Paulo e Cidade do México. Participaram na realidade diária de trabalhadores urbanos, camponeses, povos indígenas e os racialmente discriminados, na luta por uma vida melhor, inspirados não por ideologias políticas, mas pelos princípios adotados por Jesus de Nazaré, que queria que “todos tenham a vida e a vida em abundância”.<sup>3</sup> É ainda comum encontrar, nos rincões mais afastados de Amazônia e nas favelas mais abandonadas das grandes cidades, Irmãs, frequentemente idosas,

2 DICKENS, Charles. A Tale of Two Cities. London, 1859.

3 Cf. Jo 10,10.

tornando visível a presença do Senhor misericordioso para os mais abandonados da sociedade.

Embora religiosos fossem presença importante na evangelização da América Latina e do Caribe desde a chegada dos conquistadores espanhóis e portugueses, especialmente através de Ordens como os Jesuítas, Franciscanos, Dominicanos e Carmelitas – por exemplo José de Anchieta, SJ, Manuel de Nóbrega, SJ, e Bartolomeu de las Casas, OP –, aconteceu um enorme crescimento no número de Congregações e religiosos em países como o Brasil, a partir das últimas décadas do século XIX. Concomitante à chegada de milhões de imigrantes de países europeus como a Alemanha, a Itália, a Polônia e a Ucrânia, desembarcou uma enorme quantia de religiosos, homens e mulheres, das mais variadas Congregações, fortemente marcados/as por um modelo “romanizado” da Igreja, muito diferente do catolicismo desenvolvido aqui durante mais de 400 anos, resultado da mescla complexa de culturas religiosas autóctones e as de origem ibérica. Com a chegada de levas de imigrantes e dos religiosos que os acompanharam, ou chegaram logo depois, a preocupação central tanto da hierarquia como da VRC foi a reorganização das Igrejas locais de acordo com o “novo modelo”. No Brasil, através dos esforços dos religiosos e religiosas, foi tecida uma rede extensiva de escolas e hospitais, que atendia especialmente, mas não exclusivamente, às necessidades das classes urbanas, brancas, médias, então emergentes, concentradas no Sul e Sudeste. Nas palavras de um dos analistas mais gabaritados da VRC da América Latina, referindo-se à sua própria Congregação, os Missionários do Verbo Divino (SVD), mas com uma visão aplicável a muitas Congregações desse período, “Foi somente depois [Vaticano II] que percebemos que não estávamos verdadeiramente sensíveis aos grandes problemas estruturais e sociopolíticos da transformação econômica que a Igreja estava ajudando a construir e legitimar. No caso do Brasil, o exemplo mais gritante da nossa miopia pastoral foi a nossa ausência e a pouca atenção que prestamos ao sofrimento da população afro-brasileira, que acabava de sair

da escravidão. Uma questão análoga foi a nossa atitude em relação aos povos indígenas. Tínhamos feito uma outra opção... que, cultural e religiosamente falando, nos distanciava da maioria empobrecida da população”.<sup>4</sup> Tudo isso mudaria depois de Vaticano II e Medellín.

Seria um engano pensar que todos os religiosos sentissem entusiasmo por esse estilo profético de vida. Muitos ou não entendiam as transformações de Vaticano II ou não desejavam ser incomodados por elas. Semelhantemente a Jesus, muitos religiosos comprometidos descobriram que “um profeta só não é estimado em sua própria pátria, entre seus parentes e em sua família”.<sup>5</sup> É inegável, porém, que a VRC da América Latina foi afetada irreversivelmente pelo Concílio e os tempos imediatamente pós-conciliares, apesar das ambiguidades inevitáveis.

### Cinquenta anos mais tarde

Após cinquenta anos, os cenários do mundo e da VRC têm se transformado radicalmente. Vivemos agora num mundo globalizado, dominado pelo capitalismo neoliberal. A Tecnologia da Informática impera. As ditaduras militares implodiram na América Latina. Na vida eclesial, a euforia dos anos pós-Vaticano II tem sido substituída em grande parte por indiferença, tédio e uma certa aversão às mudanças e aos desafios. A Igreja tem experimentado o que muitos entendem com um abandono dos princípios conciliares na prática, se não na teoria. Com frequência parecia realidade a análise crítica feita muito anos atrás por Karl Rahner, SJ: “O verdadeiro problema da Igreja é continuar com uma resignação e um tédio cada vez maior pelos caminhos habituais de uma mediocridade espiritual”.<sup>6</sup>

As últimas décadas presenciaram nomeações de muitos bispos “restauradores” – aparentemente escolhidos mais por sua ortodoxia doutrinal, como entendida nos corredores de poder da Cúria Romana, do que por sua competência pastoral, seu compromisso com os pobres ou sua adesão à visão eclesial e missionária do Concílio. O flagelo de clericalismo

4 VALLE, Edênio, SVD, em *The Second Vatican Council and the SVD Mission*. Roma: Publicações SVD, 2014, p. 29. Tradução do autor do artigo.

5 Cf. Mc 6,4.

6 Citado por José Pagola em: [www.ihu.unisinos.br/noticias/531995-viver-deus-desde-dentro](http://www.ihu.unisinos.br/noticias/531995-viver-deus-desde-dentro). Acesso em: 16.04.2015.

(que não deve ser confundido com o ministério ordenado) tem-se alastrado como fogo selvagem, especialmente entre o clero mais jovem e seminaristas. Os leigos, especialmente as mulheres, são mantidos à margem das decisões. Muitos teólogos e teólogas, especialmente se ligados à “Teologia da Libertação”, têm sido silenciados, colocados sob suspeita ou proscritos, e, em muitas áreas, o espírito do Concílio parece ter sido abandonado. A CLAR sofreu uma intervenção direta da parte das autoridades do Vaticano, e o seu projeto “Plano Palavra-Vida”, para reanimar a VRC através de uma renovação espiritual, baseada na *Lectio Divina*, como contribuição para a celebração dos 500 anos da presença do Evangelho no Continente, foi supresso por Roma, por instigação de forças ultraconservadoras dentro de alguns episcopados latino-americanos.

“Devido a uma política vaticana, a experiência de uma vida consagrada inserida foi sangrada no seu cerne... a teologia, a Igreja, os Institutos para o estudo teológico, as iniciativas das Conferências Religiosas etc. passam a ser monitoradas de uma ótica conservadora. O que prejudicou ao modelo de inserção chegar a uma consistência e visibilidade maior para enfrentar os embates advindos da própria Igreja e da sociedade.”<sup>7</sup> Não sem razão Karl Rahner escreveu em 1983 sobre um “inverno da Igreja”,<sup>8</sup> embora a eleição do papa Francisco tenha despontado nova esperança, otimismo e entusiasmo, apesar da oposição ferrenha de certos interesses poderosos dentro da Igreja.

Qualquer análise competente da situação da VRC hoje, pelo menos na América Latina, demonstrará um contexto de crise. Fr. Carlos Palácios, SJ, afirma: “No rosto de muitos dos nossos irmãos e irmãs está estampado o desencanto com a opção de vida que fizeram; outros transmitem a triste impressão de terem ‘estacionado’ na vida (até aqui cheguei e basta!); alguns – não poucos! – enveredaram pelo caminho pós-moderno da autoafirmação, numa busca desenfreada da autorrealização a qualquer preço, contraditória com nosso projeto de vida”.

7 MATTOS, Luiz Augusto, OSA, em *Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação*. São Paulo: Paulinas/CRB, 2015, p. 36.

8 Citado em LIBANIO, João Batista, SJ. *A volta à grande disciplina*. São Paulo: Loyola, 1983, p. 145.

Essa não é toda a realidade da VRC. Há, sem dúvida, muita vida: buscas honestas, entregas generosas, ensaios de revitalização. Mas mesmo assim não podemos ocultar a nossa perplexidade: o que nos dói é não saber como lidar com essa situação, como animar esses nossos irmãos e irmãs, como ajudá-los a viver com sentido, dando razão da nossa esperança. Não é questão de boas intenções. É um problema “estrutural”; não de “estruturas”, mas do que nos dá consistência, nos constitui, nos estrutura por dentro, ao mesmo tempo que nos configura por fora. É como se nos faltasse a “coluna vertebral” da nossa vida, a que nos permite ficar em pé como “Vida Religiosa Apostólica”.<sup>9</sup>

Existem muitas e óbvias razões para essa crise: uma queda vertiginosa nos números, casas de formação vazias, províncias com uma porcentagem enorme de membros idosos e enfermos, casas fechadas, muitas Congregações esmagadas pelo peso de enormes prédios e obras que datam de outra época, quando talvez tivessem muito sentido, mas que agora estão em declínio terminal. São sintomas e não a causa fundamental do problema, qual seja, muitas vezes é a VRC que tem perdido a sua identidade. Temos nos sustentado durante muito tempo com uma identidade baseada simplesmente no que fazemos e realizamos, assim causando um mal-estar que aflige grandes segmentos da VRC hoje. A sociedade, em muitas áreas, não precisa tanto dos nossos préstimos, como outrora necessitava. As nossas escolas, hospitais e obras caritativas não são tão essenciais como em tempos idos. Muitos interpretam isso, erroneamente, como sinal de que a VRC está rapidamente se tornando supérflua e irrelevante na Igreja e no mundo. Sugiro, ao contrário, que tanto a Igreja quanto a sociedade precisem mais do que nunca da VRC, mas somente se ela redescobrir a essência da sua identidade verdadeira. Não é sem motivo que na América Latina se dedica ultimamente grande atenção à redescoberta do “núcleo identitário” da VRC. Em abril de 2015, como exemplo, dois mil e duzentos religiosos lotaram um centro de convenções em Aparecida, Brasil, para um Congresso sobre o tema: “Viver o Nosso Núcleo Identitário: Atitude Profética e Caminhada Mistagógica”.

9 PALÁCIOS, Carlos, SJ. Palestra no Seminário Nacional sobre a VRC da CRB. Itaici, Brasil, 2012.

## Vida Religiosa Consagrada: buscando o seu núcleo identitário

Antes de tratar da missão profética da VRC, torna-se necessário situar esse profetismo no contexto da nossa identidade. Nas palavras do falecido Pe. João Batista Libanio, SJ:

... a vocação religiosa vivida na perspectiva da fé cristã se fundamenta, em última instância, na experiência radical de Deus... A vida comunitária e a missão apostólica nascem de tal experiência e nutrem-na... As três dimensões básicas da VRC se resumem à experiência de Deus, à vida comunitária e à missão. A experiência de Deus lança o fundamento. A vida comunitária alimenta-se de tal experiência e a alimenta. Além disso, recarrega afetiva, psíquica e espiritualmente o religioso para a missão. Esta irradia as duas anteriores de tal modo que cada uma remete à outra. E as três vivem, na expressão trinitária, verdadeira pericorese, profunda interpenetração, passeando uma pelo terreno da outra.<sup>10</sup>

É impossível existir uma autêntica VRC sem uma experiência profunda de Deus, que conduz a uma dedicação total ao seguimento de Jesus. Todos os outros elementos fluem dessa experiência, e sem ela tudo desmoronará eventualmente. É opção de fé. Não é suficiente dedicar-se à criação de um mundo melhor somente devido à nossa análise da conjuntura socioeconômica e política, por tão essencial que seja. Nem é suficiente arder com uma indignação ética devido ao sofrimento de milhões de seres humanos, embora essa indignação nunca deverá estar ausente. O núcleo real é que tenhamos experiência do Deus de Jesus Cristo, aquele que veio para que todos “tenham a vida e a tenham em abundância”.<sup>11</sup> O Deus que se revelou na história do seu povo e que, no contexto da exploração dos hebreus, se revelou como quem “viu muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouviu o seu clamor contra seus opressores; e conheceu os seus sofrimentos. Por isso desceu para

10 LIBANIO, João Batista, SJ, em *Convergência*, ano XLIX, n. 471, maio 2014.

11 Cf. Jo 10,10.

libertá-lo do poder dos egípcios”.<sup>12</sup> É a experiência do Deus cujo Verbo “se tornou carne e armou a sua tenda no meio de nós”,<sup>13</sup> que desceu para “pregar a Boa-Nova”.<sup>14</sup> Sem essa paixão pelo Reino, pelo seguimento de Jesus na vivência comunitária e missão profética, com certeza será possível realizar muitas obras valiosas, e concretizar muitos projetos, custando grandes sacrifícios, mas a missão essencial da VRC não se realizará, e, mais cedo ou mais tarde, as crises de identidade novamente se farão valer.

## Missão profética e testemunho

Ao encontrar-se com a União de Superiores-Gerais, o papa Francisco lançou um desafio: “Sejam testemunhas de uma forma diferente de fazer as coisas, de agir, de viver! É possível viver neste mundo de forma diferente. Estamos falando de uma perspectiva escatológica, dos valores do Reino aqui encarnados sobre esta terra. Trata-se de deixar tudo para seguir o Senhor. Não, não quero dizer radical. A radicalidade evangélica não é somente dos religiosos: é exigida de todos. Mas os religiosos seguem o Senhor de maneira especial, de modo profético. Espero de vocês este testemunho. Os religiosos devem ser homens e mulheres capazes de despertar o mundo”.<sup>15</sup> O Papa enfatiza a missão profética da VRC – embora, claro, todo cristão seja chamado a ser profeta. Mas o que significa ser profeta? O nosso ponto de referência é o testemunho dos profetas bíblicos, culminando em Jesus de Nazaré, o profeta por excelência.

Os profetas raramente se intitularam como tais – ou melhor, os que assim fizeram demonstraram ser o que chamamos “falsos profetas”. Os profetas até rejeitaram o título, porque a experiência tinha demonstrado que os que se autodenominaram “profetas” eram, na melhor das hipóteses, iludidos, ou até conscientemente apoiavam a opressão, em nome do Senhor.<sup>16</sup> Foram outros que os identificaram com profetas, devido ao seu testemunho de vida.

O que distingue o profeta bíblico de qualquer outro crítico da sociedade é que ele/ela<sup>17</sup> é definido pelo seu

12 Ex 3,7-8.

13 Cf. Jo 1,14.

14 Cf. Mc 1,14.

15 Citado em RAS-CHIETTI, Estevão. O núcleo identitário e a dimensão profética missionária da VRC, em: *Texto-Base do Seminário Nacional para a VRC*. Brasília: CRB, 2014, p. 32.

16 Am 7,14-16; Zc 13,2-6.

17 Nota: usamos o termo “Profeta” independentemente de gênero.

relacionamento com Deus. É inspirado por Deus e na raiz da sua missão está uma experiência profunda de Deus, que define a sua vida.<sup>18</sup> A garantia da sua autenticidade se acha nos frutos que suscita. Movido pela sua experiência de Deus e da realidade do seu povo, o profeta é alguém que anuncia a visão de Deus para a humanidade e denuncia tudo o que se possa opor a este projeto.<sup>19</sup> É normalmente acusado de ser “flagelo de Israel”<sup>20</sup> e “arauto de destruição”,<sup>21</sup> embora a meta das suas denúncias seja a conversão, e, por isso, nunca lhe falta a utopia.<sup>22</sup>

A sua experiência de Deus faz com que ele esteja repleto de paixão,<sup>23</sup> que contagia os seus ouvintes. Ele reflete um mundo em crise, frequentemente camuflada, que ele desmascara. Isso faz com que confronte os poderosos para defender os fracos.<sup>24</sup> Ainda que demonstre entusiasmo ou relutância, a sua experiência de Deus e da realidade muitas vezes sofrida do seu povo faz dele um crítico religioso do abuso do poder político, religioso e econômico. Ele arrisca a sua vida para confrontar reis,<sup>25</sup> sacerdotes,<sup>26</sup> falsos profetas<sup>27</sup> e, quando necessário, o povo como um todo, atacando as seguranças falsas da sua prática religiosa.<sup>28</sup>

É importante notar as causas que levavam os profetas a assumir essa crítica dos poderosos na sociedade e na religião: salários,<sup>29</sup> fraude,<sup>30</sup> corrupção nos tribunais,<sup>31</sup> exploração econômica,<sup>32</sup> perversão da justiça.<sup>33</sup> O resultado torna-se inevitável. O profeta é alguém perseguido, amaldiçoado, difamado como agitador, atacado, preso, expulso.<sup>34</sup> Muitos pagam com as suas vidas, chegando a ser massacrados em grupos.<sup>35</sup>

Ele se distancia do poder político, das vantagens econômicas, de privilégios e da tentação de ajustar a sua mensagem para agradar o seu ouvinte. Ele é fiel à sua missão porque sempre volta à sua inspiração original, a sua experiência de Deus do seu povo. Pode chegar a cair na depressão e a sentir medo, como aconteceu com Elias,<sup>36</sup> ser confuso às vezes como Jeremias<sup>37</sup> e tentado pelos ídolos do ter, poder e prazer como Jesus,<sup>38</sup> mas ele nunca sucumbe, pois nutre a sua missão profética com uma espiritualidade cada vez mais

18 Am 7,10-15; Os 1-3; Jr 1,4-10; Is 6,1-13; Ez 6,1-3.11; Is 40,1-11 etc.  
19 Ez 4,7; Ml 3,1-2.  
20 1Rs 18,17.  
21 Cf. Jr 28,7; Mq 2,6-11; 1Rs 22,18.  
22 Is 2,2-5; Is 65,13-25; Is 65,20; Zc 8,1-23; Jr 31,31-34; Ez 6,16-38; Is 54-55; Dn 7.  
23 Eclo 41,1; Ap 11,5; Zc 7,9ss.  
24 2Sm 12,1-15; 1Rs 21,17-29; Mq 2,6-7; 8-11; 3,5-11.  
25 1Rs 21,17-20.  
26 Os 4,4-10; Jr 2,8; Jr 6,13; Jr 8,8; Mq 3,11; Sf 3,4; Ml 1,6-2,9.  
27 Jr 23,13-22; Mq 3,5-11.  
28 Jr 7,21ss; Jr 26,1-15; Is 1,11ss; Am 5,21-25; Mq 3,11; Jr 3,4; Is 56,12; Am 5,18ss.  
29 Jr 22,13; Ml 3,5.  
30 Am 8,5; Os 12,8-9.  
31 Mq 3,11; Is 1,23; 5,23.  
32 Is 3,15; Am 2,6-8; 4,1; 8,4-5.  
33 Mq 3,9; Jr 8,8; Ab 1,4; Am 5,7; Is 5,20.

profunda, baseada na sua intimidade com Deus e com a realidade sofrida do povo. É modelo para religiosos hoje.

## Experiência de Deus: fonte e fundamento da Vida Religiosa Consagrada

Segundo o papa Francisco, para ser autêntica a VRC exige, como *sine qua non*, que seja uma testemunha profética ao mundo. Vimos que, analisando a experiência profética em Israel, isso implica dois princípios fundamentais: que seja enraizada numa experiência radical de Deus e que essa experiência a conduza a um compromisso com os pobres, excluídos e oprimidos. O segundo ponto não é opcional ou negociável, pois é essencial para ser fiel aos Deus da Bíblia e ao seu Verbo Encarnado, Jesus de Nazaré. O que isso significará em termos práticos e opções concretas será condicionado pelo contexto local. Porém, é necessário recordar as causas que inflamavam os profetas bíblicos e que guiavam Jesus de Nazaré nas suas opções e ações. O Evangelho de Lucas descreve como, depois de assumir o manto do Servo de Javé no seu batismo<sup>39</sup> e discernir as consequências práticas disso, superando a tentação de ser Servo de uma maneira diferente da vontade do Pai,<sup>40</sup> Jesus explicitou o seu programa de missão, baseado na visão de Deutero-Isaías.<sup>41</sup> Os religiosos de hoje são desafiados a descobrir – e colocar em prática – o que significa no mundo atual “anunciar a Boa-Nova aos pobres, proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação de vista; libertar os oprimidos e proclamar um ano de graça do Senhor”.<sup>42</sup> Em outras palavras, continuar hoje a missão profética de Jesus,<sup>43</sup> enraizada na sua – e na nossa – experiência do Deus da vida. Muita coisa vai depender da realidade concreta em que nós nos achamos, mas, diante de questões como a fome mundial, xenofobia, fundamentalismo e fanatismo religioso, migração em massa e a destruição do planeta, a VRC necessita ser uma presença profética nessas áreas.

34 Jr 15,10; 1Rs 18,17; Am 7,1ss; Jr 37,13; 38,4; Am 7,12.  
35 Jr 38,15; 26,20-23; 1Rs 18,4-13; 19,10-14.  
36 1Rs 19,1-18.  
37 Jr 20,7-18.  
38 Lc 4,1-13.  
39 Lc 3,21-22; cf. Is 42,1-9; 49,1-9a; 50,4-11; 52,13-53,12.  
40 Lc 4,1-13.  
41 Lc 4,14-21.  
42 Lc elimina de Is 61,1-2 referências que pudessem ser interpretadas como limitar a missão de Jesus a uma etnia, e adiciona elementos de Is 58,6.  
43 Cf. Jo 20.

Essa experiência constitui o fundamento da VRC e a vida comunitária se nutre com ela e, por sua vez, nutre-a.<sup>44</sup> A autenticidade da nossa experiência de Deus e o testemunho da nossa missão podem ser colocados em dúvida por nossas falhas na vivência comunitária. A experiência mostra que frequentemente esse é o “calcanhar de Aquiles” da VRC hoje. Muitas casas religiosas parecem tudo, menos comunidades vitalizantes de vida e missão. Com frequência se assemelham a pensionatos ou “repúblicas”, com refeições e exercícios de oração em comum, mas na verdade cheias de individualismo, sem espiritualidade profunda nem relações fraternas que necessariamente brotariam de uma experiência partilhada do Deus que nos chama a um testemunho comunitário, na vivência profética dos nossos variados carismas congregacionais. O papa Francisco não mediu palavras quando se referiu a este problema:

Por isso me dói muito comprovar como em algumas comunidades cristãs, e mesmo entre pessoas consagradas, se dá espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, a desejos de impor as próprias ideias a todo custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas. Quem queremos evangelizar com estes comportamentos?<sup>45</sup>

A VRC não terá futuro sem renovação genuína da vivência comunitária, brotada da experiência partilhada da fé e do carisma.

### Vida Religiosa Consagrada em crise: sinal de declínio ou de vida nova?

A VRC hoje enfrenta enormes desafios. Tem acumulado tantas estruturas e costumes ao longo dos séculos que frequentemente a sua inspiração original fica relegada a um segundo plano, quando não cai totalmente no esquecimento. Ela precisa voltar às raízes, ao seu “núcleo identitário”, e descobrir o que isso significa em circunstâncias tão diferentes dos tempos dos nossos fundadores e fundadoras. Isso não

44 Cf. nota 10, supra.  
45 *Evangelii Gaudium*, n. 100.

quer dizer a repetição ou ressuscitação de formas, estruturas, obras e costumes anacrônicos e ultrapassados, mas a redescoberta de como é possível viver a nossa missão profética, em comunidades fraternas de vida e missão, inspirados por nossa experiência profunda de Deus, como discípulos-missionários/as de Jesus; como ser “luz do mundo”,<sup>46</sup> inseridos na sociedade complexa de hoje.

Esta crise atual não é algo inédito. Talvez se faça sentir de maneiras diferentes, mas a História da Salvação mostra que era normalmente através de crises que o Projeto de Deus em favor do seu povo avançou. Podemos aplicar à VRC as palavras do profeta Jeremias, proferidas num tempo de tribulação e confusão: “Conheço meus projetos sobre vocês: são projetos de felicidade e não de sofrimento, para dar-lhes um futuro e uma esperança”.<sup>47</sup> Muitos religiosos e até Congregações sentem-se imersos numa versão moderna da experiência do exílio em Babilônia, sem perspectivas, sem entusiasmo, sem vibração ou otimismo. Devemos refletir sobre as palavras do grande profeta do exílio, conhecido como Deutero-Isaías, quando ele apresenta Deus cutucando o seu povo desanimado: “Não fiquem lembrando o passado, não pensem nas coisas antigas: vejam que estou fazendo uma coisa nova: ela está brotando agora, e vocês não percebem?”.<sup>48</sup> Várias vezes, ao longo da história do Povo de Deus, o que parecia ser desastre, colapso e ruína demonstrava, com o passar do tempo, ser oportunidade de renovação, revitalização e regeneração! Para enxergar isso, é sempre necessário criar uma nova maneira de enxergar a realidade para sair da lamentação e do pessimismo e descobrir o que Deus constantemente faz brotar! Nas palavras de um mestre-geral emérito dos dominicanos: “Este é tempo de crise... e a Igreja é renovada através de crises. A História da Salvação é de crises que levam a um renascimento. Esse tempo difícil para a VRC certamente se revelará como bênção e vai levar à renovação, talvez por caminhos que não podemos antecipar. Mas somente acontecerá assim se nós não formos obcecados com a nossa própria sobrevivência”.<sup>49</sup> Precisamos desenvolver uma nova figura da VRC

46 Mt 5,14.

47 Jr 29,11.

48 Is 43,18-19.

49 RADCLIFFE, Timothy, OP, em: SIMMONDS, Gemma, CJ (ed.). *A Future Full Of Hope?* Dublin: The Colomba Press, 2012.

“mais misericordiosa, mais dedicada à construção do Reino, mais atenta aos apelos da história, mais a serviço dos pobres e marginalizados, mais fiel à sua natureza eclesial e mais coerente com a sua vocação humana e cristã, mais missionária”.<sup>50</sup>

“Quem tem ouvidos, ouça!”<sup>51</sup>

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em grupo

1. Analise a VRC cinquenta anos após o Concílio Vaticano II.
2. Onde encontrar o núcleo identitário da VRC?
3. Vida Religiosa Consagrada em crise: sinal de declínio ou de vida nova?

50 Cf. VITÓRIO, Jaldemir, SJ. A refundação dos religiosos: uma exigência do espírito. *Convergência*, ano XLIV, n. 423, p. 478, jul./ago. 2009.

51 Mt 11,15; 13,9; 13,43.

## Para uma espiritualidade a partir da *Laudato Si'*

RAFAEL LOPEZ VILLASENOR\*

O papa Francisco, na encíclica *Laudato Si'* publicada em 18 de junho de 2015, critica o consumismo e o desenvolvimento irresponsável. A encíclica é um documento da doutrina social da Igreja de grande amplitude, com uma visão da ecologia integral, com uma beleza intelectual e espiritual, unindo o que era tão precioso a Francisco de Assis, isto é, o comportamento do cuidado para com a irmã e mãe terra, assim como um amor preferencial para com os pobres da terra. A encíclica está dirigida a toda a humanidade, não apenas aos cristãos e católicos.

O título da Carta Encíclica do Papa Francisco provém do “Cântico do Irmão Sol” de Francisco de Assis, chamado também “Cântico das Criaturas”. O subtítulo “o cuidado da Casa Comum” indica o tema da Encíclica. A expressão “Casa Comum” vem do termo “ecologia” ou ambiente. A “Casa Comum” é o nosso planeta Terra, comum não só para os seres humanos, mas para todos os seres vivos.

Este artigo tem como finalidade provocar uma reflexão de princípios, valores e atitudes integrados à espiritualidade, a partir da Encíclica *Laudato Si'* do papa Francisco. Na realidade atual a Vida Religiosa Consagrada é chamada a desenvolver uma espiritualidade comprometida com o ecossistema, que integre a relação da humanidade com a natureza. Em outras palavras, a vida humana necessita estar norteadada por uma espiritualidade que garanta o equilíbrio ecológico do universo.

\* **Rafael Lopez Villaseñor** é padre dos Missionários Xaverianos. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Faz parte da equipe de reflexão interdisciplinar da CRB Nacional.

## Uma ecologia integral que defenda a “Casa Comum”

A preocupação com o cuidado do Planeta como “Casa Comum” é um dos assuntos mais importantes e falados neste momento. O argumento vem criando interesse, rejeição ou indiferença por parte de pessoas, grupos, instituições, empresas, mídia, igrejas, religiões e governos.

Até poucos anos atrás acreditava-se que a Terra e seus recursos eram considerados infinitos e que a natureza poderia continuamente se refazer. A preocupação era apenas levar o “progresso” como parte do sistema capitalista neoliberal. Na atualidade essa forma de ver o mundo mudou totalmente. Nasceu a preocupação com o cuidado do mundo como a “Casa Comum”.

A encíclica *Laudato Si'* é o primeiro documento do magistério eclesial que aborda o cuidado com o Planeta como um todo, e se dirige não apenas aos católicos, mas a todas as religiões e a toda a humanidade, pedido atenção para o cuidado da “Casa Comum”. O texto traz em seu conteúdo um olhar sobre uma ecologia integral, saindo da perspectiva ambiental e incluindo uma visão política, social, mental, cultural, educacional, ética e espiritual.

O papa Francisco, no documento, dá destaque especial ao cuidado com a ecologia. O texto faz um chamado formal a todos os Estados do Planeta, seus dirigentes, cidadãos e suas responsabilidades sobre o cuidado com a “Casa Comum”. Reconhece que o “urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar” (LS 13). Imediatamente a encíclica teve repercussões positivas nas comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos líderes empresariais e dos meios de comunicação social.

A preocupação da encíclica está clara: Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão crescendo? Esta pergunta não toca apenas o meio ambiente de maneira isolada, porque não se pode pôr a questão

de forma fragmentária. Quando nos interrogamos acerca do mundo que queremos deixar, referimo-nos sobretudo à sua orientação geral, ao seu sentido, aos seus valores (LS 160), que estão na base da vida social. Razão pela qual questões essenciais são abordadas, tais como: Para que viemos a esta vida? Para que trabalhamos e lutamos? Que necessidade tem de nós esta terra? O Papa faz uma exortação favorável a uma conversão ecológica, que permita assumir o cuidado da “Casa Comum”.

Uma ecologia integral, que defenda a “Casa Comum”, é feita de simples gestos cotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo (LS 230), e isto será mais fácil a partir de um olhar contemplativo que vem da fé, pois o crente contempla o mundo não como alguém que está fora dele, mas dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres; além disso, a conversão ecológica faz crescer as peculiares capacidades que Deus deu a cada crente, e o leva a desenvolver a sua criatividade e entusiasmo (LS 220).

A ecologia integral é um novo protótipo de justiça; trata-se de uma ecologia que unifica o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o circunda (LS 15); desse modo, evita-se que se entenda a natureza como algo separado da humanidade ou como uma mera moldura da vida humana (LS 139).

Existe a ligação entre questões ambientais, sociais e humanas que não pode ser rompida, já que a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos, e da relação de cada pessoa com si mesma (LS 141); portanto, não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental (LS 139).

A ecologia integral é inseparável da noção de bem comum (LS 156). Comprometer-se pelo bem comum significa fazer escolhas solidárias com base na opção preferencial pelos pobres (cf. LS 158); é o caminho para deixar um mundo sustentável às gerações futuras, não por meio de proclamações, mas através de um compromisso de cuidado com os pobres

de hoje; para além da leal solidariedade entre as gerações, há que reafirmar a urgente necessidade moral de uma renovada solidariedade entre os indivíduos da mesma geração (LS 162).

### O desafio do aquecimento global

O clima no Planeta passou por várias transformações naturais, mas hoje se transforma pela destruição humana. É resultante de interações com a biodiversidade. O aquecimento é fruto do ciclo do carbono (cf. LS 24). O clima é um bem comum, um bem de todos e para todos. Nas últimas décadas, este aquecimento foi acompanhado por uma elevação constante do nível do mar.

Somos chamados a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo, para combater o aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam. “É particularmente agravado pelo modelo de desenvolvimento baseado no uso intensivo de combustíveis fósseis, que está no centro do sistema energético mundial. E incidiu também a prática crescente de mudar a utilização do solo, principalmente o desflorestamento para finalidade agrícola” (LS 23). A emissão de gases de efeito estufa aumentou consideravelmente nos últimos anos.

O efeito estufa é um processo natural, sem o qual a temperatura na superfície terrestre seria, durante o dia, muito quente e à noite, muito fria. É uma espécie de instrumento, mediante o qual a Terra oferece uma temperatura média constante, necessária para a vida. “Relativamente às mudanças climáticas, os progressos são, infelizmente, muito escassos. A redução de gases com efeito de estufa requer honestidade, coragem e responsabilidade, sobretudo dos países mais poderosos e mais poluentes” (LS 169). As maiores emissões de gases do Planeta são resultantes do dióxido de carbono, das queimadas de combustíveis e da agricultura.

O aquecimento causado pelo enorme consumo de alguns países ricos tem repercussões nos lugares mais pobres da

Terra, especialmente na África, onde o aumento da temperatura, juntamente com a seca, tem efeitos desastrosos no rendimento das culturas (LS 51). De acordo com estudos, a temperatura futura do Planeta vai depender de nosso modo de produzir, consumir e de nos relacionarmos com a terra. Há muitos indicadores do aquecimento global, como, por exemplo, as coberturas de neve das montanhas estão diminuindo, as lâminas de gelo da Groelândia e da Antártica estão derretendo, a temperatura do oceano está aumentando. As secas estão mais intensas. As chuvas estão mais pesadas e provocam enchentes. Tudo indica que os padrões do clima dos próximos anos serão alterados com tempestades, enchentes, furacões sempre mais intensos e secas mais amplas e prolongadas.

A expressão “biodiversidade” é um termo recente, que procura abarcar a diversidade biológica em todas as formas: ecossistemas, espécies e genes. A perda da biodiversidade implica mudanças climáticas. “O aquecimento influi sobre o ciclo do carbono. Cria um ciclo vicioso que agrava ainda mais a situação e que incidirá sobre a disponibilidade de recursos essenciais como a água potável, a energia e a produção agrícola das áreas mais quentes e provocará a extinção de parte da biodiversidade do planeta” (LS 24). Talvez um dos maiores desafios da nossa época seja criarmos uma aliança global em favor da vida, da biodiversidade, pensando o mundo como nossa “Casa Comum” (cf. LS 155) e suscitando novos valores éticos.

As consequências para o futuro podem ser gritantes: o aumento da temperatura dos oceanos pode causar um desequilíbrio na cadeia alimentar dentro da biodiversidade. As águas oceânicas passam por um processo de acidificação, no qual a água do oceano torna-se corrosiva, como resultado da absorção do dióxido de carbono. As águas oceânicas influenciam na formação do clima. O Ártico pode ficar sem gelo, o que aumentaria o nível do mar, provocando grandes transtornos às populações costeiras.

Diante das mudanças climáticas a comunidade mundial tem-se preocupado com o meio ambiente, sem muito

sucesso, através de tratados, encontros internacionais, entre outros. “Perante a possibilidade de uma utilização irresponsável das capacidades humanas, são funções inadiáveis de cada Estado planificar, coordenar, vigiar e sancionar dentro do respectivo território. Como pode a sociedade organizar e salvaguardar o seu futuro num contexto de constantes inovações tecnológicas?” (LS 177).

Na encíclica Francisco condena a incessante exploração e destruição do ambiente, responsabilizando a apatia, a procura de lucro de forma irresponsável, a crença excessiva na tecnologia e a falta de visão política (cf. LS 5). O texto denuncia as alterações climáticas como um problema global com implicações graves: ambientais, sociais, econômicas, políticas e de distribuição de riqueza. Estas representam um dos principais desafios que a humanidade enfrenta nos nossos dias (cf. LS 181). Lança o alerta para a destruição sem precedentes dos ecossistemas, que terá graves consequências para todos nós, se não forem realizados esforços de mitigação de forma imediata (cf. LS 5).

O documento destaca o papel dos países desenvolvidos para resolver esta dívida, limitando significativamente o consumo de energia não renovável e fornecendo recursos aos países mais necessitados para promover políticas e programas de desenvolvimento sustentável (LS 52). Afirma que o uso dos combustíveis fósseis está na origem das alterações climáticas (cf. LS 23) e que devem ser substituídos (LS 165). Assim sendo, os países desenvolvidos têm a obrigação moral de ajudar os países em desenvolvimento no combate à crise das alterações climáticas, assim como “uma leal solidariedade entre as gerações, há que reafirmar a urgente necessidade moral de uma renovada solidariedade entre os indivíduos da mesma geração” (LS 162). Dado que o mercado tende a criar um mecanismo consumista compulsivo para vender os seus produtos, as pessoas acabam sendo arrastadas pelo turbilhão das compras e gastos supérfluos. “O consumismo obsessivo é o reflexo subjetivo do paradigma tecnoeconômico” (LS 203).

As alterações climáticas têm implicações morais e éticas de importância vital. A liderança moral do Papa nas alterações climáticas é de particular importância devido à incapacidade em demonstrar liderança política de muitos governos e chefes de Estado em todo o mundo (LS 5). As lógicas de domínio tecnocrático destroem a natureza e exploram as pessoas e as populações mais vulneráveis; esse paradigma tende a exercer o seu domínio também sobre a economia e a política; o mercado, por si mesmo, não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social (LS 109).

A humanidade deve procurar cada vez mais o desenvolvimento sustentável, que implicará novas modalidades para crescer, que cuide do meio ambiente, das questões sociais, como a miséria e a fome, ao contrário do crescimento ganancioso e irresponsável.

É necessário, por conseguinte, que o resgate da responsabilidade ética motive e faça convergir ações de cunho social. A opção pela vida é o grande referencial. “Sabemos que é insustentável o comportamento daqueles que consomem e destroem cada vez mais, enquanto outros ainda não podem viver de acordo com a sua dignidade humana” (LS 193). Enfim, a proteção ambiental não pode ser assegurada apenas por meio de mecanismos de mercado (LS 190).

### A proposta de Deus Criador

A encíclica *Laudato Si'* é o Evangelho da criação que vê no meio ambiente um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos (LS 95). O Deus que liberta e salva a humanidade é o mesmo que criou o universo, e nele se conjugam o carinho e a força (cf. LS 73).

O livro do Gênesis, após cada ato da criação, repete: “Deus viu que era bom” e o conjunto de toda a criação é apresentado como “muito bom”, uma criação perfeita. Deus deixa ao homem e à mulher a missão de zelar e cuidar da criação. O homem e a mulher, ao serem criados à “imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26), têm a missão de completar e aperfeiçoar a obra perfeita da criação. Eles são

sujeitos e protagonistas da história com a tarefa de cuidar, preservar e zelar pela sua casa como um paraíso. A humanidade é o ponto alto de toda a obra criadora de Deus (Gn 1,26-31), portanto, somos chamados a cuidar da criação, ou pereceremos. Respeitar a obra criadora de Deus é respeitar o próprio Deus. Assim, a criação é o maior ato de amor de Deus. Terra e humanidade aparecem como uma unidade (cf. LS 139).

Deus manda o homem “dominar a terra” (Gn 1,26) (do latim *dominus*, senhor), no sentido de completar a criação, de cuidar, de zelar, de participar, não de destruir ou oprimir a natureza. Deus criou o ser humano no jardim para cultivá-lo e guardá-lo (Gn 2,15). Portanto, a humanidade deve aperfeiçoar e cuidar do planeta Terra, porque as reservas naturais são finitas, acabam; ou cuidamos do planeta ou pereceremos; matando a natureza, nos autodestruímos. Cuidar da “Casa Comum” é aperfeiçoar a criação, o que significa viver de maneira responsável e sustentável.

Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança, dando-lhe a responsabilidade diante da natureza, do semelhante, isto é, com a missão de trabalhar para a manutenção da obra do Criador. O ser humano comeu da árvore do bem e do mal (Gn 3,1-24), utilizando o modelo destrutivo dos bens do Planeta. O homem e a mulher podem usufruir dos bens do jardim, desde que mantenham a ordem, que é de caráter superior e aponta para a justiça e a solidariedade, dentro da Terra em vista da coletividade (Gn 2,17). A não observância implica a morte. Comer da árvore não recomendada significa que as pessoas se fazem dominadoras, instalam um sistema destruidor e, na condição de senhores do bem e do mal, acabam destruindo tudo, inclusive a si mesmas, instalando um conflito no lugar de uma vida solidária (cf. LS 65-70).

Não existe coisa mais estranha do que ver a criação do Planeta como uma espécie de máquina, como na modernidade; por isso, Deus acrescentou à criação o dia de descanso (Gn 2,2); por isso, em qualquer abordagem de ecologia integral é indispensável incluir o valor do trabalho (LS 124),

porquanto “renunciar a investir nas pessoas para se obter maior receita imediata é um péssimo negócio para a sociedade” (LS 128). Este mundo sem o descanso de Deus, de sua presença, corre o risco de converter-se em fábricas que poluem e pessoas que atuam em um mercado de trabalho gerador de mais morte que vida. Deus ordenou a Israel que cada sétimo dia deveria ser celebrado como um dia de descanso, um *Shabbath* (cf. Gn 2,2-3; Ex 16,23; 20,10). Além disso, de sete em sete anos, instaurou-se também um ano sabático para Israel e a sua terra (cf. Lv 25,1-4), durante o qual se dava descanso completo à terra, não se semeava e só se colhia o indispensável para sobreviver e oferecer hospitalidade (cf. LS 71; 237).

O consumo humano está em conflito com a natureza e com o projeto de Deus na criação. Cuidar da terra, da água, do ecossistema significa reduzir o consumo, reciclar, reaproveitar e reutilizar o que já usamos; é resolver os problemas da poluição da água, do esgoto, do lixo, do ar, entre outros (cf. LS 23; 50). Trata-se de salvar o planeta Terra e a humanidade de um desastre global, de superar o capitalismo e pensar formas alternativas de produzir.

No Novo Testamento Jesus usa a natureza para anunciar a chegada do Reino de Deus, conta parábolas, faz milagres (cf. LS 98; 100). Deus se comunica com a humanidade através do livro da natureza, da diversidade da vida, da riqueza de tudo o que forma o mundo em que vivemos (cf. LS 80).

### Francisco de Assis, padroeiro da ecologia

Como assinalamos anteriormente, o nome da Encíclica foi inspirado no Cântico das criaturas de Francisco de Assis, “Louvado sejas, meu Senhor”, que relembra a Terra como a nossa “Casa Comum”. O papa João Paulo II, em Carta Apostólica de 29 de novembro de 1999, proclamou Francisco de Assis “celestes padroeiro dos cultores da ecologia”, modelo de relacionamento com a natureza, de uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade.

Ele soube contemplar e valorizar as coisas pelo valor mais profundo que apresentavam como criaturas de Deus. Cultivou a sobriedade no uso das criaturas, como nos mostra o seu testemunho no Cântico das Criaturas. Francisco de Assis, amado e respeitado por muitos que não são cristãos e inspirador do papa Francisco. Ele manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados, com um coração universal. Místico e peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e com si mesmo (LS 10).

Francisco de Assis tem preocupação com a natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior. Ele acende no nosso tempo “aquela sublime fraternidade com a criação inteira, que viveu de maneira tão elucidativa” (LS 221). A espiritualidade cristã, a par da admiração contemplativa das criaturas que encontramos em São Francisco de Assis, desenvolveu também uma rica e sadia compreensão do trabalho, como podemos encontrar em tantos outros exemplos na Vida Religiosa Consagrada, preocupados com a criação e com o universo através da história (cf. LS 126).

A harmonia vivida por Francisco de Assis com todas as criaturas tem sido interpretada como uma reparação da ruptura. Dizia São Boaventura que, através da reconciliação universal com todas as criaturas, Francisco voltará de alguma forma ao estado de inocência original. Longe deste modelo, o pecado manifesta-se hoje, com toda a sua força de destruição, nas guerras, nas várias formas de violência e abuso, no abandono dos mais frágeis, nos ataques contra a natureza (LS 66).

Lembremos sempre o modelo de Francisco de Assis, para propor uma sã relação com a criação como dimensão da conversão integral da pessoa. Isto exige também reconhecer os próprios erros, pecados, vícios ou negligências, e arrepender-se de coração, mudar a partir de dentro (LS 218).

## Viver uma nova dimensão da Vida Religiosa Consagrada

Que o Deus da Vida nos ajude a viver com alegria e responsabilidade a missão de cuidar da Casa Comum! Que tal realizarmos o esforço de evitar o consumismo? Que a encíclica *Laudato Si'* do papa Francisco seja sempre inspiradora no cuidado da “Casa Comum”. Embora saibamos que não é fácil reformular hábitos e comportamentos, a educação e a formação continuam sendo desafios centrais, pois toda mudança tem necessidade de motivações e de um caminho educativo (cf. LS 15), que envolvem todos os ambientes educacionais: a escola, a família, os meios de comunicação e a catequese (LS 213).

Precisamos fazer o nosso exame de consciência como Vida Religiosa Consagrada, que inclua uma nova dimensão para considerar não apenas como se vive a comunhão com Deus, com os outros, com si mesmo, mas também com todas as criaturas e a natureza, inspirados na figura de Francisco de Assis, padroeiro da ecologia. Necessitamos viver os votos em uma nova dimensão: a *Pobreza* como desapego ao consumismo, que destrói e mata a “Casa Comum”, contrário ao projeto criativo de Deus; a *Castidade* como relação afetiva e efetiva com Deus no cuidado e na preservação da natureza e da justiça para com os pobres; a *Obediência* como compromisso com a criação, de cuidar, de zelar, de participar, não de destruir ou oprimir a natureza. Portanto, “a conversão ecológica que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura é também uma conversão comunitária” (LS 219).

Como consagrados/as somos convidados/as a diminuir o consumo pessoal e comunitário em seus vários aspectos; a lutar por melhorias nas cidades que contribuam para o bem-estar, saúde e cuidado com o meio ambiente; a trabalhar pela conscientização dos membros da comunidade sobre as questões ecológicas, como o efeito estufa e as mudanças climáticas; a diminuir os gastos energéticos; a plantar árvores em jardins, parques e lugares em que houve

desmatamento; a cooperar em programas ecológicos em andamento na sociedade; a denunciar descansos de empresas e no poder público.

É também necessário assumirmos o encargo de corrigir os atentados para com a natureza, como incêndios e corte de árvores, e exigirmos do governo que coíba desmates de grandes proporções, como acontece na Floresta Amazônica; assim como organizar e mobilizar a população em favor da recriação de áreas de floresta, com toda a biodiversidade em cada bioma.

Além do mais, precisamos favorecer alternativas ao agrobusiness, como a pequena produção camponesa, privilegiando a compra de produtos orgânicos e os produzidos na região; cultivar os canteiros nos quintais, ao invés de cobri-los de concreto; desenvolver políticas públicas preventivas e de superação de situações de risco.

O cuidado com a “Casa Comum” pode e deve ser uma resposta ao amor redentor de Deus. Com o Criador podemos e devemos ser cuidadores, criadores e mantenedores, ajudando a salvaguardar o direito e a dignidade de vida das gerações futuras.

Acreditamos que análises feitas sobre a ecologia são boas, mas não suficientes; além disso, são necessárias propostas de diálogo e de ação que nos envolvam, para que cada um de nós seja a política internacional (LS 15), para sairmos da espiral de autodestruição em que estamos afundando (LS 163).

### A Campanha da Fraternidade 2016: “Casa Comum, nossa responsabilidade”

A Campanha da Fraternidade 2016 vem ao encontro da encíclica *Laudato Si'* do papa Francisco, com o tema: “Casa Comum, nossa responsabilidade”. Apresenta um objetivo muito específico: assegurar o direito ao saneamento básico para todas as pessoas e empenharmo-nos, à luz da fé, por políticas públicas e atitudes responsáveis que garantam a integridade e o futuro de nossa Casa Comum.

Sabemos que o saneamento básico passa não só por questões de ordem sanitária, mas também de justiça social e ambiental. De acordo com o texto-base da Campanha da Fraternidade, no mundo um bilhão de pessoas não têm saneamento básico. Mais de quatro mil crianças morrem por ano por falta de acesso à água potável e ao saneamento básico. Na nossa América Latina, as pessoas têm mais acessos aos celulares que ao saneamento básico, o que indica ser um desafio esta realidade.

Sabemos que a água é o recurso mais abundante no planeta Terra, contudo, muitos povos passam sede, pois uma minoria está disponível para o consumo humano. A grande maioria deste líquido é formada por águas salgadas, geleiras e águas subterrâneas de difícil captação. O risco de desabastecimento em larga escala é uma ameaça nas áreas áridas e nas grandes cidades. Num futuro próximo, a busca pela água será capaz de provocar disputas internacionais.

O alimento e a água são fontes primárias e indissociáveis de vida no Planeta. Não haverá combate eficaz contra a fome, se não houver garantia de acesso à água e ao saneamento básico. As mesmas exigências éticas requerem uma mudança de mentalidade para superarmos o egoísmo e a concentração dos bens e da renda em mãos de poucos e nos impelem a um uso solidário dos recursos hídricos, em suas várias formas, evitando todo desperdício e construindo relações solidárias.

O atendimento às necessidades básicas comuns a todos exige definição e execução de políticas públicas adequadas ao problema e requer o envolvimento de toda a população, conscientizada de seus direitos e deveres e mobilizada para defendê-los contra a corrupção, a violência e a omissão.

O bem comum não se restringe apenas à relação dos seres humanos entre si, mas também destes com a natureza, que deve ser cuidada com gratidão e respeito. O uso da natureza e dos bens materiais deve acontecer de forma justa e voltada para a construção de uma coletividade com mais igualdade, ao invés de serem utilizados para suprir a ganância de alguns.

## Considerações finais

Enxergar a natureza apenas a partir do poder econômico capitalista é contrário ao projeto criativo de Deus. Devemos pensar que a natureza criada por Deus nos convida para o desenvolvimento sustentável, sem devastação ambiental, em respeito à natureza e aos direitos das populações locais tradicionais, como os grupos indígenas, os negros, os camponeses, entre outros.

O território é o espaço da vida, é a “Casa Comum”, é a morada da humanidade. Tudo é criação de Deus e faz parte da realidade sagrada. A defesa da biodiversidade nos diversos ecossistemas e a promoção do desenvolvimento sustentável e não predatório decorrerão sempre mais em benefício dos habitantes de todo o mundo. Não podemos assistir impassíveis à destruição desse patrimônio natural e cultural, do qual tanto depende o futuro bem-estar da humanidade.

Terra e humanidade são uma unidade, é a “Casa Comum”; portanto, a crise da criação é a crise da humanidade. Por conseguinte, somos convidados a mudar nossas práticas de viver e a ter novas maneiras de nos relacionarmos com a criação. Os efeitos do sistema capitalista neoliberal destrutivo são sentidos através das mudanças climáticas, do aquecimento global; deste modo, mudamos nossos hábitos ou todos os seres vivos do Planeta morreremos. Neste sentido, é necessária uma nova política para a atuação rápida e urgente ante as mudanças climáticas.

A preocupação com a “Casa Comum” nos chama para uma conversão de hábitos. Hoje, mais do que nunca, somos convidados a cuidar e zelar pela criação de Deus e abandonar o modelo neoliberal que acaba destruindo a Terra, a vida e a humanidade. Somos desafiados a viver uma nova ética e a espiritualidade ecológica.

## Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em grupo

1. Que tipo de mundo estamos deixando a quem vai suceder-nos?
2. Por que o papa Francisco, na Encíclica *Laudato Si'*, apresenta preocupação com os pobres e com o meio ambiente?
3. Qual é a relação entre esta Encíclica e a Campanha da Fraternidade?
4. O que podemos fazer de concreto para cuidar da “Casa Comum”?

## Vida Consagrada e Ano da Misericórdia

\* **Ir. Marcelo Cesar Salami** é religioso leigo associado ao Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs – Lassalistas (FSC), com formação universitária em Filosofia e Psicopedagogia Clínica e Institucional. É mestre em Educação, membro da Diretoria da Rede La Salle e diretor de Formação e Acompanhamento da Província La Salle Brasil-Chile. **E-mail:** marcelo.salami@lasalle.org.br.

\*\* **Ir. Marcos Antonio dos Santos** é religioso leigo associado ao Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs – Lassalistas (FSC), com formação universitária em História. Atualmente cursa bacharelado em Teologia. É membro da Comissão de Formação e Vida Consagrada da Província La Salle Brasil-Chile e da Coordenação Nacional das Novas Gerações da Vida Consagrada. **E-mail:** marcos.santos@lasalle.org.br.

1 *O nome de Deus é misericórdia:* uma conversa com Andrea Torielli. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016, p. 137.

IR. MARCELO CESAR SALAMI\*  
IR. MARCOS ANTONIO DOS SANTOS\*\*

*Somos chamados a servir Jesus crucificado em cada pessoa marginalizada. A tocar a carne de Cristo em quem é excluído, tem fome, tem sede, está nu, preso, doente, desempregado, perseguido ou refugiado. Ali encontramos o nosso Deus, ali tocamos o Senhor.*

Papa Francisco<sup>1</sup>

A partir de 8 de dezembro de 2015, por ocasião da Solenidade da Imaculada Conceição, iniciou-se um tempo especial para a Igreja Católica: a *abertura oficial do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*.

Convém lembrar que os Jubileus são celebrados ordinariamente a cada 25 anos; fora dessa sequência, são Jubileus Extraordinários. O último Jubileu da Igreja foi proclamado pelo papa João Paulo II para comemorar os 2000 anos do nascimento de Cristo. Esse novo Jubileu, convocado pelo papa Francisco, contempla o mistério da misericórdia *como fonte de alegria, serenidade e paz*.

Como nos recorda o papa Francisco, na Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia (*Misericordiae Vultus*), este Ano Jubilar quer celebrar o modo misericordioso do agir de Deus desde os primórdios da nossa história.

Precisamos sempre contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação.

Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.<sup>2</sup>

Para além desse sentido, o dia 8 de dezembro de 2015 também recorda que há 50 anos se dava a conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II, acontecimento eclesial mais importante do século XX, que indicou caminhos para novas formas de viver e expressar o mistério cristão. *A Mensagem do Concílio ao Mundo*, datada de 20 de outubro de 1962, não mais que duas semanas após sua abertura, destacava, entre outras coisas:

Continuamente voltamos nossos corações a todos os anseios que afligem os seres humanos hoje... A exemplo de Cristo, nutrimos comovida compaixão pela multidão fortemente castigada pela fome, pela miséria e pela falta de educação; constantemente nos dirigimos aos desprovidos das ajudas necessárias, que ainda não alcançaram uma vida digna de pessoa humana [...].<sup>3</sup>

Por tantos anseios nos corações humanos, não é sem razão que o papa Francisco instituiu um Jubileu Extraordinário da Misericórdia. É seu desejo que neste Ano Santo da Misericórdia toda pessoa de fé possa fazer a experiência de abrir-se à misericórdia de Deus, a si mesmo e ao seu coração, permitir que Jesus venha ao seu encontro, aproximando-se e celebrando com confiança o Sacramento da Reconciliação. E, acima de tudo, procurar ser misericordioso com os outros.<sup>4</sup> Com suas palavras e ações, o Santo Padre tem promovido muitas traduções práticas (e não apenas retóricas), segundo a letra e o espírito do Concílio Vaticano II, na vida da Igreja. Não é exagero afirmar que, depois de João XXIII, Francisco é o Papa do Vaticano II, pois tem retomado sua principal mensagem: *uma Igreja de reconciliação, de compaixão,*

2 *Misericordiae Vultus*, n. 2.

3 Apud O'MALLEY, 2015, p. 4.

4 *O nome de Deus é misericórdia:* uma conversa com Andrea Torielli. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016, p. 135.

de misericórdia. A ternura e a misericórdia, portanto, se mostram como dimensões centrais do seu magistério.

Este Jubileu Extraordinário da Misericórdia, além de assinalar o cinquentenário do Concílio Ecumênico Vaticano II, concluído em 8 de dezembro de 1965, foi também estabelecido, pelo papa Francisco, na perspectiva da *Nova Evangelização*,<sup>5</sup> com o objetivo de anunciar e testemunhar a misericórdia de Deus, que é *condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. Em suas palavras:

A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que, por meio dela, deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém. No nosso tempo, em que a Igreja está comprometida na nova evangelização, o tema da misericórdia exige ser repropósito com novo entusiasmo e uma ação pastoral renovada. É determinante para a Igreja e para a credibilidade do seu anúncio que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia. A sua linguagem e os seus gestos, para penetrarem no coração das pessoas e desafiar-las a encontrar novamente a estrada para regressar ao Pai, devem irradiar misericórdia.<sup>6</sup>

Por isso, o Jubileu é tempo favorável para nos voltarmos para Deus de todo o coração, para louvar e agradecer com júbilo pelas graças recebidas; é também tempo conveniente para acolher graças especiais de Deus, através do serviço da Igreja, e para buscar mais intensamente o *encontro* com ele e com os irmãos e irmãs.

Apesar de nossa fé, muitas vezes, esquecemos de louvar e agradecer<sup>7</sup> ao Senhor por tantas graças concedidas às nossas Províncias, às nossas Comunidades, a nós mesmos. Cultivar a gratidão a Deus, ao próximo e à natureza é uma forma muito concreta de vivermos o amor que nos pede o Evangelho.

No Jubileu, somos chamados à conversão dos costumes e de vida, ao arrependimento, à reconciliação com Deus e com o próximo, e a renovar-nos espiritualmente mediante

5 “Nova Evangelização obviamente não quer dizer novo Evangelho; ela quer expressar o mesmo Evangelho de Jesus Cristo nessa nova situação de maneira nova. Ele retoma a mensagem fundamental tanto da Escritura como da tradição dos Padres, que diz o seguinte: Deus é um Deus dos seres humanos, que quer estar e habitar junto a nós, conosco, entre nós e dentro de nós e esse ser com, junto de e em Deus é a realização plena e última e a verdadeira felicidade do ser humano” (KASPER, 2012, p. 423-424).

6 *Misericordiae Vultus*, n. 12.

7 Cf. STEINDL-RAST, 2014.

a experiência do perdão daquele que é *rico em misericórdia e maior que nossa consciência* e que *tudo sabe* (cf. Ef 2,4; 1Jo 3,18-20).

Não é preciso repetir que muitas de nossas doenças têm sua origem no ressentimento e ódio nutridos por nós mesmos. A reconciliação é o caminho que conduz à fonte certa de alegria, serenidade e paz. Muitas de nossas *Regras e Constituições* dizem que a *comunidade* é o *lar* dos/as religiosos/as. Então, por que não vivermos esse desafio de transformar nossas comunidades num espaço mais acolhedor, afetivo, de maior compreensão? O convite que nos faz a Igreja é justamente a oportunidade para retomarmos uma de nossas dimensões constitutivas. A construção da *cultura vocacional* também é resultado de nossas vivências fraternas, ou seja, da qualidade de nossa vida comunitária. Os/as jovens sentem-se atraídos/as por ambientes fraternos e repelidos/as por ambientes hostis.<sup>8</sup>

O Ano Jubilar terminará oficialmente na solenidade litúrgica de Jesus Cristo Rei do Universo, em 20 de novembro de 2016. Porém, pelo convite do papa Francisco, somos todos/as interpelados/as a fazer com que os anos futuros sejam repletos de misericórdia; *que, vivendo juntos/as a alegria de nossa missão*, saibamos *compartilhar as razões de nossa fraternidade*, levando a todos e todas a bondade e a ternura de Deus.

O Jubileu Extraordinário da Misericórdia também nos deve alertar para a realidade do mal. Conforme salienta Torres Queiruga: “O mal, quando a finitude – puramente física ou livremente culpável – o produz, não é nem querido nem permitido por Deus, senão oposto à sua intenção e suportado conosco e por nós”.<sup>9</sup> Que saibamos atentar para isso e concentrar nossos esforços não na construção do inferno,<sup>10</sup> mas em relações comunitárias fraternas. Isso, tendo presente que o *inferno*<sup>11</sup> começa a ser construído na terra pelas relações que instituímos com os outros, se nelas estão ausentes o amor, a misericórdia, a compaixão, a ternura, a acolhida. Elas se cristalizam, cada vez mais, no ódio, na rejeição, na frialdade, no absoluto encapsulamento em si mesmo.

8 “A fidelidade no discipulado passa e é provada, finalmente, pela experiência da fraternidade, lugar teológico, no qual somos chamados a nos sustentar no sim alegre ao Evangelho” (ALEGRAI-VOS. Carta circular do Magistério do Papa Francisco aos Consagrados e às Consagradas. 2 de fevereiro de 2014. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 28-29).

9 TORRES QUEIRUGA, 2011, p. 291.

10 É significativo, nesse sentido, o diálogo das personagens de um recente romance português: “O inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes. Dura pelo engenho

O pior inferno acontece se somos este egoísta, narcisista, fechado. Tornamo-nos inferno para os outros, porque somos nós mesmos infernos para nós mesmos. Quem criou tal inferno? Foi Deus? Não. Foram a nossa liberdade e as nossas decisões, nutridas e corroboradas com muitas outras. Há, sem dúvida, um nível pessoal em que unicamente eu sou o plasmador do inferno. A frase de Sartre adquire plena verdade quando o eu se faz absoluto no sentido forte da etimologia. *Ab-soluto* – estar separado de todo liame, de toda relação –, isto é, separado de todo outro ser humano. Eis aí o inferno. E o conjunto de seres assim se constitui o inferno coletivo.<sup>12</sup>

Este artigo não pretende apenas repetir as palavras do papa Francisco, mas oferecer algumas reflexões para celebrarmos bem este tempo favorável, a fim de tornar mais forte e eficaz o nosso testemunho de seguidores e seguidoras de Jesus de Nazaré.

As grandes motivações para a celebração deste Ano, além de indicações importantes sobre como celebrar esse tempo especial da graça de Deus, nos são apresentadas pelo papa Francisco na Bula *Misericordiae Vultus*.

Aproveitemos este Ano Santo da Misericórdia como tempo oportuno para viver e testemunhar nossa vocação em sintonia com aquilo a que a Igreja nos desafia. Identifiquemos quais práticas podemos programar, em nível pessoal e comunitário, que respondam ao convite da Igreja.

Oxalá nossos Projetos de Vida, Comunitários e Provinciais, fiquem enriquecidos com a proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia! Que saibamos traduzir, com nossas vidas e ações, os grandes propósitos deste tempo favorável, e não nos esqueçamos do que nos recorda o papa Francisco:

Espero de vós o mesmo que peço a todos os membros da Igreja: sair de si mesmo para ir às periferias existenciais. A humanidade inteira aguarda: pessoas que perderam toda a esperança, famílias em dificuldade, crianças abandonadas, jovens a quem está vedado qualquer futuro, doentes e idosos abandonados, ricos

que tiver e perece como um atributo indiferenciado do planeta. Parece como uma coisa qualquer” (MÂE, 2014, p. 15).

11 “A partir dessa situação, podemos definir exatamente o significado desse termo: ele designa uma solidão em que o amor já não penetra e que representa, por isso mesmo, o abandono propriamente dito da existência” (RATZINGER, 2012, p. 221).

12 LIBANIO, 2005, p. 93.

saciados de bens mas com o vazio no coração, homens e mulheres à procura do sentido da vida, sedentos do divino...

Não vos fecheis em vós mesmos, não vos deixeis asfixiar por pequenas brigas de casa, não fiquéis prisioneiros dos vossos problemas. Estes resolver-se-ão se sairdes para ajudar os outros a resolverem os seus problemas, anunciando-lhes a Boa-Nova. Encontrareis a vida dando a vida, a esperança dando esperança, o amor amando.

De vós espero gestos concretos de acolhimento dos refugiados, de solidariedade com os pobres, de criatividade na catequese, no anúncio do Evangelho, na iniciação à vida de oração. Consequentemente almejo a racionalização das estruturas, a reutilização das grandes casas em favor de obras mais cónsonas às exigências atuais da evangelização e da caridade, a adaptação das obras às novas necessidades.

Espero que cada forma de vida consagrada se interrogue sobre o que pedem Deus e a humanidade de hoje.

[...] ninguém deveria subtrair-se a um sério controle sobre a sua presença na vida da Igreja e sobre o seu modo de responder às incessantes e novas solicitações que se levantam ao nosso redor, ao clamor dos pobres.<sup>13</sup>

Como herdeiros/as de um patrimônio que tem sua origem e finalidade no serviço aos pobres, é lenitivo recordar o significado original da palavra latina *misericordia*, pois a mesma quer dizer ter o coração (*cor*) com os pobres (*miseri*), sentir afeto pelos pobres.<sup>14</sup> Nas palavras do papa Francisco, misericórdia “significa abrir o coração ao miserável” e “é a carteira de identidade do nosso Deus”.<sup>15</sup> Neste sentido humano global, o Cardeal Walter Kasper (2015) caracteriza a misericórdia como “a atitude de quem transcende o egoísmo e o egocentrismo e não tem o coração centrado em si mesmo, mas centrado nos outros, em especial nos pobres e nos afligidos por todo tipo de misérias”. E o autor prossegue: “Transcender-se a si mesmo até aos outros, esquecendo-se assim da sua pessoa, não é debilidade, mas fortaleza. Nisso consiste a verdadeira liberdade”.

13 FRANCISCO, Carta apostólica às Pessoas Consagradas para Proclamação do Ano da Vida Consagrada (21 de novembro de 2014), n. 4 e 5.

14 Cf. KASPER, 2015, p. 36.

15 *O nome de Deus é misericórdia: uma conversa com Andrea Tornielli*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016, p. 37.

Dessa forma, podemos concluir que *a misericórdia é a opção de Deus pela vida*, pois ele *mostra-se especialmente solícito com os débeis e os pobres*.<sup>16</sup> Isso vai tão longe que Deus não só defende os pobres e os humildes, mas une o destino deles a seu próprio destino histórico.<sup>17</sup> *A opção pelos pobres* “transforma-se, de fato, na *marca inconfundível do anúncio e do destino de Jesus*. Eleva-a à proclamação inaugural – ‘os pobres são evangelizados’ –, transforma-a em tema central – ‘felizes os pobres’ – e estabelece-a como critério definitivo – ‘porque tive fome e me destes de comer...’”.<sup>18</sup> Sendo assim, lembrar *que estamos na santa presença de Deus* supõe necessariamente um impulso salvador para todo necessitado. Salvador até diante da própria justiça humana, porque o mais das vezes a justiça legal transforma-se também na institucionalização da injustiça exercida pelos mais poderosos, pelos mais fortes.

Concluimos com as palavras do papa Francisco, pronunciadas durante a Audiência Geral, ocorrida na Praça de São Pedro, no dia 29 de maio de 2013:

[...] é bom saber que, quando nos damos conta de que somos pecadores, encontramos a misericórdia de Deus, que perdoa sempre. Não o esqueçais: Deus perdoa sempre e recebe-nos no seu amor de perdão e misericórdia. Alguns dizem que o pecado é uma ofensa a Deus, mas é também uma oportunidade de humilhação, para nos darmos conta de que existe algo melhor: a misericórdia de Deus. Pensemos nisto.

## Referências

16 Cf. KASPER, 2015, p. 75.

17 Cf. TORRES QUEIRUGA, 1988; MOLTSMANN, 2014; PIXLEY & BOFF, 1986; SOBRINO, 1994.

18 TORRES QUEIRUGA, 2001, p.

- ALEGRAI-VOS. Carta circular do Magistério do Papa Francisco aos Consagrados e às Consagradas (2 de fevereiro de 2014). São Paulo: Paulinas, 2014.
- FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*: Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia (11 de abril de 2015).
- \_\_\_\_\_. *O nome de Deus é misericórdia*: uma conversa com Andrea Tornielli. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.
- KASPER, Walter. *A Igreja Católica*: essência, realidade, missão. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2012.

- \_\_\_\_\_. *A misericórdia*: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã. São Paulo: Loyola; Portugal: Príncipia Editora, 2015.
- LIBANIO, João Batista. *Qual o caminho entre o crer e o amar?* 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- MÃE, Valter Hugo. *A desumanização*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- MOLTSMANN, Jürgen. *O Deus crucificado*: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã, 2014.
- O'MALLEY, John. Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, v. 12, n. 94, 2015.
- PIXLEY, Jorge; BOFF, Clodovis. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- RATZINGER, Joseph (Bento XVI). *Introdução ao cristianismo*: preleções sobre o símbolo apostólico. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar o mal*: da ponerologia à teodiceia. São Paulo: Paulinas, 2011.
- SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*: descer da cruz os povos crucificados. Petrópolis: Vozes, 1994.
- STEINDL-RAST, David. *La gratitud, corazón de la plegaria*: una aproximación a la vida en plenitud. Ediciones Mensajero, S.A., 2014.
- TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*: por uma nova imagem de Deus. São Paulo: Paulinas, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Opción por los pobres*: la justicia del Dios Cristiano. Madrid: SM, 1988.

## Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em grupo

1. Como podemos traduzir com nossas vidas e ações os propósitos do Jubileu Extraordinário da Misericórdia?
2. O que há em comum entre o Ano da Vida Consagrada e o Jubileu Extraordinário da Misericórdia?
3. Quais práticas podemos programar em nível pessoal e comunitário que respondam ao convite da Igreja acerca da misericórdia?



## ASSINATURAS

*Prezado(a) assinante,*

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 135,00 (para o Brasil)
- R\$ 189,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <[crbnacional.org.br](http://crbnacional.org.br)>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br))
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 2863-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

**[convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br)**

ou pelo telefone **(61) 3226-5540**

ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).